

Summa

Revista Universitária SUMMA da **ustm** | Edição Especial | Ano 2023



**Uma História de Sua
Eminência Cardeal
Dom Alexandre José
Maria dos Santos**

*A vida e obra de Sua Eminência
Cardeal Dom Alexandre José
Maria dos Santos*

Página 03

Editorial	04
<i>Joseph M. Wamala, Ph.D.</i>	
01 Uma Universidade Tomista Em Moçambique “Um Olhar Sobre Ustm Ontem, Hoje E Amanhã!”	05
<i>Joseph M. Wamala, Ph.D.</i>	
02 A ética e dignidade humana na ustm à luz do lema e filosofia “ <i>servir e não ser servido</i> ” do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos humanista e pedagogo.	28
<i>Celson Bahule, Ph.D.</i>	
03 A Indissociabilidade Da Tríade Ensino, Pesquisa E Extensão Como Paradigma Do Ensino Superior: O Caso Da USTM	38
<i>Jorgete de Jesus, Ph.D. & Anselmo Orlando Pinto, Ph.D.</i>	
04 Dom Alexandre José Maria dos Santos e o Lema: “Servir e não ser Servido”	52
<i>Juliveva Ernesto Sitei</i>	
05 Análise e Perspetivas de “Servir e não ser servido” Um olhar a partir da USTM	68
<i>Doutoranda Catarina F. M. Wamala</i>	
06 Dom Alexandre, ícone da afirmação da dignidade humana	79
<i>Jean Mukuna Ndaya, Ph.D.</i>	
07 Dom Alexandre – Um Arauto da Emancipação da Mulher	90
<i>Mestre Hélio Tiago Guiliche</i>	

Ficha Técnica

PROPRIEDADE: Universidade São Tomás de Moçambique; www.ustm.ac.mz; Call Center: +258 843013013/ 21327274.

DIRECÇÃO: Direcção Científica.

COLABORADORES / PESQUISADORES: Joseph M. Wamala, Ph.D., Celson Bahule, Ph.D., Jorgete de Jesus, Ph.D., Anselmo Orlando Pinto Ph.D., Juliveva Ernesto Sitei, Doutoranda Catarina F. M. Wamala. Jean Mukuna Ndaya Ph.D., Mestre Hélio Tiago Guiliche

EDITOR: Joseph M. Wamala, Ph.D.

EQUIPE EDITORIAL: Prof. Doutor Anselmo Orlando Pinto, Mestre Vicente Halle.

REVISÃO LINGUÍSTICA: Doutor Silvío Dava.

DESIGN & MARKETIZAÇÃO: Elias António Pereira.

PERIODICIDADE: Semestral.

PUBLICIDADE: Departamento de Comunicação, Imagem & Marketing da USTM, Avenida Ahmed Sekou Touré nr. 610 - Maputo – Moçambique.

DISTRIBUIÇÃO: Electrónica. ISSN: (2076-2690).



*Cardeal Dom Alexandre José
Maria dos Santos
(em memória)*



Editorial (Summa - Especial)

Desde cedo se manifestou em Sua Eminência Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, um desejo profundo de contribuir de forma pessoal para o desenvolvimento do povo moçambicano, considerando o homem no seu todo. A formação humana, nas suas diferentes vertentes, a cultural, académica, técnica, mas sobretudo a moral cívica, foi um dos objectivos maiores traçados por ele desde sempre.

Em diversas ocasiões, Sua Eminência manifestou esta preocupação de que o nosso país não pode tornar-se totalmente livre e independente enquanto não alcançar níveis superiores na educação e formação para os seus filhos, quer em quantidade, quer em qualidade. A luta contra o atraso no desenvolvimento a vários níveis, a proliferação de doenças, cuja a cura se torna difícil por falta de domínio da ciência e da técnica, a dependência em relação ao exterior, nos ramos económico, político e cultural, entre outros, são os mais importantes factores que determinaram que ele se envolvesse, pessoalmente, na criação de condições de educação para o povo moçambicano, sobretudo as suas camadas mais desfavorecidas.

Para o efeito, Sua Eminência Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos fundou 1) a Congregação das Irmãs Franciscanas da Nossa Senhora Maria Mãe de África; 2) a Fundação Cardeal Dom Alexandre dos Santos; e 3) a Universidade São Tomás de Moçambique. Tanto a Congregação das Irmãs, como a Fundação e a Universidade, surgiram com o propósito único de perseguir fins que convergem para o desenvolvimento integral da sociedade moçambicana, cultivando um profundo respeito pela dignidade da pessoa no seu todo e empenhar-se na erradicação da pobreza absoluta.

Sobre o lema *Servir e não Ser Servido*, a Congregação das Irmãs, a Fundação e a Universidade continuam hoje as obras e o legado de Sua Eminência Dom Alexandre José Maria dos Santos.

Tendo se assinalado no mês de Setembro de 2022, o primeiro aniversário do desaparecimento físico de



Sua Eminência Dom Alexandre, a Universidade São Tomás de Moçambique realizou nos dias 06-07, uma conferência com o intuito de celebrar a vida e obra do seu fundador, um gesto de gratidão e de fidelidade à obra por ele iniciada.

A conferência teve lugar na USTM – Maputo; e contou com a participação de prestigiosos convidados do mundo científico e universitário e da sociedade civil em geral. Para esta conferência, foram definidos dois eixos temáticos que permitia atender, de forma operacional, às demandas epistemológicas no que toca à produção científica da comunidade académica e demais interessados: 1) Dom Alexandre – Igreja e Sociedade e, 2) Dom Alexandre – Humanista e Pedagogo. Portanto, os sete artigos que corporizam esta edição especial da Summa, gravitam em torno destes dois eixos e são eles:

1. Uma Universidade São Tomás em Moçambique: Um Olhar sobre a USTM de Ontem, de Hoje e de Amanhã! – Joseph M. Wamala;
2. A ética e dignidade humana na USTM, à luz do lema e filosofia do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos humanista e pedagogo - Celson Bahule;
3. Dom alexandre, ícone da afirmação da dignidade humana - Jean Mukuna Ndaya;
4. Dom Alexandre – Um Arauto da Emancipação da Mulher - Hélio Guiliche;
5. Dom Alexandre José Maria dos Santos e o seu lema: “servir e não ser servido” – Juliveva Sitoi;
6. Análise e Perspectivas de “Servir e não ser servido” Um olhar apartir da USTM – Catarina Wamala;

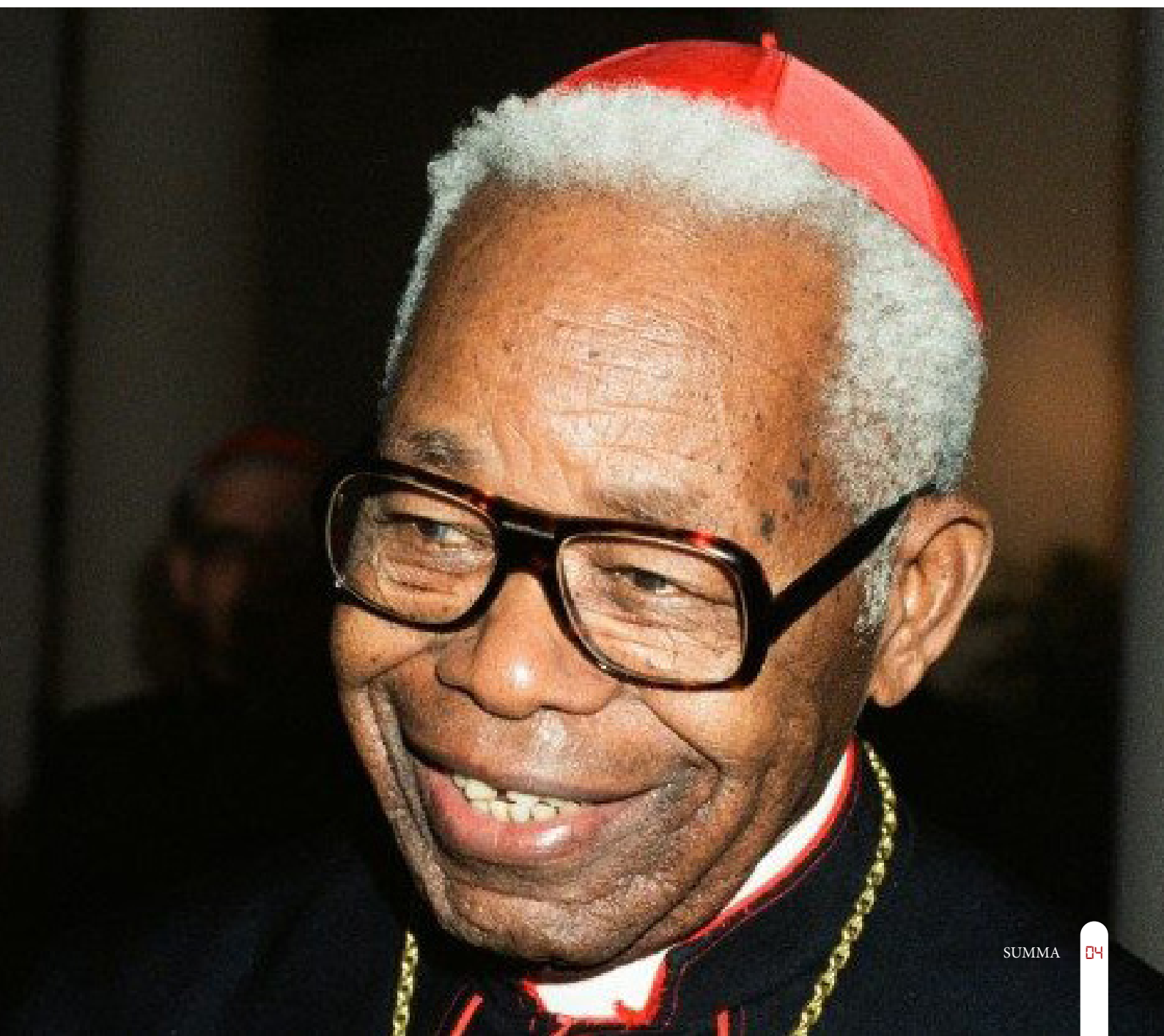
7. A indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão como paradigma da educação superior: o caso da USTM - Anselmo Orlando Pinto & Jorgete de Jesus.

A conferência foi uma oportunidade para a partilha de diferentes abordagens sobre a vida e obra de Dom Alexandre, e os resultados dos trabalhos do evento e que constam nesta edição especial, podem servir de inspiração para uma melhor gestão, primeiro da USTM, e segundo, das comunidades humanas no ger-

al. À luz da vida e obra de Dom Alexandre, pode-se encontrar, igualmente, propostas de solução para os numerosos problemas sociais que uma sociedade tão complexa como a nossa apresenta.

O Editor:

Prof. Dr. Joseph Wamala, Reitor



UMA UNIVERSIDADE TOMISTA EM MOÇAMBIQUE

Um olhar sobre a USTM ontem, hoje e amanhã!

Joseph M. Wamala, PhD

Email: joseph.wamala@ustm.ac.mz

Resumo:

Sua Eminência O Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, OFM, fundou a Congregação de Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Maria Mãe de África, a Fundação Cardeal Dom Alexandre dos Santos e a Universidade São Tomás de Moçambique com o objectivo do desenvolvimento integral do Povo Moçambicano, imbuído de profundo respeito pela dignidade da pessoa e a erradicação da pobreza absoluta. Com este trabalho, pretende-se saber a natureza e o objectivo da educação pretendida pelos fundadores da USTM e o que deve ser uma Universidade tomista em Moçambique hoje. Pois, ao acolher uma instituição tomista, os fundadores da Universidade São Tomás de Moçambique acolheram igualmente o tomismo em Moçambique. Pelo que se pretende investigar a relevância de uma instituição tomista em Moçambique de hoje e as características que uma Universidade tomista deve demonstrar visivelmente. Pois, existem certas características chave que uma Universidade tomista deve sempre demonstrar, independentemente da sua localização e do seu tempo.

Palavras-Chave: *universidade, tomismo, educação liberal, ensino superior*

Abstract:

His Eminence Cardinal Dom Alexandre José Maria dos Santos, OFM, founded the Congregation of the Franciscan Sisters of Our Lady of the Mother of Africa, the Cardinal Dom Alexandre dos Santos Foundation, and the University of St. Thomas of Mozambique with the aim of contributing to the integral development of the Mozambican people, imbued with deep respect for the dignity of the person and the eradication of absolute poverty. With this work, we intend to know the nature and the objective of education intended by the founders of USTM, and what a Thomistic university should be in Mozambique today. In welcoming a Thomist institution, the founders of the University of St. Thomas of Mozambique also brought Thomism to Mozambique. Therefore, we intend to investigate the relevance of a Thomist institution in Mozambique today, and the characteristics that a Thomist university should visibly demonstrate. There are certain key characteristics that a Thomist university should always demonstrate regardless of its location and time.

Key words: *university, Thomism, liberal education, higher education.*

1. Introdução

Sua Eminência O Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, OFM, sempre se sentiu chamado a contribuir de forma pessoal no desenvolvimento do Povo Moçambicano. Entre as suas várias realizações e iniciativas, destacam-se: a Congregação de Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Maria Mãe de África (fundada em 22 de Agosto de 1981); a Fundação Cardeal Dom Alexandre dos Santos (criada em 30 de Junho de 2004); e a Universidade São Tomás de Moçambique – USTM (criada em 20 de Agosto de 2004). Todas estas instituições foram criadas pela mesma pessoa e com o mesmo objectivo, a saber: o desenvolvimento integral do Povo Moçambicano, imbuído de profundo respeito pela dignidade da pessoa e a erradicação da pobreza absoluta.

Com este trabalho, pretendemos fazer uma abordagem sobre uma das obras criadas por Sua Eminência O Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, a Universidade São Tomás de Moçambique — USTM. Sendo assim, o objectivo geral deste trabalho é reafirmar alguns dos princípios fundantes herdados do seu passado, que estão sob desafio radical no presente, e que, ao meu nosso ver, continuam a ser indispensáveis para o futuro.

O objectivo específico é investigar a relevância duma Universidade tomista em Moçambique. A nossa análise da USTM é guiada pelas seguintes perguntas:

Qual é a natureza e o objectivo da educação pretendida pelos fundadores da USTM?

O que deve ser uma Universidade tomista em Moçambique hoje?

Para respondermos a estas perguntas, usaremos uma metodologia baseada na revisão de material bibliográfico existente em livros teóricos, teses e dissertações, artigos e revistas científicas, documentos, entre outros que tratem do tema em estu-

do. Isto permitir-nos-á redescobrirmos ou reinterpretarmos os diferentes aspectos da educação pretendida pelos fundadores da USTM, por um lado e, por outro, duma Universidade tomista em Moçambique hoje.

A nossa metodologia informativa ou do tipo expositiva nos levará a recriação de um contexto teórico de pesquisa baseado em análise objectiva dos factos. Por fim, apresentaremos uma conclusão com considerações finais, na qual emitiremos a nossa opinião e sugestões possíveis para o futuro da USTM, enquanto Universidade tomista e moçambicana.

A nossa hipótese é que, ao acolher uma instituição tomista, os fundadores desta instituição acolheram igualmente o tomismo em Moçambique. Por isso, o título deste trabalho é, **UMA UNIVERSIDADE TOMISTA EM MOÇAMBIQUE: UM OLHAR À USTM DE ONTEM, HOJE E AMANHÃ.**

O trabalho apresenta uma visão geral da história da USTM, com particular ênfase para as características que uma Universidade tomista deve demonstrar, visivelmente, uma vez que existem certas características chave que uma Universidade tomista deve sempre demonstrar independentemente da sua localização e do seu tempo. Por exemplo, a Universidade tomista deve privilegiar o tomismo, como filosofia educativa. Será que a USTM é realmente instituição tomista de nome e de facto? Eis a questão que este artigo procura responder em cinco secções. A primeira apresenta a génese da USTM. A segunda secção apresenta a génese do nome São Tomás. A terceira secção é sobre a Universidade tomista em Moçambique. A quarta apresenta o futuro da USTM enquanto Universidade tomista. A última secção apresenta algumas considerações finais e recomendações para USTM.

I. A Génese da USTM

A USTM foi a primeira e continua a ser a única instituição com o nome e, talvez também, com a

filosofia tomista em Moçambique. Antes de nos ocuparmos com a temática deste trabalho, faz-se necessário voltarmos à esta instituição a fim de descobrirmos a mens fundatorum (mente dos fundadores) em criá-la.

A história da USTM pode ser apresentada a partir de Gerardo Rocha Vera. Gerardo quando era estudante do 4º ano de medicina na Pontificia Universidad Católica de Chile (PUC), em 1971, improvisou, com a sua futura esposa Carla Haardt, cursos nocturnos de curta duração de primeiros socorros nas salas de aula. Graças a aderência massiva a estes cursos, o duo começou a ministrar cursos formais para paramédicos em saúde no Instituto Luis Campino.

Devido à demanda da formação para paramédicos, em 1975, Gerardo criou o *Centro de Estudios Paramedicos y Agropecuarios PROPAM*. Mais tarde fundou o Centro de Formação Técnica *Centro Interamericano de Eucación y Cultura (CIDEC, 1981)*, o *Instituto Gastonia Gollege* em Providencia e o *Instituto del Trabajador no Centro de Santiago*. Fundou também o *Centro de Estudios Paramedicos de Santiago CEPSA*, o *Colégio Santo Tomás*, em Puerto Montt e o *Instituto Profesional de La Araucanía em Temuco*. Em 1987 criou o *Instituto Profesional Santo Tomás* e um ano mais tarde a *Universidad Santo Tomás*. Em 2002, da PROPAM e CIDEC criou o *Centro de Formación Técnica Santo Tomás*.

Com a emergência da Universidade São Tomás, Rocha completou a primeira parte do seu sonho: criar um estabelecimento educacional em todas as áreas de estudo (Escolas, Faculdades de Formação Técnica, Institutos Profissionais e Universidade). Uma vez estabelecido firmemente no Chile, Rocha voltou a sonhar; fundar nos próximos cinquenta anos uma Universidade Global de São Tomás em todos os países do mundo, outra Universidade mística para a contemplação da verdade e outra Universidade profissional para a investigação, subordinada à primeira.

Assim, Gerardo Rocha fundou a Rede Mundial de

Universidades inspiradas no pensamento de São Tomás de Aquino — Conselho Internacional das Universidades de São Tomás de Aquino (ICUSTA). A associação tem como missão principal ajudar as universidades membros a integrarem o tomismo nos seus princípios pedagógicos, investigativos e administrativos. Com a direcção de Rocha, a ICUSTA espalhou-se rapidamente por todos os continentes, com excepção em África.

Movido pelo desejo de introduzir a ICUSTA em África, Rocha viajou para África, pela primeira vez, sendo Moçambique o primeiro país que visitou, em 1998. E em todo o Moçambique escolheu visitar o Cardeal Arcebispo da Arquidiocese de Maputo, Sua Eminência o Cardeal Alexandre José Maria dos Santos.

O encontro foi por acaso (devemos dizer, gratias divinae providentiae, graças à divina providência) porque os dois homens não se conheciam antes de se encontrarem. Quando Rocha visitou o Cardeal pela primeira vez, apresentou a si próprio e o seu sonho para África e para Moçambique. Este sonho incluía a ICUSTA em África através de criação duma universidade com o nome de São Tomás.

A resposta imediata do Sr. Cardeal foi NÃO! Segundo o Dom Alexandre, todos os bispos de Moçambique, na sua Conferência Episcopal, acabavam de fundar a primeira Universidade Católica do País (criada em 1995/6). Uma outra universidade (católica) não só seria vista como concorrente, como também potencialmente perigosa para a outra.

Rocha voltou para Chile sem sucesso. Ele acreditava firmemente que a África em geral e Moçambique em particular precisava de mais instituições de ensino superior. Acreditava firmemente que nenhuma universidade no mundo era suficiente para responder à todas as necessidades educacionais de seu povo.

Em 2000, ou seja, dois anos depois, Rocha visitou novamente África e Moçambique. Desta vez, veio com um argumento diferente que o primeiro:

a nova universidade não ia competir com a Universidade Católica de Moçambique; ia complementá-la. As duas universidades iriam actuar como actuam os dois pulmões humanos, batendo juntos e alimentando juntos o corpo humano com mais oxigénio, algo que faria mais bem que mal ao país.

Além disso, argumentou, na sede da Igreja Católica em Roma, há muitas universidades católicas ao serviço a Igreja e do mundo. Estas universidades não competem entre si; elas complementam-se umas às outras. E não só. O projecto educativo da nova universidade era fundamentalmente diferente. Esta, seria uma universidade enraizada na filosofia educacional de São Tomás de Aquino, isto é, uma Universidade tomista.

Com estes argumentos, o Senhor Cardeal reconsiderou a sua posição. Até porque a nova universidade pertenceria à Arquidiocese de Maputo e não à Gerardo Rocha. Este, seria apenas um promotor da ideia, mas nunca o proprietário do projecto. Desta forma, o Sr. Cardeal encarregou-se de fundar a nova universidade como tomista. Nisto, o Senhor Cardeal, franciscano pela vocação, aceitou e abraçou um projecto dum instituição tomista em Moçambique. Devemos dizer, acolheu o tomismo em Moçambique. Interessa saber porque e para que fez isto.

Dizer que, embora a ideia de fundar a USTM tenha começado com Rocha, Dom Alexandre merece ser considerado e reconhecido como o seu verdadeiro fundador, mesmo sabendo que sem aquele talvez não o teria feito. Usando a sua capacidade como Arcebispo de Maputo, o Senhor Cardeal apresentou à Arquidiocese de Maputo a ideia de uma nova universidade; utilizou todas as ocasiões possíveis, como homilias, conferências, reuniões e visitas pastorais para sensibilizar os fiéis da necessidade de mais instituições de ensino superior no país em geral, e na Arquidiocese, em particular.

Quase sempre, a reacção foi boa e acolhedora entre os fiéis leigos do que entre os padres e irmãs.

Estes, desde o princípio, foram apreensivos com a ideia e mais tarde com o projecto. A sua preocupação foi expressa nestes termos:

já existe uma universidade católica em Moçambique, porquê ter outra? Se todos os bispos de Moçambique fundaram uma universidade, porque é que um deles ainda quer fundar a ‘sua’ própria universidade? Esta universidade não irá dividir a Igreja e, em última análise, o país? A universidade católica existente irá crescer e expandir-se por todo o país; porquê introduzir outra? A universidade católica ainda está a lutar para ser implantada; porque não investir nela tudo o que há para investir na nova universidade? O Sr. Cardeal aproximava-se da idade da reforma; porquê iniciar um projecto tão grande numa idade tão avançada como a sua?

Graças à sua convicção com a importância da ideia, do Sr. Cardeal insistiu e persistiu com o projecto no meio de oposição e críticas.

II. O nome “São Tomás”

Como vimos acima, embora o Sr. Cardeal fosse franciscano por vocação, aceitou e abraçou uma instituição de cariz tomista. Nesta secção procuramos saber porquê (e para que) um franciscano aceitou e abraçou um projecto com o nome não da tradição franciscana, mas da tradição dominicana, seja, “Universidade São Tomás de Moçambique | *University of Saint Thomas of Moçambique*”? Para respondermos a esta questão, precisamos de compreender, não só o nome mas também a razão de ser desta instituição; precisamos de conhecer Tomás de Aquino. Pois, não podemos compreender a USTM e o seu projecto formativo sem compreendermos o homem Tomás de Aquino, por um lado, e o

homem segundo Tomás de Aquino. O primeiro homem refere à pessoa de Tomás de Aquino, o segundo homem refere à doutrina tomista da pessoa humana. Por detrás da USTM existe um homem, um ideal, uma inspiração e uma filosofia enraizada na pessoa de Tomás de Aquino e na doutrina tomista da pessoa humana.

A nossa hipótese nesta secção é que o Senhor Cardeal aceitou e abraçou uma universidade com o nome *Tomás* porque conhecia, tanto a pessoa de Tomás de Aquino, como doutrina tomista da pessoa humana. Destes dois, o homem Tomás e a doutrina tomista da pessoa humana, sai a filosofia educacional e o projecto educativo tomistas. Em seguida, falaremos, primeiro, sobre a pessoa de Tomás de Aquino.

O Homem Tomás

Antes de mais, quando falamos de Tomás de Aquino estamos a falar de um homem, de nome *Tommaso*, que nasceu e viveu numa comuna ou cidade da cidade italiana de Aquino, do distrito da província de Sora de Caserta na época, hoje província de Frosinone que abrange a região de Lácio.

Tomás de Aquino nasceu por volta do final de 1224, numa família nobre, que esteve ao serviço do imperador da Alemanha, Frederico II. Filho do Conde Landulf de Aquino e Teodora, Tomás nasceu com mais oito irmãos, sendo ele o filho mais novo. Dos cinco aos dez anos, Tomás fez seu curso primário com os monges da vizinha cidade de Monte Cassino. Nessa época, dava mostras de uma inteligência fora do comum. Pois, costumava perguntar muitas vezes quem era Deus, o que levou seus pais a interpretar esta curiosidade como uma vocação para a vida religiosa. Assim, ainda muito jovem, os seus pais apresentaram-no aos monges beneditinos de Monte Cassino.

Aos 19 anos, Tomé anunciou à sua família que não se tornaria um monge beneditino, mas sim um monge dominicano. Para os ouvidos da sua mãe, isto teria sido o mesmo que tornar-se um

hippie, um mendigo, um fanático e um pária social. A mãe não teria o seu filho, um nobre nascido num castelo, a dormir em chiqueiros e a pregar aos camponeses.

Tomé era resoluto. Ele não obedeceria à sua mãe - ele preferia obedecer a Deus. Assim, aos dezanove anos, Tomé fugiu de casa para se juntar aos dominicanos em Roma. A sua mãe não queria nada disso, por isso arranjou maneira para que Tomé fosse capturado pelos seus irmãos. Quando Tomé parou para beber de um riacho, os seus irmãos saltaram-no e levaram-no de volta para o castelo de Monte San Giovanni Campano. No castelo, a sua mãe manteve Tomás em prisão domiciliária durante dois anos, na esperança de que ele pudesse, finalmente, abandonar a ideia de se tornar um pregador dominicano e voltar ao Abade de Monte Cassino. Durante este cativeiro, Tomás passou o seu tempo a dar explicação às suas irmãs, da Bíblia, Metafísica de Aristóteles, e “Sentenças” de Pedro Lombard.

Teimosamente, Tomás persistiu com sua vocação para os dominicanos. A sua mãe, ainda envergonhada por o seu nobre filho querer tornar-se um homem pobre, sem direitos ou privilégios, permitiu que Tomás saísse de uma janela durante a noite. Desta forma, Thomas pôde realizar o seu sonho de se tornar um dominicano, e a mãe pôde afirmar: “Bem, ele escapou do nosso cuidado à noite e tornou-se um daqueles dominicanos contra a nossa vontade.”

Após a sua libertação, Tomás continuou com a sua vocação e viagem à Roma. A ordem dominicana enviou Tomás para Paris, onde ele continuou com os seus estudos. Em Paris, conheceu um professor Dominicano –Alberto, o Magno – que o iria influenciar no resto de sua vida. Alberto era talvez o homem mais instruído do mundo na altura. Era um especialista em ciência natural, História, Astronomia, Música, Sagrada Escritura, Filosofia e Teologia. Tomás aliou-se a Alberto e seguiu-o de Paris à Colónia, na Alemanha. Devido ao seu enorme tamanho, silêncio e carácter humilde, Tomás era frequentemente referido pe-

los seus colegas de escola como “boi mudo”. Com isto, o seu professor Alberto Magno respondeu profeticamente aos críticos de Tomás que “Vocês o chamam de boi mudo, mas em sua doutrina ele produzirá, um dia, um mugido tal que será ouvido pelo mundo afora.”

Logo depois de sua ordenação sacerdotal, Tomás tornou-se professor universitário em Paris com o cargo de bacharel sentenciário, que ocupou (de 1252 a 1256), elevando-se em seguida a cargo superior de mestre regente de Teologia. Foi neste tempo que escreveu o *Commentarium de sententiis Petri Lombardi* (Comentário sobre as sentenças de Pedro Lombardo). A importância do texto está no facto de se tratar da primeira vez que Tomás abordou, por escrito, um assunto filosófico e teológico.

Enquanto celebrava a Santa Missa, na festa de São Nicolau (6 de Dezembro de 1273), Tomás caiu em êxtase. Algo aconteceu durante esta visão, mas Tomás nunca falou sobre isso. O seu secretário, Reginald de Piperno, implorou-lhe que continuasse o seu trabalho na *Summa Theologiae*, mas ele recusou, dizendo-lhe: “Reginald, não posso, porque tudo o que escrevi parece-me palha [*mihi videtur ut palea*].” Tomás nunca mais escreveu. No início do ano seguinte (1274), partiu para o Concílio de Lyon, que Gregório X tinha convocado para discutir a reconciliação com a Igreja Oriental. Mas não muito tempo depois da sua viagem, a caminho do Conselho, montado num burro, ao longo da Via Ápia, Tomás bateu sua cabeça no ramo de uma árvore caída. Foi levado para o Mosteiro beneditino de Monte Cassino, onde se recuperou.

Partiu de novo apenas para cair doente. Enquanto descansava na Abadia de Cisterciense Fossanova, a doença agravou-se. Recebeu os últimos ritos e pediu aos monges que lessem o Cântico dos Cânticos à medida que morria. Morreu a 7 de Março de 1274. As suas últimas palavras: “Eu recebo-Te, resgate da minha alma. Por amor a Ti estudei e vigiei, trabalhei, preguei, e ensinei...”

Tomás de Aquino foi canonizado como santo da Igreja Católica, apenas cinquenta anos após a sua morte. Dois séculos mais tarde, em 1567, o Papa Pio V proclamou São Tomás de Aquino Doutor da Igreja e classificou a sua festa com as dos quatro grandes padres latinos: Ambrósio, Agostinho de Hipona, Jerônimo e Gregório. Desde então, o mundo nunca mais viu o seu igual. Hoje ainda, é estudado em todas as universidades do mundo por católicos, protestantes, judeus, muçulmanos e até mesmo ateus. Aquele que foi chamado o Boi Mudo continua a gritar.

O homem segundo Tomás de Aquino

Depois do homem Tomás de Aquino, falaremos sobre o homem, segundo Tomás de Aquino. Tomás de Aquino era um homem de ideias: ideias sobre o homem; ideias sobre Deus; ideias sobre a natureza e ideias sobre ideias. Ele era uma mistura rara; um filósofo e um teólogo. Defendeu, nos seus escritos, que o homem (a pessoa humana) é composto de duas realidades, o corpo e a alma inteligente e incorpórea (ou imaterial). Na hierarquia da criação divina, este homem encontra-se entre os anjos e os animais como o ponto de encontro. O que faz com que a pessoa humana seja diferente, não somente de grau, mas também de ordem, é a sua natureza racional: “*Persona est rationalis naturae individua substantia*” (Pessoa é a substância individual de natureza racional)¹. Pois, ele não é apenas uma substância individual, ela é também substância de natureza racional.

O homem não é apenas um ser pensante, ele é também um ser amante. Pensar e amar (pensamento e amor) fazem do homem ser simultaneamente filósofo e teólogo, pensador e crente, intelectual e religioso, capaz de usar a sua cabeça para pensar e seu coração para amar. Pelo que, segundo Tomás de Aquino, não temos de abandonar a nossa fé quando estudamos; não temos de abandonar a nossa razão quando acreditamos, porque no homem a fé e a razão coexistem assim como coexistem no homem o corpo e alma. Por outras palavras: “O homem não é só alma,

nem só corpo, mas afirmamos que ele é simultaneamente alma e corpo”² Todo o ser e o agir humanos provêm desta simultaneidade humana.

III. Uma universidade tomista em Moçambique

No Século XII, nasceram a Ordem dos Frades Menores (fundada por Francisco de Assis) e a Ordem dos Pregadores (fundada por Domingos de Gusmão). Segundo Dias (2018), ambas as ordens eram semelhantes e diferentes:

A Ordem Franciscana ou a Ordem dos Frades Menores, veio a distinguir-se pelo seu espírito e prática radical da pobreza, venerando a Senhora Pobreza e a viver na mendicidade, da mesma forma que Cristo e a sua família viveram na duração das suas vidas. Que nesta forma de viver viriam a encontrar, na vida, a verdadeira felicidade, na ausência de bens mundanos que só satisfazem as necessidades gananciosas temporariamente, e que a permanência do estado do ser humano na alegria só é atingida através do seguimento da mendicidade, não sendo rico em dinheiro ou outras tantas posses, mas no seu próprio valor, na sua devoção e na sua alma, sendo elevada de forma livre, ao apreciar tudo criado pela mão de Deus, ao imitando o exemplo de Jesus Cristo, não estando ancorado na Terra pelos bens temporários mundanos. E que no fim, viriam a encontrar o derradeiro tesouro no Reino dos Céus.

Enquanto os dominicanos, ou Ordem dos Pregadores, praticaram também a pobreza, mas não como uma forma de exaltar a virtude, mas como uma arma para fazer frente às contestações real-

izadas pelos grupos de não-crentes, sendo a “pregação” a palavra-chave, sempre presente na doutrina dominicana, em difundir os ensinamentos da Sagrada Escritura e do Evangelho. A doutrina dominicana tinha como prioridade o ensino e o estudo dos textos teológicos e do Evangelho, para que os membros da ordem se encontrassem preparados para levar a luz da Verdade do Senhor a todos os homens na Terra, eles também praticavam a pobreza, mas não de forma radical como os franciscanos faziam. O seu foco era a entrega de tal Verdade, de se entregarem, à luz de Deus e a difundir por onde caminhassem, valorizando os livros que contivessem o conhecimento de tal Verdade e fazer frente às heresias e prestar serviço à Igreja de Roma, ao mesmo tempo que também praticavam a virtude da humildade no exercício do seu dever como pregadores do Rosário, venerando a Virgem Maria, como a figura que recebeu a luz que a guiou ao nascimento de Cristo.

III. Uma Universidade Tomista em Moçambique

A natureza do processo educativo continua hoje a ser debatida assim como os objectivos do ensino universitário. As opiniões das pessoas ainda hoje estão divididas entre as que defendem que as universidades preparam estudantes para o emprego e as que defendem que preparam estudantes para a vida. Segundo John Newman, o objectivo de educação universitária não é preparar estudantes para o mercado de trabalho mas para a vida; “a finalidade do ensino universitário deve ser principalmente liberal e não técnica ou vocacional” (Newman, 2020, p. 11). Assim, uma universi-

¹ TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I, 29, 3.

² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica* I, 75, 6 resp

dade, como escola onde todas as artes e ciências são ensinadas, é um lugar de educação universal, um lugar onde o conhecimento universal é lecionado. “Isso implica que seu objectivo é, por um lado, intelectual, não moral; e, por outro, que ele gira em torno da difusão e ampliação do conhecimento e não de sua promoção [...] Assim é uma universidade em sua essência” (Newman, 2020, p. 8). Por outras palavras, as universidades existem para ensinar ciências aos estudantes (p. 10) e transformá-los em algo (p. 11). Na mesma linha de pensar, Pereira (2015) acha que “O processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na universidade é um processo de formação do ser humano, do profissional e do cidadão, isto é, de um indivíduo que desempenha vários papéis na sociedade” (Pereira, 2015).

O fruto do ensino universitário, em contraste com outros lugares ou modos de ensino é a formação de hábito filosófico ou hábito mental que dura a vida inteira e cujos atributos são liberdade, equidade, calma, moderação e sabedoria. Por essa razão, o conhecimento, como fim em si mesmo, deve ser o principal objectivo duma universidade no tratamento de seus alunos.

Perguntam-me qual é a finalidade da educação universitária e do conhecimento liberal ou filosófico que, a meu ver, ela pode transmitir. Respondo que o que eu já disse é suficiente para mostrar que ela tem uma finalidade muito real e tangível, embora essa finalidade não possa ser separada do conhecimento em si. O conhecimento pode ser seu próprio fim. Tal é a constituição da mente humana, que qualquer tipo de conhecimento que se preze é sua própria recompensa. (Newman, 2020, p. 90).

Por outras palavras, a busca do conhecimento não promete nada se não o próprio conhecimento. Este, é um fim em si, digno de ser procurado por si, independentemente de todo objectivo externo e posterior (Newman, p. 96). Pelo que vale a pena

todo tempo gasto em sua compreensão e todo o esforço feito em sua obtenção.

Por isso, Cícero, ao enumerar os vários tipos da excelência mental, estabelece a busca do conhecimento em si como o primeiro deles [...] E ele considera o conhecimento o primeiro objetivo ao qual somos atraídos, após o suprimento de nossas necessidades físicas. Depois das exigências e deveres de nossa existência animal, por assim dizer, em relação a nós mesmos, nossa família e nossos vizinhos, vem, segundo ele, “a busca da verdade. Assim, tão logo escapamos da pressão dos cuidados necessários, desejamos ver, ouvir e aprender; considerar o conhecimento do que está oculto ou é admirável uma condição de nossa felicidade”. (Newman, 2020, pp. 91-92)

O objectivo de educação universitária é formar o habitus mentis (hábito mental) nos estudantes. Como Tate (2015) observou, “Não é que a preparação para o emprego e a vida quotidiana não seja importante; é apenas que a melhor maneira de nos prepararmos para as responsabilidades e oportunidades dos adultos é nunca perder o nosso foco na integridade dos seres humanos que educamos.” O mesmo observou Dewey:

Com o advento da democracia e das condições industriais modernas, é impossível prever definitivamente o que será a civilização daqui a vinte anos. Por conseguinte, é impossível preparar a criança para algum conjunto preciso de condições. Prepará-lo para a vida futura significa dar-lhe o comando de si próprio; significa treiná-lo para que tenha o pleno e pronto uso de todas as suas capacidades; que os seus olhos,

ouvidos e mãos possam ser ferramentas prontas a comandar, que o seu discernimento seja capaz de compreender as condições em que terá de trabalhar, e que as forças executivas sejam treinadas para agir económica e eficientemente. (Dewey, 1916)

Newman acha que,

Quando o intelecto já foi adequadamente treinado e formado para ter uma visão ou compreensão das coisas, ele exhibirá seus poderes com mais ou menos efeito de acordo com sua qualidade e capacidade particulares. [...] Em todos, constituirá a competência de entrar com relativa facilidade, em qualquer assunto e de assumir com aptidão qualquer ciência ou profissão (Newman, 2020, p. 14).

Todos os estudantes universitários, mesmo os das Ciências Humanas e Sociais, precisam do *habitus mentis* e da ciência, tal como os estudantes da ciência precisam das Ciências Humanas e Sociais. Por causa disso, é preciso “integrar as ciências e a matemática (e isso inclui a informática) na substância das humanidades e das ciências sociais” [porque] “Aqueles que primeiro aperfeiçoam suas próprias faculdades, através da educação liberal estão, deste modo, mais bem preparados para servir aos outros em sua capacidade profissional” (Miriam, 2018, p. 33). Por exemplo, em vez de aprenderem apenas sobre negócios, numa escola de negócios, aprenderão também sobre a história dos negócios, política e outras áreas que influenciam e moldam o mundo dos negócios (Azevedo, 2021). Estas competências são trazidas pela educação liberal.

Educação: Tomista e Liberal

Dizer tomista e liberal é redundante. A educação tomista é sempre liberal. O princípio de Tomás

segundo o qual toda a educação deve ser ordenada para a perfeição e felicidade do homem é expressivo de educação liberal.

No tempo de Tomás a educação liberal seguia um padrão chamado *trivium* seguido por *quadrivium*. “*Tri- vium* é uma palavra latina que significa “intersecção entre três vias”. As escolas antigas e as medievais estruturavam seu currículo em três vias de aprendizado por meio de três matérias formais” (Bluedorn & Bluedorn, 2018, Vol. 1, p. 94). O *trivium* incluía as disciplinas de gramática (estudo das letras e literatura), retórica (arte do bem falar e ensino de história) e a dialética (arte do raciocínio e lógica). O *quadrivium* consistia em geometria (que incluía o estudo das formas geométricas e também a geografia), a aritmética (que estudava a lei dos números), a astronomia (que incluía o estudo dos astros e também a física e a astrologia) a música (que estudava a lei dos sons e a harmonia do mundo). O *trivium* ou três vias (gramática, retórica e dialética) e *quadrivium* ou quatro vias (geometria, aritmética, astronomia e música) constituíam assim a educação liberal, isto é, as Sete Artes Liberais, ou seja, o conjunto de estudos propedêuticos que antecediam o ingresso no ensino superior. O próprio São Tomás de Aquino é produto desta pedagogia medieval, primeiro como estudante e depois como *Scholasticus* (o professor das artes liberais).

Na obra de Tomás, intitulada *De Magistro* (Sobre o Mestre ou Sobre o ensino), encontramos a concepção tomista de educação. Nesta obra, Tomás aborda os seguintes temas:

(1) Se o homem – ou somente Deus – pode ensinar e ser chamado de mestre; (2) Se se pode dizer que alguém é mestre de si mesmo; (3) Se o homem pode ser ensinado por um anjo; (4) Se ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa. Artigo 1. A questão é sobre o mestre. Primeiro, pergunta-se se o homem pode ensinar e ser chamado de mestre, ou somente Deus Artigo 2. Em segundo

lugar; pergunta-se se alguém pode ser chamado de mestre de si mesmo Artigo 3. Em terceiro lugar; pergunta-se se o homem pode ser ensinado por um anjo Artigo 4. Em quarto lugar; pergunta-se se ensinar é um ato da vida ativa ou da contemplativa. (Agostinho & Tomás de Aquino, 2017, p. 5)

Por exemplo, encontramos as seguintes afirmações no De Magistro:

Se um homem ensina a outro homem, é necessário que torne conhecedor em ato aquele que é conhecedor em potência. Daí que é necessário que seu conhecimento seja conduzido de potência a acto” (art. 1, obj. 10);

E, quando a mente é conduzida a conhecer em acto as consequências particulares que já antes e como que em potência estavam naqueles universais, diz-se que adquiriu conhecimento” (art. 1, solução);

“O professor, portanto, estimula o intelecto a conhecer aquelas coisas que ensina como um motor essencial, que faz surgir o acto da potência” (art. 1, ad 12);

“Tudo o que está em potência pode ser conduzido a acto por algo que está em acto e o que está menos em acto por algo que está em acto mais perfeito. Ora, o intelecto angélico está mais em acto do que o humano; daí que o intelecto humano possa ser conduzido ao acto do conhecimento pelo intelecto angélico. E, assim, um anjo pode ensinar a um homem” (art. 3, sed contra 4);

“Quanto ao conhecimento que decorre

dos princípios evidentes, um homem é de certo modo causa do conhecimento para outro homem, não no sentido de que lhe transmita o conhecimento dos princípios, mas porque estende a acto, mediante sinais sensíveis mostrados aos sentidos externos, conteúdos implícitos e como que em potência nos princípios” (art. 3, solução).

Na optica medieval, as vantagens da educação liberal eram conhecidas. Segundo Miriam,

As artes utilitárias, ou servis, permitem que alguém seja um servidor – de outra pessoa, do Estado, de uma corporação, de uma profissão – e que ganhe a vida. As artes liberais, em contraste, ensinam a viver; treinam as faculdades e as aperfeiçoam; permitem a uma pessoa elevar-se acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual, uma vida racional e, portanto, uma vida livre para adquirir a verdade. Jesus Cristo disse: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8,32) (Miriam, 2018, p. 35).

Miriam observa ainda que as artes da lógica, da gramática e da retórica são as artes da comunicação, uma vez que governam os meios de comunicar – a saber: leitura, redacção, fala e audição. A própria comunicação envolve o exercício simultâneo da lógica, da gramática e da retórica, pelo que estas artes são as artes fundamentais da educação, seja, de ensinar e de ser ensinado.

A comunicação, de acordo com a etimologia da palavra, resulta em algo que é possuído em comum; é uma unicidade compartilhada. A comunicação tem lugar somente quando duas men-

tes realmente se encontram. Se o leitor – ou o ouvinte – recebe as mesmas ideias que o escritor – ou o emissor – desejava transmitir, ele as entende (ainda que delas possa discordar); se não recebe ideia alguma, nada entende; se recebe ideias diferentes, entende mal. Os mesmos princípios da lógica, da gramática e da retórica guiam o escritor, o leitor, o emissor e o ouvinte (Miriam, 2018, pp. 36, 37).

Mesmo nos nossos tempos, as vantagens das Artes Liberais são conhecidas. De acordo com a observação de Botstein,

todos os vencedores dos Prêmios Nobel da ciência, nos últimos 50 anos, [foram] pessoas para quem as humanidades, as ciências sociais e as artes - foram críticos e centrais para o seu trabalho e vida. Em suma, não haverá descobertas e inovações sem pioneiros, cujas ambições sejam alimentadas por assuntos fora do domínio da ciência e da tecnologia, estritamente definidos (Botstein, 2014).

Infelizmente, hoje em dia muitos estudantes escolhem cursos directamente relacionados ao mercado de trabalho. A educação liberal, outrora favorita, já não é considerada como tal e está a ser substituída por formação técnica e educação orientada para a carreira. No nosso entendimento, o país (ainda) precisa do tipo de educação que favorece o desenvolvimento intelectual e pessoal que é essencial para o sucesso numa economia global e para uma cidadania informada. Como observou Nussbaum:

Quando falamos sobre a relação de uma educação liberal com a cidadania, estamos a falar de uma longa história na tradição filosófica ocidental. Baseamo-nos no conceito de Sócrates de

“a vida examinada”, nas noções de cidadania reflectiva de Aristóteles, e sobretudo nas noções gregas e estóicas romanas de uma educação “liberal”, na medida em que liberta a mente da escravidão, do hábito e do costume, produzindo pessoas que podem funcionar com sensibilidade e alerta como cidadãos de todo o mundo (Nussbaum, 1998).

Para hoje termos de novo a educação liberal, teremos que seguir o conselho de Dorothy Sayers: *se nós produzirmos uma sociedade de pessoas educadas, capazes de preservar a liberdade intelectual em meio às pressões complexas da sociedade moderna, faremos voltar a roda do progresso em quatro ou cinco séculos, até o ponto em que a educação começou a perder o horizonte do verdadeiro objectivo, no fim da Idade Média (Sayers, 2011).*

O recuo para a Idade Média é recuo para o trivium e seu tratamento dos três modos de linguagem relativos à mente.

Por meio da gramática, o aluno aprendia o domínio dos elementos da língua (normalmente o grego ou o latim). O ensino da gramática dava ao aluno a habilidade de entender. Ele aprendia a receber conhecimento de forma precisa.

A segunda matéria ensinada chamava-se lógica (ou dialética). Por meio da lógica, um aluno aprendia a dominar declarações, definições, argumentos e falácias. O ensino da lógica proporcionava ao aluno a habilidade de raciocinar. Ele aprendia a analisar e compreender de forma crítica.

A terceira matéria ensinada chamava-se

retórica. Por meio da retórica, o aluno aprendia o domínio do discurso criativo e persuasivo. O ensino da retórica dava ao aluno a habilidade de se comunicar. Ele aprendia a se expressar de maneira sábia e efectiva e a praticar o que havia aprendido. (Bluedorn & Bluedorn, 2018, Vol. 1, p. 94).

Sayers descreve o trivium nestes termos:

Ora, a primeira coisa que notamos é que duas dessas “matérias” não são em absoluto o que chamaríamos “matérias”: são apenas métodos para lidar com matérias. A gramática, com efeito, é uma “matéria” no sentido de significar, sim, em definitivo o aprendido de um idioma — na época o latim. Mas a língua representa, em si, apenas o meio para expressar o pensamento. A totalidade do trivium visava, na verdade, ensinar ao aluno o uso adequado das ferramentas de aprendizado, antes de começar a aplicá-las a qualquer “matéria”. Em primeiro lugar [“gramática”], ele aprendia uma língua; não apenas a pedir uma refeição em língua estrangeira, mas a estrutura da língua — de uma língua e, assim, da linguagem em si — o que era, como se combinavam os seus elementos e como ela funcionava. Em segundo lugar [“lógica”], aprendia a usar a língua: como definir seus termos e fazer declarações precisas; como construir um argumento; e como detectar as falácias em um argumento (nos próprios argumentos e nos de outros). Ou seja, a dialética abrangia a lógica e o debate. Em terceiro lugar [“retórica”], aprendia a se expressar

na língua; dizer o necessário de modo elegante e persuasivo [...]

No fim dos estudos, exigia-se que ele escrevesse uma tese sobre um tema estabelecido pelos mestres ou escolhido por ele próprio, e que, mais tarde, a defendesse da crítica académica. Por essa época, ele teria aprendido — ai dele se não tivesse! — não apenas a escrever uma redacção, mas a falar de maneira audível e inteligível de uma plataforma e a usar sua sagacidade quando interrompido (Sayers, 2011).

Em contraste ao trivium, a educação moderna:

se concentra no ensino de matérias, deixando o método de pensar, argumentar e expressar as próprias conclusões para ser aprendido pelo académico à medida que progredir; a educação medieval se concentrava, em primeiro lugar, em forjar e aprender a manusear as ferramentas de aprendizagem, usando qualquer matéria útil como peça de material sobre a qual se rabiscava até o uso da ferramenta se tornar natural (Sayers, 2011)

Na mesma senda, Bluedorn & Bluedorn descrevem as diferenças entre a educação Medieval e a educação Moderna nos seguintes termos:

A educação moderna ensina um grande número de matérias, mas não ensina as crianças a dominar as habilidades de 1) compreender, 2) raciocinar e 3) comunicar-se (ou seja, o trivium) — com as quais as pessoas

podem dominar qualquer matéria por conta própria. [...] O aluno de hoje recebe muitas matérias mastigadas, mas nunca é ensinado a aprender. O aluno antigo aprendia no início a aprender, depois aplicava a habilidade de aprender a muitas coisas.

O aluno que domina o trivium pode ensinar qualquer coisa a si mesmo. Todavia, muitos alunos das escolas modernas precisam receber tudo mastigado. O trivium é uma forma de autodidatismo que dura a vida toda. A educação moderna é um aprendizado árduo que dura a vida toda, ou poderíamos dizer, um aprendizado servil que dura a vida toda. [...] Eles, não só não são treinados para raciocinar; eles são, na verdade, treinados a não pensar (Bluedorn & Bluedorn, 2018, Vol. 1, p. 107).

A educação, especialmente a educação liberal, é em si mesma libertadora e redentora; ela liberta o potencial humano. É por isso que os fundadores da USTM optaram pelo tipo de educação que pode realizar a perfeição do estudante. Eles acreditavam que o melhor caminho para chegar à virtude e ganhar a vida plena é a educação liberal. A educação liberal é uma educação livre no sentido em que é estudada por si mesma, é humanizante ou perfectiva dos seres humanos, porque desenvolve precisamente as capacidades necessárias a qualquer adulto pensante: capacidade de análise, comunicação eficaz, inteligência prática, juízo ético e responsabilidade social.

O princípio de Tomás, segundo o qual toda a educação deve ser ordenada para a perfeição e felicidade do homem, orientou a concepção do projecto educativo da nascente USTM. Esta foi a razão pela que se incluiu a filosofia e ética no currículo inicial. Infelizmente, a Filosofia foi, mais

tarde, considerada por muitos estudantes, como um curso de pouca aplicação prática, estudada por intelectuais que têm algum interesse cultural ou político na expressão e desenvolvimento de ideias. Para Aristóteles e Tomás, este não era o caso porque a Filosofia não era apenas para os altamente educados, como também para todas as pessoas; a Filosofia era o modo normal de viver.

A palavra educação vem da palavra latina educere, que significa trazer à tona, cultivar, nutrir o potencial humano. É pela educação liberal que se liberta o potencial humano inato em cada pessoa e cultivá-lo, alimentá-lo (educere), elevá-lo e educá-lo (educare). A palavra Latina liber significa livre, tanto que a “educação liberal” é libertadora. Seu objectivo é educar a pessoa no seu todo. Segundo José Monir Nasser, “A educação prospera mais quando é procurada livremente. Este é o sentido da palavra ‘liberal’ (de liber, livre) nas Sete Artes ‘liberais’ da Idade Média, que eram ensinadas ao homem livre, por oposição às artes ‘iliberais’, ensinadas ao homem ‘preso’, controlado por guildas” (Miriam, 2018, p.15).

A educação liberal deve libertar o estudante do preconceito de que ele já sabe e transforma-lo em pessoa que aprende ao longo da sua vida (aprendiz da vida). Assim é que deve ser o nosso projecto educativo.

IV. Educação liberal no futuro da USTM

Na gênese da USTM, a educação que foi visada é a educação tomista e liberal, ou seja, a educação que o próprio Tomás recebeu e mais tarde usou como professor das artes liberais (scholasticus). A educação liberal embora tenha muitos nomes — segundo Newman é comum falar de “conhecimento liberal”, das “artes e estudos liberais” e de uma “educação liberal” (p. 93) — realmente significa:

Primeiro, em seu sentido gramatical, opõe-se a servil, e por “trabalho servil” entende-se, como aprendemos no catecismo, trabalho corporal, emprego mecânico e coisas do género, em que

a mente tem pouca ou nenhuma participação. Paralelamente a tais obras servis, estão aquelas artes [...] que devem sua origem e seu método ao risco, não à habilidade, como a prática e as operações de um empírico [...] a educação liberal e as actividades liberais são exercícios da mente, da razão, da reflexão. (Newman, 2020, p. 93)

Segundo Strauss (1959) “A educação liberal é educação em cultura ou para a cultura” (p. 74). Para este autor,

O produto acabado da educação liberal é um ser humano de cultura. “Cultura” significa primariamente agricultura: o cultivo do solo e seus produtos, o cuidado do solo, a melhoria da terra de acordo com sua natureza. Derivadamente, “cultura” significa hoje, principalmente, o cultivo da mente, o cuidado e a melhoria das faculdades natas da mente, de acordo com a natureza da mente. (p. 74)

Na USTM a educação será liberal quando for caracterizada pelos seguintes elementos:

primeiro, o seu valor intrínseco, com o distintivo de realizar aprendizagem por si mesma, com a pura alegria associada à exploração da vida da mente e à colocação das grandes questões que dão sentido à vida; segundo, o cultivo das virtudes intelectuais que são necessárias para o sucesso, para além da academia, uma educação artística liberal como preparação para uma carreira; e terceiro, a formação do carácter e o desenvolvimento de um sentido de vocação, a ligação a um propósito ou vocação superior (Roche, 2010).

E não só. O projecto educativo da USTM deverá ordenar-se ao conhecimento universal e não ao conhecimento particular, como o é o caso neste momento.

Por exemplo, a educação medieval enfatizava as disciplinas do trivium: gramática, lógica e retórica. Estas disciplinas são universais no sentido de que qualquer pessoa precisa de gramática para falar e escrever; qualquer pessoa apresenta e responde a argumentos lógicos e qualquer pessoa apela à retórica para persuadir os outros. Estas disciplinas foram estudadas em grande detalhe por todos e foram consideradas universais na sua aplicação, porque todos falam, pensam e persuadem e não só, estas disciplinas são utilizadas em todas as ciências. (Froula, p. 56)

No tempo de Tomás, o trivium (isto é, a Gramática, a Lógica e a Retórica), era considerado a base fundamental da educação liberal e o pré-requisito para qualquer estudo superior. Por isso, ele constituía a base de todo o ensino superior. Para Tomás, antes de todas as outras ciências, um estudante tinha de aprender o trivium como forma de aprender o método preparatório de todas as outras ciências.

O *trivium* contém os três componentes da ciência da linguagem, sendo que “a gramática é a ciência de falar sem erro. A dialética é a disputa aguda que distingue o verdadeiro do falso. A retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente” (Miriam, 2018, p. 17). Por outras palavras, “a gramática zela para que todos falem da mesma coisa, a dialética problematiza o objecto de discussão (*disputatio*), e a lógica é antídoto certo contra a verborragia vazia, o conhecido *fumus sine flamma*” (Miriam, 2018, p. 18).

A gramática é a fonte e o fundamento das artes liberais [...] pois a arte de escrever e falar correctamente é alcançada por seu intermédio. Como alguém pode aprender e conhecer a articulação do discurso, as vantagens da linguagem figurada, as leis da formação das palavras e a forma correcta dos vocábulos sem ter conhecimento mais profundo da arte da gramática? (Bluedorn & Bluedorn, 2018, Vol. 2, p.302).

Por meio da retórica, prova-se qualquer coisa verdadeira ou falsa. [...] A dialética [lógica] é a ciência do entendimento, que nos prepara para pesquisas e definições, para explicações e para a distinção entre o verdadeiro e o falso. Ela é a ciência das ciências. Ela ensina a ensinar aos outros; ela ensina a aprender por si mesmo; nela, a razão se marca e manifesta de acordo com sua natureza, esforços e actividades. Apenas ela é capaz de conhecer; ela não só deseja, como também guiará outras pessoas ao conhecimento; suas conclusões nos conduzem à apreensão de nosso ser e origem; por seu intermédio apreende-se a origem e a actividade do bem, do Criador e da criatura. Ela nos ensina a descobrir a verdade e a desmascarar a falsidade; ensina-nos a extrair conclusões; mostra-nos o que é válido em uma discussão e o que não é; ensina-nos a reconhecer o que é contrário à natureza das coisas. Ela nos ensina a distinguir o que é verdadeiro, provável e totalmente falso na controvérsia. Por meio dessa ciência, somos capazes de pesquisar tudo com

acuidade mental, a determinar sua natureza com certeza e a debater com circunspecção (Bluedorn & Bluedorn, 2018, Vol. 2, p.303).

Segundo a Miriam (2018),

As sete artes liberais diferem essencialmente das muitas artes ou ofícios utilitários (tais como carpintaria, alvenaria, vendas, impressão, edição, serviços bancários, direito, medicina, ou o cuidado das almas) e das sete belas-artistas (arquitetura, música instrumental, escultura, pintura, literatura, teatro e dança), pois tanto as artes utilitárias como as belas-artistas são actividades transitivas, enquanto a característica essencial das artes liberais é que elas são actividades imanentes ou intransitivas [...] No exercício, tanto das artes utilitárias, quanto das belas-artistas, ainda que a acção comece no agente, ela sai do agente e termina no objecto produzido, tendo normalmente um valor comercial; portanto, o artista é pago pelo trabalho ou obra. No exercício das artes liberais, todavia, a acção começa no agente e termina no agente, que é aperfeiçoado pela acção; consequentemente, o artista liberal, longe de ser pago por seu trabalho árduo – do qual, aliás, é o único a receber todo o benefício –, com frequência paga a um professor para que este lhe dê a instrução e o guiamento necessários na prática das artes liberais. (pp. 33-34).

Miriam dá uma ilustração: “O carpinteiro aplaina a madeira. A rosa floresce. A acção de um verbo transitivo (como aplaina) começa no agente, mas “cruza” e termina no objecto (a madeira). A acção de um verbo intransitivo (como floresce) começa

no agente e termina no agente (a rosa, que se aperfeiçoa por florescer” (Miriam, 2018, p. 34). Este é o distintivo das artes liberais: beneficiam o próprio estudante. Este transforma-se antes de transformar os outros; ele recebe antes de dar; ele é antes de fazer. Assim, a educação liberal é virada para o ser que o fazer.

Como a USTM tem lidado com o *trivium*

Se concordarmos com Froula que todos pensam, falam, escrevem, e tentam convencer, as artes que aperfeiçoam estas actividades devem fazer parte da educação geral de todos (Froula, p. 56). Por este motivo, o projecto educativo da USTM incorporou elementos gramaticais, lógicos e retóricos. Na USTM a primeira e primária forma de conclusão de curso é a monografia ou tese do final de estudos. Estas, devem ser 1) gramaticalmente correctas, 2) com bom raciocínio e 3) persuasiva. A arte de pensar (lógica), a arte de inventar e combinar símbolos (gramática) e a arte de comunicar (retórica) são, portanto, as pedras angulares do nosso projecto formativo. Assim, o nosso currículo é feito para:

1. Desenvolver competências e atitudes nos graduados a fim de aprender a aprender, o que lhes permite desenvolver os seus conhecimentos e capacidades ao longo das suas vidas; a nossa maior esperança é que os nossos graduados sejam aprendizes para toda a vida e que tenham prazer em aprender.

2. Formar profissionais livres e criativos, autores da sua própria história, líderes na construção da sociedade, que assumam os valores da ética humanista na vida e na profissão.

3. Desenvolver capacidades e atitudes éticas e investigativas na busca da verdade científica e dar testemunho de valores éticos em todas as dimensões da sua actividade e em ambientes intelectuais e profissionais, através do diálogo interdisciplinar, da solidariedade e da cooperação.

4. Capacitar os estudantes a procurar, in-

terpretar e avaliar os conhecimentos técnicos existentes, a fim de os aplicar na execução das suas tarefas profissionais para o bem da comunidade, num espírito de servir e não ser servido.

5. Capacitar os graduados a desenvolver atitudes e capacidades de integrar conhecimentos de várias disciplinas e a trabalhar em equipas multidisciplinares com espírito de auto-reflexão, inovação, crítica e análise.

6. Fazer com que o ensino na USTM seja especialmente orientado para a aplicação e integração da teoria com a prática, de modo a que os graduados não sejam procuradores de emprego, mas criadores.

Conclusão

O fundador da USTM — Dom Alexandre José Maria Dos Santos — optou pelo tomismo e pela extensão à educação liberal, quando aceitou e abraçou uma Universidade de São Tomás de Aquino. Ao fazê-lo, ele estabeleceu um precedente que deve orientar os dirigentes desta instituição e suas decisões hoje e sempre. Assim, a USTM pode e deve ser um lugar onde se encontra e se ministra a educação tomista e liberal em Moçambique.

Criou-se, logo no início da USTM, o Curso de Preparação Universitária (CPU) como espécie de trivium de iniciação intelectual para estudos universitários. O CPU era exigido de todos os caloiros e durava quatro meses com aulas diárias. Devido a vários constrangimentos no ambiente educacional de ensino superior no País, o CPU foi abandonado, mas não o sonho da educação liberal. De facto, imediatamente a seguir, foram introduzidas três disciplinas obrigatórias, em todos os domínios, nomeadamente Dignidade Humana, Direitos Humanos e Ética. Com estas disciplinas, o sonho da educação liberal foi mantido aceso, embora imperfeitamente. O trivium clássico de gramática, dialéctica e lógica foi substituído por uma série de Metodologias de Investigação Científica, que incluem Introdução à Metodologia de Investigação Científica, Metodologia de Investigação, Seminário de Orientação, Técnicas de Expressão, Projecto de Investigação Científica, Projecto Final I e II, Metodologia de Investigação e Investigação Científica e Jurídica.

É de notar que todas estas disciplinas aperfeiçoam o uso da linguagem que é usada para raciocinar, explicar e persuadir. A linguagem é o principal veículo de ideias, pelo que é importante que os estudantes a dominem para a sua preparação para a vida e não apenas para o emprego.

Como escola tomista, encontramos também um paralelo na progressão bíblica do conhecimento para a compreensão e sabedoria. Em Êxodo 35:31, Moisés louva Bezalel, observando que ele

estava cheio “do Espírito de Deus, com sabedoria, com entendimento, com conhecimento e com todo o tipo de habilidades”. A Bíblia distingue claramente estes três tipos de aprendizagem, revelando, ao mesmo tempo, a sua interdependência. Cada aspecto da aprendizagem vem como um presente de Deus. Provérbios declara: “Porque o Senhor dá sabedoria; da Sua boca vem o conhecimento e o entendimento” (2:6) e “Os sábios armazenam o conhecimento.” (10:14). Daniel descreve Deus como Aquele que “dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos homens de entendimento” (2,21).

Nas Escrituras, o conhecimento (gramática) parece estar focalizado em palavras, informações ou instruções específicas que devem ser recebidas ou rejeitadas pelo ouvinte. Balaão falou de “O oráculo daquele que ouve as palavras de Deus, e conhece o conhecimento do Altíssimo” (Núm 24,16). O entendimento (dialéctica) na Escritura é orientado para discernir o bem do mal, a verdade da falsidade. Por outras palavras, aquele que tem compreensão tem bom senso. Ele compreende a relação correcta dos conhecimentos particulares com o todo. Esta é a sintaxe ou lógica da aprendizagem. O Rei Salomão orou: “Dá, pois, ao teu servo um coração cheio de discernimento para governar o teu povo e capaz de distinguir entre o bem e o mal.” (1 Reis 3:9). A sabedoria (retórica) é a capacidade de organizar, articular e aplicar o conhecimento e a compreensão numa variedade de circunstâncias. “Além de ser sábio, o mestre também ensinou conhecimento ao povo; e ponderou, procurou e colecionou muitos provérbios” (Eccl. 12:9).

O uso do trivium (gramática, dialéctica e retórica) é útil, desde que compreendamos que a sua essência está enraizada na Escritura. É apenas no contexto do temor de Deus que o conhecimento, compreensão e sabedoria genuínos podem ser alcançados.

Últimas Considerações

Devido à importância de educação tomista e liberal, existem algumas coisas que a USTM deve ser e fazer, em virtude de ser instituição tomista, nomeadamente:

1. Todos os estudantes, independentemente do programa que seguem, devem fazer e passar as disciplinas de Dignidade Humana, Direitos Humanos e Ética.

2. Todos os estudantes devem fazer uma Monografia ou Tese final que deve ser 1) gramaticalmente correcta, 2) com bom raciocínio e 3) persuasiva.

3. Todos os estudantes devem fazer um exame no final de cada semestre, independentemente das suas notas de frequência.

4. Redefinir as cadeiras de Metodologias de Investigação Científica (Introdução à Metodologia de Investigação Científica, Metodologia de Investigação, Seminário de Orientação, Técnicas de Expressão, Projecto de Investigação Científica, Projecto Final I e II, Metodologia de Investigação, e Investigação Científica e Jurídica) para focalizarem mais e melhor no aperfeiçoamento do uso da linguagem, usada para raciocinar, explicar e persuadir. As novas MICs devem privilegiar o conhecimento crítico por ser importante para os calouros saídos da escola pré-universitária. Assim, as seguintes disciplinas devem ser tomadas em consideração: 1) a Retórica por esta ser a arte mestra do trivium, pois pressupõe e faz uso da Gramática e da Lógica (Miriam, 2018, p. 39); 2) a Lógica por ser a arte das artes, porque dirige o acto mesmo de raciocinar, o qual dirige todos os outros actos humanos ao seu fim apropriado, através dos meios que determina (Miriam, 2018, p. 42). Segundo Milton, “De todas as artes, a primeira e mais geral é a lógica, seguida da gramática e, por último, da retórica, uma vez que pode haver muito uso da razão sem o falar, mas nenhum uso da palavra sem a razão” (Milton, 1935, p. 17). Como Newman o afirmou, “O conhecimento crítico estimula nossos poderes, ajudando-nos a colocá-los em prática de todas as formas possíveis e evitando uma recepção meramente passiva de imagens e ideias, que provavelmente sairão da mente logo depois de

terem entrado” (Newman, p.15).

5. É preciso termos docentes que conheçam o trivium e que depois o possam ensinar a seus estudantes. Por isso, urge ministrar cursos de curta duração para todos os docentes sobretudo os das MICs.

6. Mudar o nome da Faculdade de Ética e Ciências Humanas — FECH para Faculdade de Artes Liberais para ser a cara da nossa educação liberal.

“Está no DNA da Apple que a tecnologia, por si só, não é suficiente - que é a tecnologia casada com as artes liberais, casada com as humanidades, que nos produz o resultado que faz cantar os nossos corações.” (Steve Jobs)

Bibliografia

- A Great Apostle for Philosophy. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/why-we-study/great-apostle-philosophy>
- A Liberating Education. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education>
- A Reflection on Campus Life | Thomas Aquinas College. (n.d.). Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/reflection-campus-life>
- AAC&U. (1998). Statement on liberal learning. <https://www.aacu.org/about>
- Abelson, P. (2020). *As sete artes liberais: Um estudo sobre a cultura medieval* (F. Denardi, Ed.; N. D. Correa, Trans.; 1a). Kírion.
- Agostinho, S., & Tomás de Aquino. (2017). *De Magistro* (F. Denardi, Trans.). Kirion.
- Almeida, S. R. G. (2016). Para que(m) servem a universidade e as instituições do ensino superior. *Revista Da Universidade Federal de Minas Gerais*, 28(1), 18–21. <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.37674>
- Amado, C. M. M. (2007). *História da Educação e da Pedagogia*. Universidade de Évora.
- An Education for its Own Sake | Thomas Aquinas College. (n.d.). Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/education-its-own-sake>
- Anders, G. (2017). The Unexpected Value of the Liberal Arts. *The Atlantic*. <https://www.scribd.com/article/355287874/The-Unexpected-Value-Of-The-Liberal-Arts>
- Azevedo, M. J. (2021). Redefining liberal arts education: Challenges and opportunities. In *Redefining Liberal Arts Education in the Twenty-first Century*. University Press of Mississippi.
- Barnett, R., & Peter, M. A. (Eds.). (2018). *The Idea of the University: Contemporary Perspectives* (Vol. 2). Peter Lang Inc.
- Batista, G. (2010). O pensamento educacional de Santo Tomás de Aquino como consequência de sua teologia e de sua filosofia. *Educação Unisinos*, 14(2), 82–96. <https://doi.org/10.4013/edu.2010.142.01>
- Bluedorn, H., & Bluedorn, L. (2018a). *Ensinando o Trivium: O Trivium Prático* (F. S. de A. Neto, Ed.; Vol. 2). Editora Monergismo.
- Bluedorn, H., & Bluedorn, L. (2018b). *Ensinando o Trivium: O Trivium Prático* (F. S. de A. Neto, Ed.; Vol. 1). Editora Monergismo.
- Burns, Timothy W & Lawler, Peter Augustine (Eds.). (2015). *The Future of Liberal Education*. Routledge.
- Chiuso, D. (2016). *A Educação Superior e o Resgate Intelectual—O Relatório de Yale de 1828: O Relatório de Yale de 1828 (1a edição)*. Vide Editoria.
- Clark, D., & Jain, R. S. (2019). *The Liberal Arts Tradition: A Philosophy of Christian Classical Education (Revised Edition)*. Classical Academic Press.
- Corey, S. (2017). What is liberal education. https://docshare.tips/what-is-liberal-education_586fa34ab6d87fa83c8b4856.html
- Davidson, C. N. (2017). *The New Education: How to Revolutionize the University to Prepare Students for a World in Flux*. Basic.
- Dias, F. C. P. da S. de P. (2018). *Franciscanos e Dominicanos nos séculos XIII a XV: sociedade e espiritualidade [Universidade do Minho]*. https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/60881/1/10_Dissertacao_FredericoDias.pdf
- Dos Reis, T. M., Piepper, J., Widow, A., Catureli, A., & Martins, T. (2020). *Educação: Artigos reunidos: A filosofia da educação segundo Santo Tomás de Aquino* by Tiago Martins dos Reis (Author), Josep Piepper (Author), Antonio Widow (Author), Alberto Catureli (Author), Tiago Martins (Author).

Stela Maris Editora.

Froula, Josef Charles. (2015). *St. Thomas Aquinas on the Nature and Purpose of Education: The Importance of Aristotelian-Thomistic Principles for Educational Leaders* [Southern Connecticut State University]. <https://philarchive.org/archive/FROSTA-4>

Gatt, P. (2020). CONHECENDO TOMÁS DE AQUINO: BREVES APONTAMENTOS SOBRE VIDA E OBRAS. *História e Cultura*, 9(1), 384. <https://doi.org/10.18223/hiscult.v9i1.2804>

Godoi, R. A. (2013). A concepção educacional de Tomás de Aquino: Um estudo do “De Magistro.” *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre*, V(14).

Gomes, M. M. (2020). A filosofia teológica de Tomás de Aquino e sua importância para o processo educativo. *Revista Educação Pública*, 20(3). <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/3/a-filosofia-teologica-de-tomas-de-aquino-e-sua-importancia-para-o-processo-educativo>

Hartley, Scott. (2017). *The Fuzzy and the Techie: Why the Liberal Arts Will Rule the Digital World*. Houghton Mifflin Harcourt.

Lauand, L. J. (2017). Revisitando Tomás de Aquino—Quatro aspectos de Ética e Educação. *Caminhando*, 22(1), 37. <https://doi.org/10.15603/2176-3828/caminhando.v22n1p37-50>

Leef, G. (2017, November 8). *Liberal Arts Education Is Not (Necessarily) a Waste of Time*. The James G. Martin Center. <https://www.jamesmartin.center/2017/11/liberal-arts-education-not-necessarily-waste-time/>

Liberal Education & the Preservation of the Political Order. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/liberal-education-preservation-political-order>

Liberal Education and Freedom. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/liberal-education-and-freedom>

Liberal Education and Humanities. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/liberal-education-and-humanities>

Marber, P., & Araya, D. (Eds.). (2017). *The Evolution of Liberal Arts in the Global Age (First)*. Routledge.

McGovern, T. A. (2022). *Liberal Education and Freedom* [Thomas Aquinas College]. *Liberal Education and Freedom*. <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/liberal-education-and-freedom>

Miriam, J. (2018). *O Trivium: As artes liberais da lógica, da gramática e da retórica*. É Realizações Editora.

Moner, W., Motley, P., & Pope-Ruark. (2020a). *A Radical Vision for Redesigning Liberal Education*. In *Innovative Design for a Twenty-First-Century Undergraduate Education*. Johns Hopkins University Press.

Moner, W., Motley, P., & Pope-Ruark, R. (Eds.). (2020b). *Redesigning Liberal Education*. Johns Hopkins University Press.

Newman, J. H. (2014). *The Idea of a University (Illustrated Edition)*. Library of Alexandria.

Newman, J. H. (2020). *A ideia de uma universidade (B. Alexander, Trans.)*. Ecclesiae.

Nunes, C. P. (2016). A importância do Método Escolástico-Tomista de Ensino para o Desenvolvimento da Formação Universitária. *Conpedi Law Review*, 1(13), 51. https://doi.org/10.26668/2448-3931_conpedilawreview/2015.v1i13.3506

Nussbaum, M. C. (1998). *Cultivating Humanity: A Classical Defense of Reform in Liberal Education (Revised edition)*. Harvard University Press.

O'Hear, A., & Sidwell, M. (2013). *The School of Freedom—A liberal education reader from Plato to the present day* (1st Edition). Imprint Academic.

Order of Learning. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/order-learning>

Our Patron. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/about/our-patron>

Our Patron, Mentor, Muse, and Master. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/why-we-study/our-patron-mentor-muse-and-master>

Ozoliņš, Jānis Tāivaldis. (2013). Aquinas Aquinas and His Understanding of Teaching and Learning. In Mooney, Thomas Brian & Nowacki, Nowacki (Eds.), *Aquinas, Education and the East* (Vol. 4). Springer.

Peters, M. A., & Barnett, R. (Eds.). (2018). *The Idea of the University: A Reader* (Vol. 1). Peter Lang Inc.

Por Uma Filosofia Tomista—Estudos Tomistas. (n.d.). Retrieved September 26, 2022, from <https://cursos.estudostomistas.org/curso/por-uma-filosofia-tomista/>

Program Objectives. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/program-objectives>

Sayers, D. (2011). *The Lost Tools of Learning*. First Electronic Edition.

Scholarship in the Catholic Tradition. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/scholarship-catholic-tradition>

Soares, A. L. A. (n.d.). *Objetivo da Educação e as Concepções de Organização e Gestão Escolar—Brasil Escola*. Meu Artigo Brasil Escola. Retrieved September 19, 2022, from <https://meuartigo.brasile-scola.uol.com.br/educacao/objetivo-educacao-as-concepcoes-organizacao-gestao-escolar.htm>

Strauss, L. (1959). O que é educação liberal. *Revista Ensino Superior Unicamp*, 74–79.

Streffling, S. R. (n.d.). *A realidade da pessoa humana em Tomás de Aquino*. Universidade Federal de Pelotas. <https://editora.pucrs.br/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/20.pdf>

Stross, R. (2017). *A Practical Education: Why Liberal Arts Majors Make Great Employees* (1st ed.). Stanford University Press.

The Discussion Method. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/discussion-method>

The Formation of the Catholic Mind. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/formation-catholic-mind>

The Liberal Arts & Sciences. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/liberal-arts-sciences>

The liberal arts and the virtues: A Thomistic history. (2014). [The Free Library]. <https://www.thefreelibrary.com/The+liberal+a>

The Place of the Liberal Arts in the Curriculum. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/place-liberal-arts-curriculum>

The Popes on St. Thomas. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/about/our-patron/popes-st-thomas>

The Roots of Modern Education. (n.d.). Thomas Aquinas College. Retrieved August 3, 2022, from <https://www.thomasaquinas.edu/a-liberating-education/about/seminal-documents/roots-modern-education>

A ÉTICA E DIGNIDADE HUMANA NA USTM À LUZ DO LEMA E FILOSOFIA “SERVIR E NÃO SER SERVIDO” DO CARDEAL DOM ALEXANDRE JOSÉ MARIA DOS SANTOS HUMANISTA E PEDAGOGO.

Celson Bahule, PhD

Email: celsonbahule@hotmail.com

Resumo:

Nos últimos tempos, um dos argumentos para a promoção da ética e dignidade da pessoa humana tem sido visto em instituições como polos que ajudam a humanidade a alcançar o desenvolvimento. A proposta deste artigo é analisar a ética e dignidade Humana na USTM, à luz do lema, pensamento e inspiração do Cardeal Dom Alexandre Maria dos Santos, humanista e pedagogo, como pressuposto para o alcance do desenvolvimento naquela instituição. A questão que norteia este artigo é: entender que tipo de perfil ético e de dignidade humana a instituição tem? Até que ponto o pensamento e filosofia do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos contribuíram para a edificação dos documentos normativos e a visão da instituição? A análise conceptual da ética e da dignidade humana podem ajudar na compreensão do processo de consolidação da visão, missão e princípios normativos da instituição.

Palavras-Chave: *Ética, dignidade humana, humanismo, pedagogia.*

1. Introdução

O artigo trata da ética e dignidade humana na USTM, à luz do lema e filosofia do Cardeal Dom Alexandre, humanista e pedagogo. Quanto à natureza e abordagem do problema, adoptou-se fundamentalmente a pesquisa qualitativa, sendo que teve como base as leituras, interpretações e análise hermenêutica de diferentes manuais, artigos bem como textos filosóficos, que se referiam à questão da ética e dignidade da pessoa humana. Quanto aos procedimentos técnicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, servindo-se igualmente do método dedutivo.

A ética estuda os valores, a convivência harmónica, estabelece boas relações, sem interferir no espaço do outro e sem impor os meus valores sobre os outros. A ética é uma ciência que explica os padrões morais e as instituições reflectem as regras que organizam determinado meio social.

O objecto de análise em instituições de ensino superior (como é o caso da USTM¹), segundo Bardach, (2009) “é a vida e o bem-estar dos cidadãos, e, em geral, tanto o processo, quanto os resultados de políticas envolvem vários profissionais”.

Segundo Vásquez (2002) “o valor da ética está naquilo que ela explica, pois estuda a conduta humana sob a óptica dos valores, dos princípios, das normas e dos juízos morais”.

Aristóteles (2011) defende que “a ética com-

preende o modo de ser e denota um comportamento adquirido por hábito, que aperfeiçoa a capacidade do indivíduo de receber as virtudes”.

A dignidade humana representa uma proposição básica na actualidade, segundo Adorno, o conceito de dignidade é um dos mais relevantes nas reflexões éticas, política e jurídica.

Sobre a dignidade humana, Adorno (1998) afirma que:

A dignidade não é algo que se aplica exclusivamente ao ser humano, mas, quando se fala em dignidade da pessoa humana, é impossível deixar de lado o conceito de pessoa que provoca uma variedade de questionamentos de ordem ontológica, antropológica e ética. (p.15).

Pretende-se perceber, até que ponto o lema e filosofia do Cardeal Dom Alexandre² contribuíram para a edificação de políticas educacionais e como elas impactam directamente na formação humanista e pedagógica da USTM.

Pretende-se, igualmente, perceber o impacto e influência da ética e dignidade humana na USTM, à luz do pensamento e inspiração do *servir e não ser servido* do Cardeal Dom Alexandre.

A USTM é uma instituição vocacionada para o ensino ao nível superior e tem como centro dos seus valores a dignidade da pessoa humana e os princípios éticos como pressupostos básicos e elementares.

O fio condutor para essa reflexão, está em perguntas que não apresentam respostas evidentes: qual é o impacto da filosofia e pensamento do Cardeal Dom Alexandre na educação da USTM? Como é que as acções, a filosofia e o lema do Cardeal Dom Alexandre *servir e não ser servido*, influenciaram os funcionários e como elas contribuíram para a edificação da visão e missão da

USTM? Na USTM, os documentos normativos foram inspirados nos ideais do Cardeal Dom Alexandre?

Para responder a essas preocupações e questionamentos, a análise conceptual da ética e da dignidade humana podem ajudar na compreensão do processo de consolidação da visão, missão e princípios normativos da USTM, assim como a fundamentação do lema *servir e não ser servido*, do Cardeal Dom Alexandre.

2. Contextualização

Na actualidade, a ética e a dignidade humana assumem um papel fundamental na sociedade, funcionando como conceitos basilares para a edificação de boas relações humanas, e elas impactam também nas dinâmicas, políticas empresariais, assim como nas instituições de educação, como é o caso da USTM.

O homem representa uma peça fundamental na reflexão em volta da ética e dignidade humana. Nas organizações, segundo Passos (2006) “as regras morais se transformam em regras de convivência e os direitos fundamentais passam a ser a igualdade e a liberdade, ou seja, as chamadas virtudes públicas”.

A ética, como fundamentação ligada aos hábitos e aos costumes dos homens em sociedade, é geralmente entendida segundo Vasquez (2007), como “ciência de uma forma específica do comportamento humano”.

Em termos históricos, a noção de dignidade humana tem como base princípios cristãos, sendo ela uma qualidade intrínseca, indispensável de todo e qualquer ser humano. Juridicamente defende Sarlet (2002) que “tão somente, de sua condição humana e independentemente de qualquer particularidade, o ser humano é titular

¹ USTM - Universidade São Tomás de Moçambique.

² Alexandre José Maria dos Santos O.F.M. (Cabo Doho, Zavala, ¹⁸ de março de ¹⁹¹⁸-Maputo, ²⁹ de setembro de ²⁰²¹ foi um cardeal moçambicano da Igreja Católica. Foi Arcebispo de Maputo entre os anos de ¹⁹⁷⁵ e ²⁰⁰³ e, era o arcebispo-emérito desta diocese.

de direitos que devem ser respeitados pelo estado e por seus semelhantes”

A noção de dignidade humana segundo Sarlet (2002), vale-se “sobretudo, da etimologia do termo dignitas, que significa respeitabilidade, prestígio, consideração, estima ou nobreza” e independentemente de qualquer particularidade, o ser humano é titular de direitos que devem ser respeitados pelo estado e por seus semelhantes.

A USTM foi fundada por Dom Alexandre José Maria dos Santos, seu patrono sob auspícios da fundação que sustenta o seu nome, com intuito de oferecer aos estudantes uma formação integral e integrada da pessoa humana, para o alcance de um nível superior. Tendo como base os documentos normativos, é Missão da USTM, “ser líder no país, na educação integral e integrada da pessoa, de acordo com a rica tradição tomista de excelência académica, investigação e serviço de qualidade”.

A Visão da USTM é “providenciar uma educação de qualidade com maior acesso, através da utilização da técnica e ciência, prestando serviços comunitários e públicos de interesse colectivo, sem fins lucrativos, promovendo, assim, o desenvolvimento económico, social, político e cultural de Moçambique”.

3. Objectivos

Tem como objectivo principal, analisar e discutir a ética e a dignidade humana na USTM, à luz do lema e filosofia do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, humanista e pedagogo.

Apresentam-se como objectivos específicos os seguintes:

A fundamentação e discussão da ética e da dignidade humana como pressupostos para o desenvolvimento institucional na USTM;

A reflexão sobre a filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre “*servir e não ser servido*” como pilar para a edificação dos princípios normativos da USTM;

A análise do impacto da filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre, na promoção e edificação da ética e dignidade humana.

4. A Ética e Dignidade Humana na USTM, à luz do Lema e Filosofia do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos

Segundo Severino Ngoenha, a actual Política de Ensino Superior do Governo de Moçambique e dos países da SADC³ no geral, almeja uma nova reforma curricular que visa formar quadros nacionais do nível superior, garantindo uma maior eficácia e eficiência na transmissão de conhecimentos, através do ECE⁴, onde este desenvolve a capacidade de aprendizagem autónoma e independente e o docente participa como um facilitador, moderador ou tutor, defendendo assim Ngoenha (2004) que, “o direito não emana apenas no nível superior”.

De acordo com Kotler e Armstrong (1999), “os objectivos correspondem à explicitação dos sectores de actuação dentro da missão que a organização já actua ou está analisando, a possibilidade de entrada no sector, ainda que esteja numa situação de possibilidade reduzida”.

Os objectivos são, aquilo que queremos conseguir e devem ser bem elaborados, quantificados e devem ser exequíveis para não correrem o risco de inviabilizar o plano que foi traçado.

O Art.º5, dos Estatutos da USTM (2004), sobre os (objectivos), indica que são objectivos gerais da USTM “expandir as oportunidades de acesso ao ensino superior; promover a equidade social, regional e de género; elevar os níveis de educação e formação de acordo com as necessidades crescentes do país e do mundo”.

Constituem objectivos específicos com base no Art.º4, dos Estatutos da USTM (2004):

Promover os valores humanos de ética profissional e o diálogo entre a fé e a razão; assegurar conhecimentos rigorosos e atualizados das disciplinas leccionadas; desenvolver acções

de intercâmbios e troca de docentes e discentes entre a USTM e outras universidades congéneres; definir e promover programas e horários flexíveis que permitam intercâmbios entre a USTM e os sectores público e privado.

Os objectivos acima indicados plasmados nos documentos normativos da USTM, estão adequados e inspirados no lema do Cardeal Dom Alexandre “servir e não ser servido” com base nos seguintes argumentos:

No Art.º3, dos Estatutos da USTM (2004), sobre as (atribuições), está plasmado que a USTM tem como atribuições “apoiar a criação e a divulgação cultural, intelectual, artístico, moral e espiritual, como instrumentos de realização integral do homem”.

Em relação ao lugar da ética e da dignidade da pessoa humana, como princípios inspirados na filosofia e lema de Dom Alexandre “servir e não ser servido”, no ponto 1, do Art. 3, dos Estatutos da USTM (2004), sobre as (atribuições), vem plasmado que “a dignidade da pessoa humana é o valor próprio que constitui o homem como tal” podendo-se destacar um aspecto fundamental, que tem a ver com a parte integralidade do homem, na medida em que o homem deve ser considerado como um fim e não um meio. Ela, segundo Lehmkuhl (2013), “se faz moralmente presente em todos os homens, independentemente de sua posição frente aos seus pares ou perante o Estado”.

Com destaque da ética e dignidade humana como bases do desenvolvimento da educação e inspirados no lema servir e não ser servido, o Cardeal

Tornou-se expoente elevado na formação das gerações mais jovens, sendo que, na sua compaixão pelo sofrimento humano e na defesa intransigente da dignidade humana, entendida como o epicentro do desenvolvimento de

Moçambique, Dom Alexandre é o exemplo de um homem que dedicou a sua vida a servir e não ser servido, conforme reza o lema que ele próprio escolheu⁵.

Dom Alexandre:

Estes pronunciamentos evidenciam que a filosofia e o lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, está patente no Art.º3, dos Estatutos da USTM (2004), quando defende que nas instituições de ensino superior, a educação deve “promover o ensino superior e a investigação científica, no domínio das ciências exactas, tecnológicas e humanas, numa perspectiva de integração e de enriquecimento mútuo das suas diversas disciplinas”.

No ponto 2, do Art.º3, dos Estatutos da USTM (2004), sobre as (atribuições), pode-se entender que a USTM, em termos de atribuições, está alinhada com os ideais do lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos de servir e não ser servido, pois pretende implementar um dos pressupostos básicos das orientações governamentais e da valorização da dignidade da pessoa humana, na medida em que, com base na Lei 1/93 que defendia, à entrada de operadores privados no estabelecimento de instituições de ensino superior em Moçambique, que tinha como missão reflectir, estudar, conceber e propor ao governo uma política coerente sobre a expansão do ensino superior em Moçambique.

Diante do exposto acima, percebe-se o lugar da ética e da dignidade da pessoa humana como um dos princípios norteadores da actuação profissional da USTM, enquanto instituição de ensino superior, está alinhado com a filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, principalmente quando, no Art.º3, dos Estatutos da USTM (2004), se defende que é necessário “preparar quadros para a vida civil, mediante uma formação científica e profissional actualizada e ajustada à realidade moçambicana e uma

³ SADC – Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral.

⁴ ECE - Ensino Centrado no Estudante.

⁵ Discurso de sua excelência Filipe Jacinto Nyusi, presidente da República de Moçambique, por ocasião das cerimónias fúnebres do Cardeal Dom Alexandre Maria dos Santos.

educação deontológica, conforme as exigências da justiça social”.

Nesta passagem do ponto 3, do Art.º3, dos Estatutos da USTM (2004), sobre as (atribuições), o lugar da dignidade da pessoa humana, como um dos princípios éticos e da dignidade humana do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, associa-se a ideia de que um dos objectivos da educação deontológica, segundo Dias, consiste em ensinar o homem a dirigir os seus afectos, de maneira a que eles sejam o mais possível subordinados ao bem-estar, pois ainda segundo Dias (2004) “os ensinamentos do deontologista, têm por objectivo aprender, num como noutro caso, a dar uma direcção tal que lhe permita ser produtivo”.

A inspiração da filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre, podem igualmente ser evidenciados no ponto 3, do Art. 3, dos Estatutos da USTM (2004), sobre as (atribuições), quando se determina que se deve “criar um ambiente comunitário favorável ao desenvolvimento harmonioso da personalidade do homem e à compreensão e colaboração entre todos os membros da comunidade universitária, assim como aborda a questão da dignidade humana e da preservação da identidade cultural”.

O lema servir e não ser servido é igualmente sinónimo de reconhecimento da identidade, é sinónimo do reconhecimento do valor do outro, pois servir e não ser servido, é aceitar o outro no contexto social e criar, acima de tudo, condições para que o outro possa se desenvolver, através daquilo que nós o servimos.

No ponto 6, do Art. 3, dos Estatutos da USTM (2004), sobre as (atribuições) que aborda a questão da dignidade humana e da preservação da identidade cultural, a USTM no que toca ao lugar da ética e dignidade humana a luz da filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos de servir e não ser servido e essa ideia, parece-nos estar alinhada e em con-

cordância, por exemplo, com os princípios defendidos pelo PNUD, na medida em que, com base no relatório do desenvolvimento humano da PNUD de (2004), intitulado liberdade cultural num mundo diversificado, defende-se que “o que é novo, hoje, é a ascensão de políticas de identidade onde as pessoas estão se mobilizando, exigindo que a sua identidade seja reconhecida, apreciada e aceite pela sociedade”⁶.

Assim, o lema servir e não ser servido é igualmente sinónimo de reconhecimento da identidade, do valor do outro, é aceitar o outro no contexto social e criar, acima de tudo, condições para que este possa se desenvolver.

Em termos religiosos, podemos através da Bíblia, compreender esse lema servir e não ser servido, quando, em (Marcos 10,45), afirma que “o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vista em resgate de muitos” e, igualmente, em (Mateus, 20:28) vem que “não vim para ser servido, mas para servir”.

O Art.º4, dos Estatutos da USTM (2004), sobre os (princípios) defende o “respeito mútuo e pelos direitos humanos, a igualdade, a não discriminação, o diálogo, a aceitação fraterna” tem como base inspiradora a filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre, na medida em que o conceito servir, é uma condição de aceitação fraterna, do reconhecimento mútuo dos direitos e dignidade do outro.

No ponto 1, do Art.º4, dos Estatutos da USTM (2004), sobre os (princípios), aborda sobre aspectos relevantes como é a questão dos direitos humanos e igualdade, alinhando-se a ideia de vários pensadores sobre a relação existente entre a dignidade da pessoa humana e os direitos humanos, como defende, por exemplo, Lehmkuhl (2013) “a elevação da dignidade da pessoa humana ao estado de princípio constitucional da qual decorrem os direitos fundamentais, reforça a ideia de que o Estado contemporâneo

⁶ PNUD. Relatório do Desenvolvimento humano 2004: Liberdade cultural num mundo diversificado. Lisboa: Mensagem, 2004, p.1.

existe para garantia da dignidade das pessoas”.

Esta visão é notória no lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, sublinhado pelo presidente Nyusi, no seu discurso que o Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos “promoveu acções sociais efectivas, direccionadas às comunidades mais vulneráveis, sendo a instalação da Cáritas Moçambicana, da qual foi seu primeiro presidente”⁷.

Ainda sobre a questão dos direitos humanos, para a Declaração Universal dos Direitos Humanos 50 anos, (1998), a dignidade é concebida como um valor moral e está presente em várias culturas e povos “considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de todos os direitos iguais e inalienáveis, constitui fundamento de libertação, justiça e da paz no mundo”.

Os direitos humanos, a ética e a dignidade, ocupam um lugar central no lema e filosofia do Cardeal Dom Alexandre, na medida em que Dom Alexandre sempre foi defensor de um desenvolvimento centrado na pessoa humana, prova evidenciada na sua participação em diferentes acções que promovem a ética e a dignidade humana, como foi a sua participação na fundação da Universidade Católica de Moçambique, na criação da Universidade São Tomás de Moçambique e na Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África”⁸.

Das criações de Dom Alexandre, com o objectivo e propósito de promover a equidade social, a promoção de valores, a justiça, a USTM, preconiza-se a defender valores que estão plasmados na ética e dignidade humana, à luz dos ideais e lema servir e não ser servido, do seu fundador.

Segundo os intuítos do fundador Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, a vocação da USTM está ligada a providenciar um ensino de qualidade em Moçambique, daí que, no (Art.º4, dos Estatutos da USTM (2004), sobre os (objectivos) da USTM, abordam-se vários aspectos actuais e interligados com a ética e a dignidade da pessoa humana, como são os casos da equidade social, a promoção de valores humanos.

A USTM, com este artigo, com o objectivo e propósito, promover a equidade social, a promoção de valores a justiça, propõe-se a defender valores que estão plasmados na ética e dignidade humana, à luz dos ideais e lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, em volta da pessoa.

Nesse sentido, sobre a pessoa, entende o pensador Baracho (2006) que “o conceito de pessoa e o direito à vida são essenciais para explicitar a concepção de direitos humanos e, portanto, consagrar a dimensão da dignidade da pessoa humana”.

Outro entendimento da relevância de discutir o lugar da ética e dignidade da pessoa humana em torno do lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, pode ser entendida se recorrermos à visão de Miranda (2003), quando afirma que a pessoa “tem a sua fonte ética na dignidade da pessoa humana os direitos, liberdades e garantias pessoais e os direitos económicos, sociais e culturais comuns a todas as pessoas”.

Sobre a dignidade humana Silva (2013) defende que:

A dignidade da pessoa humana é um valor supremo que atrai o conteúdo de todos os direitos fundamentais do homem. O conceito de dignidade da pessoa humana obriga a uma

⁷ Discurso de sua excelência Filipe Jacinto Nyusi, presidente da República de Moçambique, por ocasião das cerimónias fúnebres do Cardeal Dom Alexandre Maria dos Santos.

⁸ Discurso de sua excelência Filipe Jacinto Nyusi, presidente da República de Moçambique, por ocasião das cerimónias fúnebres do Cardeal Dom Alexandre Maria dos Santos.

densificação valorativa que tenha em conta o seu amplo sentido normativo constitucional e não uma qualquer ideia apriorística do homem, não podendo reduzir-se o sentido da dignidade humana à defesa dos direitos pessoais tradicionais, esquecendo-a nos casos de direitos sociais.

No Art.º8, dos Estatutos da USTM (2004), que fala sobre a (Formação), vem plasmado que, “no desenvolvimento das suas actividades, a USTM atenderá sempre à necessidade de proporcionar, para além de dar conhecimentos científicos e técnicos, uma formação humana integral”.

Com este postulado, fica notória a preocupação da instituição, à luz da inspiração do seu fundador, em volta da formação integral dos homens, pois os principais ideais da prática profissional dos colaboradores, defendidos pela USTM, têm muito a ver com a formação e, particularmente, a formação integral do homem, que comporta à princípio, a observância do homem na sua plenitude ou, se quisermos, na sua totalidade, fazendo um casamento entre a fé e a razão, entre os conteúdos científicos e éticos ou humanos e do respeito pela dignidade da pessoa humana, à luz do lema de Dom Alexandre de servir e não ser servido.

A formação que é e sempre foi um dos ideais defendidos por Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, está directamente ligada ao conhecimento científico, pois defende-se em Vazquez (2005) que “as proposições da ética devem ter a mesma coerência e fundamentação das proposições científicas o que difere da moral que não tem um carácter científico”.

Como forma de evidenciar tais factos em volta do lema, servir e não ser servido, o (Art.9º, dos Estatutos da USTM (2004), fala sobre a (actividades da USTM), esclarecendo que “nas suas actividades de extensão universitária, de educação e de formação permanentes, a USTM, assegurará uma

presença específica no mundo actual e atenderá os imperativos da comunidade moçambicana, bem como os progressos realizados pela ciência nos seus diversos domínios”.

Segundo Wamala⁹ (2013), a USTM faz parte do ICUSTA¹⁰, sendo a primeira Universidade, no Continente Africano, a integrar nesta Associação Internacional, tendo depois outras Universidades de África aderido à Associação¹¹.

O outro ponto que pode ser visto como um pilar do lugar da dignidade da pessoa humana como um dos princípios éticos da filosofia do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, tem a ver com a sua ligação com a rede ICUSTA, que é a associação das Universidades de São Tomás de Aquino, que naturalmente por ter o nome e os ideais de São Tomás, tem como lema e prioridade a prestação de actividades dentro do respeito aos princípios éticos e de dignidade humana.

O Art.28º, dos Estatutos da USTM (2004), sobre o (Acesso), no que toca ao lugar da ética e dignidade da pessoa humana como um dos princípios éticos norteadores da política da USTM, à luz da inspiração do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos.

⁹ Joseph M. Wamala – Reitor da Universidade São Tomás de Moçambique.

¹⁰ ICUSTA - Conselho das Universidades São Tomás de Aquino.

¹¹ Fonte Oral.

Conclusão

Em linhas gerais, no tocante ao lugar da ética e dignidade da pessoa humana, como um dos princípios éticos norteadores da política da USTM, à luz da inspiração do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos e, com base nos documentos normativos acima arrolados, pode-se considerar que a dignidade humana, dentro dos valores, regulamentos tanto do ensino superior, assim como os defendidos na USTM, ocupam um lugar de destaque, sendo considerados nucleares para a elaboração da visão e missão da USTM.

Por outro lado, a ética e a dignidade humana representam a centralidade do lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos “servir e não ser servido”. São pressupostos para o desenvolvimento institucional, pois, defende-se em Santos (2011) que “a dignidade, além de ser garantia a todos cidadão, da existência digna, garante também sua liberdade em determinar os rumos de sua própria vida, sem a interferência de qualquer pessoa, agindo com total autonomia ao fazer suas escolhas”.

O entendimento dos conceitos ética e dignidade da pessoa humana, obrigam a uma densificação valor ativa no sentido normativo, percebe-se que a USTM, como organização, na tentativa de definir o seu perfil de actuação em termos de valores, visão e missão, preconizou os ideias do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos de respeito pelos valores éticos e dos direitos humanos.

A ausência da dignidade humana, possibilita a identificação do ser humano como um instrumento, pois viola uma característica própria e delimitadora da própria natureza humana, pois, segundo Silva (1998) “todo o acto que promova o aviltamento da dignidade atinge o cerne da

condição humana, promove a desqualificação do ser humano e fere também o princípio da igualdade”, fazendo com que o homem, não reconhecendo o outro homem, não o sirva.

Com base no PEUSTM (2017-2026)¹², a USTM, enquanto organização, defende que continuará a apostar numa formação enraizada nos valores da pessoa humana baseada na tradição tomista, contribuindo assim na construção de um país próspero e eticamente íntegro, guiando-se por uma política inclusiva e de justiça social, evidenciando desta forma o lugar central da dignidade da pessoa humana como um dos princípios éticos graças à filosofia e lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos de *servir e não ser servido*.

A ética e a dignidade da pessoa humana como valores, apresentam-se neste artigo, como basilares para a edificação dos documentos normativos da USTM, inspirados no lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos “servir e não ser servido”.

¹² PEUSTM - Plano Estratégico da Universidade São Tomás de Moçambique.

Bibliografia

- ADORNO, Roberto. (1998). Bioética y dignidad de la persona. Madrid: Tecnos,
- ARISTÓTELES. (2011). Ética a Nicômaco. Texto Integral. Martin Claret.
- BARACHO, José Alfredo de Oliveira. (2006). Direito Processual Constitucional. Belo Horizonte: Editora Fórum.
- BARDACH, E. (2009). A practical guide for policy analysis. The eightfold path to more effective problem solving. Washington, D.C.: CQPress.
- BIBLIA SAGRADA ONLINE: https://www.bibliaon.com/versiculo/marcos_10_45/
- DIAS, Adelaide. (2004). Ética Profissional em Terapia da Fala. São Paulo.
- KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. (1999). Princípios de Marketing. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil.
- LEHMKUHL, Milard Zhaf Alves. (2013). A dignidade da pessoa humana. Justiça e Direito.
- MIRANDA, Jorge. (2003). A Constituição Portuguesa e a Dignidade da Pessoa Humana. São Paulo: Revista de Direito Constitucional e Internacional.
- NGOENHA, Severino Elias. (2004). Os Tempos da Filosofia: Filosofia e Democracia Moçambicana. Maputo: Imprensa Universitária.
- ONU. (1998). Declaração Universal Dos Direitos Humanos, 50 anos.
- PASSOS, Elisete. (2006). Ética nas organizações. Rio de Janeiro: Editora Loyola.
- SANTOS, Jefferson Cruz. (2011). Princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição cidadã. Conteúdo Jurídico, Brasília.
- SARLET, Ingo Wolfgang. (2012). A eficácia dos direitos fundamentais: uma teoria geral dos direitos fundamentais na perspectiva constitucional. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- SILVA. José Afonso. (1998). A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia. São Paulo.
- SILVA. José Afonso. (2013). A dignidade da pessoa humana como valor supremo da democracia. São Paulo.
- VASQUEZ, Adolfo Sánchez. (2007). Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

A INDISSOCIABILIDADE DA TRÍADE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO COMO PARADIGMA DO ENSINO SUPERIOR: O CASO DA USTM

[THE INSESSOCIABILITY OF THE TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION TRIAD AS A HIGHER EDUCATION PARADIGM: THE USTM CASE]

Jorgete de Jesus, PhD

Email: jorgete.jesus@ustm.ac.mz

Anselmo Orlando Pinto, PhD

Email: anselmo.pinto@ustm.ac.mz

Resumo:

Na formação académica, o ensino, a pesquisa e a extensão são acções indissociáveis. As universidades precisam de encontrar caminhos que objectivam a articulação desta tríada de forma indissociável. A universidade é, sobremaneira, uma entidade intelectual e moral, que por meio da sua actividade, é chamada a exercer no meio onde está inserida uma influência importante sobre a liberdade e o progresso das comunidades humanas. O presente artigo analisa a indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão como paradigma do Ensino Superior, para além de discutir esta trilogia como prioridade da Universidade São Tomás de Moçambique (USTM). Do ponto de vista estrutural, o texto conceitua primeiro os elementos da tríade (ensino, pesquisa e extensão); Em segundo lugar descreve a tríade ensino, pesquisa e extensão como um exercício de indissociabilidade no Ensino Superior. E em terceiro, faz uma abordagem da USTM enquanto campo epistémico que situa o ensino, pesquisa e extensão como um dos pilares que visam tornar a USTM numa Universidade de Pesquisa, de acordo com sua Visão e Missão e do seu Plano Estratégico 2018-2027. A metodologia é de enfoque qualitativo com análise documental e leitura bibliográfica específica.

Palavras-Chave: *Universidade, indissociabilidade, ensino, pesquisa, extensão.*

Abstract:

In academic training, teaching, research and extension are inseparable actions. Universities need to find ways to articulate this triad in an inseparable way. The university is, above all, an intellectual and moral entity, which, through its activity, is called to exert an important influence on the freedom and progress of human communities in the environment where it is inserted. This article analyzes the inseparability of the teaching triad, research and extension as a paradigm of Higher Education, in addition to discussing this trilogy as a priority of the University of Saint Thomas of Mozambique (USTM). From a structural point of view, the text first conceptualizes the elements of the triad (teaching, research and extension); secondly, it presents the didactic and methodological references for the articulation between the triad and its contribution to the teaching and learning process. And thirdly, it approaches the USTM as an epistemic field that places teaching, research and extension as one of the pillars that aim to make the USTM a Research University, according to its Vision and Mission and its Strategic Plan 2018-2027. The methodology has a qualitative approach with document analysis and specific bibliographic reading.

Key words: *University, inseparability, teaching, research, extension.*

1. Introdução

Com o intuito de imortalizar a vida e obra do seu fundador, a Universidade São Tomás de Moçambique (USTM), realiza a Iª Conferência Internacional Dom Alexandre José Maria dos Santos sob o lema: “Dom Alexandre - ontem e hoje”. É no contexto desta conferência que surge a ideia de produção do presente artigo cujo tema é A indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão como paradigma do ensino superior: o caso da USTM. O artigo analisa a indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão como paradigma do Ensino Superior, para além de apresentar esta trilogia como prioritária para a USTM enquanto Research University. Do ponto de vista metodológico, o estudo discute o processo de ensino e aprendizagem na sua relação com a pesquisa científica e extensão comunitária à luz dos Estatutos, do Plano Estratégico 2018-2027 e dos demais documentos normativos da USTM.

Para além da introdução e da conclusão o trabalho em apreço articula-se em cinco (05) pontos a saber: 1) Ensino, pesquisa e extensão: perspectiva conceptual; 2) Ensino, Pesquisa e extensão: um exercício de indissociabilidade no Ensino Superior; 3) A USTM: um campo epistémico fundado sobre o ensino, pesquisa e extensão; 4) A realidade da pesquisa na USTM à luz da sua visão e missão; 5) A pesquisa na USTM à luz do seu Plano Estratégico 2018-2027.

1. Ensino, pesquisa e extensão: perspectiva conceptual

Mazzili (1996) define ensino como processo de construção do saber com apropriação do conhecimento historicamente produzido pela humanidade. Através do ensino, ocorre a divulgação dos conhecimentos culturais, científicos e técnicos que é feita através da reprodução do conhecimento. Para Severino (2017), o ensino é a maneira de transmitir o conhecimento que resulta na aprendizagem do aluno. O conhecimento é fundamentado pelas seguintes etapas: produção, reprodução, sistematização e organi-

zação. Nesta perspectiva, o aluno não é apenas o espectador. Ele também participa do processo de construção do conhecimento em vista à consolidação do que aprendeu. Daí que, o que se espera do Ensino Superior não é apenas a transmissão do conhecimento científico. Não há docência verdadeira em que, durante o processo, não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, curiosidade e criatividade. Todo o professor deve ser um pesquisador e quanto mais qualificado for o docente, mais ele tende a dedicar-se à pesquisa. Um docente que não é investigador utiliza manuais ultrapassados que reflectem uma realidade passada que não tem nada a ver com os avanços verificados. Em decorrência disso, não pode ser qualificado competente pelo facto de não ter uma visão crítica de por quê ensinar, para quê ensinar, qual é o significado deste ensinamento no contexto social em que faz parte e de que interesses está a serviço, Teresinha Rios (1997).

A pesquisa, na visão de Freire (2000), é o processo de materialização do saber a partir da produção de conhecimentos. A pesquisa universitária funciona como elo de ligação entre o desempenho científico e o desenvolvimento da vida profissional dos estudantes. Através da pesquisa, o estudante compartilha o conhecimento que é o elemento essencial no ensino superior o que torna a pesquisa a base da construção do conhecimento. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, ou seja, toda a docência implica pesquisa e toda a pesquisa verdadeira implica docência, Freire, (2000). Nesta senda, a universidade que pretende criar uma tradição de pesquisa deve investir na formação contínua dos seus docentes como pesquisadores, para além de disponibilizar meios necessários como por exemplo: técnicos, físicos e financeiros. Outrossim, deve desenhar uma política de pesquisa que se consubstancia na elaboração e no desenvolvimento de planos, programas e projectos de pesquisa, Severino (2007).

No concernente à extensão, tal como afirma

Silva (2002), é o espaço em que se passa a informação, à sociedade, do conhecimento adquirido na universidade. Ela é intrínseca ao trabalho pedagógico e assume um compromisso de parceria entre a universidade e a sociedade. Os professores devem transmitir aos alunos consciência que expressa os interesses objectivos da população. Para o efeito, a extensão deve tornar-se o centro das pesquisas a serem realizadas e os temas abordados devem ser relevantes às necessidades da população, pois os resultados podem resolver os problemas existentes numa determinada sociedade.

Nesta perspectiva, a extensão permite o desenvolvimento de um intercâmbio entre os conhecimentos universitários e os comunitários, diante das reais necessidades, anseios e aspirações sociais. Nesse intercâmbio, a universidade é positivamente provocada, influenciada e fortalecida, Castro (2004). Dessa forma, a extensão exige da comunidade universitária imaginação e competência para elaboração de projectos.

Por sua vez, Freire (1980) refere-se à extensão universitária como uma situação educativa em que os educadores e educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objecto que ambos pretendem conhecer e produzir através da experiência. O que, se pode constatar é o facto de a extensão universitária constituir um processo interdisciplinar, cultural, científico e político que promove a interacção entre a universidade e outros sectores da sociedade. É neste sentido que Castro (2004) considera extensão como algo que actua no sentido de transformação social.

2. Ensino, Pesquisa e extensão: um exercício de indissociabilidade no Ensino Superior

As funções do ensino superior são ensino, pesquisa e extensão. Estudos de diversos autores como Cunha (1996), Esteves (2008), Severino (2017), entre outros, mostram que os professores devem estar pedagogicamente preparados em metodologias de ensino que garantam a indissociabilidade

da tríade ensino, pesquisa e extensão.

Esta tríade, que constituiu o eixo fundamental da universidade, deve articular-se intrinsecamente e implicar-se mutuamente, observando, desta feita, o princípio da indissociabilidade. Contudo, o princípio da indissociabilidade nem sempre se observa na prática, devido a dificuldades por parte de docentes universitários, em articular os três eixos, Neves e Malta (2014). Os eixos ensino e pesquisa são os mais desenvolvidos enquanto a extensão universitária enfrenta problemas de realização decorrente da própria compreensão do que é extensão e como realizá-la, para além de pouco estímulo institucional, aliado à falta de pessoal, Neves e Malta (2014). Estas e outras dificuldades não devem pôr em causa o princípio dominante da indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão.

Para Mazzili e Maciel (2010), o princípio de indissociabilidade reflecte um conceito de qualidade do trabalho académico que favorece a aproximação entre a universidade e a sociedade, a ligação entre a teoria e a prática dos estudantes, para além do significado social do trabalho académico. Nesta senda, a concretização do princípio da indissociabilidade sugere a realização de projectos colectivos de trabalho que se referenciem na planificação de acções que levem ao interesse da sociedade. Ademais, a indissociabilidade articula componentes curriculares e projectos de pesquisa o que exige uma pluralidade metodológica, uma vez que a realidade social não é objecto de apenas uma disciplina. O ensino precisa da pesquisa para a produção do conhecimento e a sua articulação com a extensão remetem-nos a uma formação virada para os problemas da sociedade. A docência sem investigação não pode produzir resultados almejados no processo de ensino e aprendizagem. Cada uma destas funções só se legitima pela vinculação directa e as três são igualmente substantivas e relevantes, Severino (2007).

Reforçando os argumentos já formulados, parece-nos confirmar que a extensão na universi-

dade é um processo educativo cultural, científico e social, articulado por meio dos processos de ensino e pesquisa. A extensão aproxima a universidade dos outros sectores sociais, ancorando-se na relação entre a teoria e a prática. Toda a instituição de ensino superior tem que ser extensionista. Ela tem grande alcance pedagógico no estudante, uma vez que o leva a viver a sua realidade social, formando a sua nova consciência social e criando nele um espaço de formação pedagógica numa dimensão própria e insubstituível. A relação extensão e ensino coloca o estudante como protagonista da sua formação técnica e cidadã. O eixo pedagógico clássico “estudante-professor” é substituído por “estudante-professor-comunidade”. O estudante deixa de ser um mero receptor do conhecimento para se tornar participante do processo, FORPROEX (2012). Só assim estando conta da formação integral do jovem universitário, investindo-o pedagogicamente na construção de sua nova consciência social e levando-a à participação formativa dos universitários no mundo da produção, no mundo da política e no mundo da cultura, Severino (2007).

No caso da pesquisa, pode-se dizer que é fundamental porque através dela podemos gerar o conhecimento. O Processo de Ensino e Aprendizagem (PEA) pressupõe que, tanto o que se ensina como o que se aprende compartilham do mesmo percurso de produção do objecto. A pesquisa exige sua integração num sistema articulado. Não haveria o que ensinar se o conhecimento a ser ensinado e socializado não fosse construído através da pesquisa. Outrossim, não haveria sentido em pesquisar, em construir um conhecimento novo se não se tivesse em vista o benefício social do mesmo, a ser realizado pela extensão, Severino (2007). Da relação entre extensão e pesquisa, a extensão universitária deve ser incorporada em programas de Mestrado, Doutorado o que pode levar à qualificação de acções extensionistas e da própria pós-graduação. Outrossim, pode-se desenvolver a produção académica a partir das actividades de extensão através de teses, dissertações, livros ou capítulos de livros, FORPROEX (2012). O ensino integrado ao conhecimento

produzido através da pesquisa e aos anseios da sociedade considerados nas actividades de extensão, ganha significado para a comunidade universitária.

Deste modo, ensinar é uma actividade que ao mediar a pesquisa e a extensão, enriquece-se e amadurece nesse processo. O professor universitário ao integrar o seu ensino à pesquisa e à extensão, mantém-se actualizado e conectado com as transformações que o conhecimento científico provoca ou que sofre na sua relação com a sociedade, para além de formar novos pesquisadores reflexivos e comprometidos com a intervenção social. A tríade salienta que um complementa o outro. O ensino envolve o conhecimento do objecto através de fontes primárias que são fontes pesquisadas e através dessas pesquisas, nascem os trabalhos de extensão. Para os alunos absorverem as dinâmicas propostas pelo ensino, pesquisa e extensão nas actividades do dia-a-dia, os professores devem induzir o hábito de pesquisa pois, só assim, é que o estudante vai-se familiarizar com as novas formas de estudo no Ensino Superior, Severino (2017).

O que se pode depreender é a necessidade de uma articulação efectiva entre a tríada ensino, pesquisa e extensão uma vez que o ensino universitário destina-se à formação de profissionais de nível superior, enquanto a pesquisa científica está virada à produção de novos conhecimentos e a extensão universitária articula a universidade com a sociedade, de modo que o que ela produz não fique apenas para o espaço académico. Assim sendo, não há pesquisa nem extensão universitária que não desemboquem no ensino.

3. A USTM: um campo epistémico fundado sobre o ensino, pesquisa e extensão

A universidade é a concretização de uma das mais altas aspirações do homem - representa a tentativa de equacionamento de seu problema maior, que é a contemplação do mistério de sua

própria existência, Prestes (1993).

Segundo a UNESCO (1998), o ensino superior é, em qualquer sociedade, um dos motores do desenvolvimento económico e, ao mesmo tempo, um dos pólos da educação ao longo de toda a vida. É, por um lado, depositário e criador de conhecimentos; e por outro, é instrumento principal de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Num mundo em que os recursos cognitivos, enquanto factores de desenvolvimento, tornam-se cada vez mais importantes do que os recursos materiais, a importância do ensino superior e das suas instituições é cada vez maior.

De acordo com Prestes (1993), os mestres desempenham um papel importante na educação, sobretudo naquilo que John Henry Newman considera essencial, isto é, a educação das faculdades mentais, educação da reflexão, ao invés de acentuar a preocupação com a memória e o enciclopedismo.

Ensino: sua preocupação é eminentemente humanista - o homem aspira naturalmente ao saber e a universidade deve educar, preparando o homem para a vida, razão pela qual o ensino constitui um dos seus pilares. Karl Jaspers entende que ensinar é fazer participar do processo da pesquisa¹. Este autor justifica sua posição dizendo que a transmissão de conhecimentos e de atitude científica é essencial ao progresso da ciência e que a abertura à crítica, bem como a preocupação de objectividade e de clareza, supõem entrega a outrem dos resultados da pesquisa. Somente o pesquisador pode ensinar verdadeiramente, pois, de outra forma, o ensino se reduz à inércia, mesmo que pedagogicamente estruturado.

Pesquisa - o início do século XIX assistiu ao surgimento de proeminentes filósofos e pesquisa-

dores com destaque para Imanuel Kant, Johann Gottlieb Fichte, Wilhelm Hegel, Wilhelm Joseph von Schelling e Ernst Schleiermacher. Porém, Wilhelm Von Humboldt é o pensador aglutinador e estruturador da ideia de universidade enquanto entidade orientada à busca incessante da verdade (Terra, 2019). A pesquisa científica é o outro pilar da universidade; sem a pesquisa a universidade não saberia perseguir a descoberta da verdade e, por isso, ela deve fazer tudo para favorecer o trabalho científico dos pesquisadores.

Todavia, a pesquisa científica, para servir a vontade original de conhecer, deve se pautar por uma reflexão filosófica, fundada sobre o princípio da unidade do ser. Crisostimo & Silveira (2017), advogam que à universidade cabe ser o centro articulador da totalidade do conhecimento, devendo integrar os pesquisadores numa rede de relações multidisciplinares.

Extensão - ao analisar os valores professados e praticados pelo ensino norte-americano, o que emerge ao entendimento é a sua aspiração ao progresso Roczanski (2016). Alfred North Whitehead pensa que o mais importante para uma nação, é a existência de relação muito estreita entre os elementos de progresso de todos os géneros, de tal sorte que exista influência recíproca entre o estudo e o lugar público². A extensão universitária é um processo académico, definido e efectivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação dos estudantes, na qualificação dos professores e no intercâmbio com a sociedade” Wanderley et ali (2013).

A extensão deve pautar-se em valores educativos, primando por sua integração com ensino e a pesquisa, reforçando a necessidade da transferência do conhecimento produzido nas universidades e avaliando os impactos das actividades científicas, técnicas e culturais para o desen-

¹ K. Jasper [S.L.]. *Ciência e verdade. O que nos faz pensar*, v. 1, n. 01, p. 104-117, june 1989. ISSN 0104-6675

² Alfred North Whitehead propõe uma teoria metafísica onde toda a história do universo, aparece como processualidade – o universo inteiro não é estático, mas muito mais um processo; não é máquina mas organismo que co-cria com um sujeito, isto é, a autoconsciência, que não é o ponto de partida do processo, e sim o ponto de chegada, cf. G. Reale – D. Antiseri (20066). *História da Filosofia. De Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Paulus, São Paulo, p.321.

volvimento local, regional e nacional, Reis & Moura (s/d).

A extensão universitária constitui-se em um conjunto de acções de carácter interdisciplinar e multidisciplinar, articulando os saberes produzidos na vida académica e na vida cotidiana das populações, para compreensão da realidade e busca de resposta aos seus desafios. Assim, promove a disseminação do conhecimento académico, por meio do diálogo permanente com a sociedade. Segundo Reis & Moura, a extensão efectiva-se na interface com o ensino e a pesquisa, por um processo pedagógico participativo, tornando-se instrumento de formação de cidadãos profissionais, que pautem suas acções pela competência técnica e pelo compromisso ético. Portanto, a extensão universitária é uma actividade que constitui um novo paradigma para as instituições de ensino superior, pois agrega a exigência da interacção com a sociedade e da democratização do saber.

A realização do ensino e da pesquisa não esgota o papel fundamental e original que incumbe à universidade na obra do progresso. Porém, a originalidade da universidade reside, sobretudo, na maneira de conceber estas tarefas tradicionais e de as prolongar indefinidamente e de forma articulada, Prestes (1993).

A ideia da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, não se restringe em mera questão conceitual ou legislativa, mas é fundamentalmente paradigmática, epistemológica e político-pedagógica, uma vez que está relacionada às suas funções sócio-educacionais e à razão existencial das universidades, que se constituíram, historicamente, vinculadas às aspirações e aos projectos nacionais de educação Reis & Moura (s/d). As acções de extensão que as instituições de ensino superior desenvolvem objectivam o acesso da comunidade aos saberes científicos, filosóficos, culturais e tecnológicos, que conferem um carácter dialógico à relação dessas duas esferas sociais; a extensão, por sua vez, significa a articulação da universidade com a sociedade, com o objectivo de que o conhecimento novo que

ela produz pela pesquisa e difunde pelo ensino, não fique restrito aos seus muros apenas (idem).

As discussões político-académicas sobre a função formativa e social da universidade vêm se transformando qualitativamente e quantitativamente no final do século XX e mais preponderantemente no século XXI, principalmente no que se refere à noção de ciência, produção de conhecimento e acesso ao ensino superior, Ribeiro – Pontes – Silva (2017).

A Universidade São Tomás de Moçambique, no âmbito das suas atribuições, tem-se notabilizado a) na promoção do ensino superior, investigação científica no domínio das ciências exactas, tecnológicas e humanas, b) na criação e divulgação cultural nos planos intelectual, artístico, moral e espiritual, como instrumentos de realização integral do homem, c) no desenvolvimento de actividades de extensão universitária e de apoio à sociedade moçambicana, no sentido de contribuir para o desenvolvimento e o progresso, (PE, 2018-2027).

Na USTM, a extensão é parte do processo educacional, cultural e científico que se articula à pesquisa de forma indissociável, o que viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (PE, 2018-2027). Por meio da Escola de Pós-graduação, a USTM potencia a investigação científica e vai conquistando o seu espaço em termos de referência nacional no processo de investigação científica.

4. A realidade da pesquisa na USTM à luz da sua Visão e Missão

É comum observar declarações de visão e missão que são meros objectos decorativos, aponta Nakagawa (2014). Isso é devido ao facto de que dirigentes e colaboradores das instituições não sabem qual é o propósito da existência, onde e quando querem chegar e qual é a lógica do seu funcionamento. As lideranças são visionárias apenas quando conseguem manter intactos a

missão e a visão, definidos no início da empresa.

A visão é o que a instituição busca no futuro, seus anseios, aspirações, metas e objectivos. É importante que sejam identificados os diferentes pontos positivos da organização, que possibilitem a realização desses sonhos e ideais, ou seja, o que ela considera como seus pontos fortes para estar em posição de destaque na sociedade, bem como as principais premissas que a mantêm e manterão entre as melhores.

A missão é a razão de ser de uma determinada instituição - a falta desta, interfere directamente no âmbito estrutural, na sinergia da instituição e autoestima de seus colaboradores, Anjos (2017 apud Drucker (1975).

Trabalhar em conformidade com a missão e visão da instituição é o que define o sucesso institucional e profissional. O tema da pesquisa na USTM é claramente expresso pela sua visão e missão.

4.1 A pesquisa na USTM à luz da sua Visão

“Ser líder no país e referência na região, na investigação científica, excelência académica, extensão e serviços de qualidade”

O que está sendo feito para a concretização desta visão? Como foi dito precedentemente, a USTM é o “so-litum locum” onde a tríade ensino, pesquisa e extensão encontram o seu desdobramento, materializando de forma substancial a visão em epígrafe. Do ponto de vista do ensino, a USTM ministra um total de 34 cursos, distribuídos pelas oito (08) faculdades existentes. O processo de ensi-

no e aprendizagem é enriquecido e complementado por outras actividades didáctico-pedagógicas, como é o caso das jornadas científicas, webinars e visitas de estudo.

Em todos os círculos académicos, é largamente partilhada a ideia de que o ensino deve conduzir à pesquisa; o que não pode ser indiferente à USTM. De facto, as monografias, as dissertações e as teses³ produzidas no final de cada ciclo de estudos, representam uma parte importante de compromisso com a pesquisa e investigação científica. Sobre o pilar pesquisa, há a ressaltar a realização de eventos científicos de dimensão internacional⁴, as produções científicas do corpo docente em forma de livros e de artigos, bem como a Revista Universitária SUMMA, criada com o propósito de incentivar a pesquisa e a posterior divulgação dos resultados.

As acções de aggiornamento do corpo docente, têm contribuído significativamente para oferecer ferramentas sempre novas, que permitem desenvolver a pesquisa com maior propriedade e autoridade científica.

Para que a USTM possa seguir realizando a sua visão, isto é, “ser líder no país e referência na região, na investigação científica, excelência académica, extensão e serviços de qualidade”, é-lhe exigida a adopção de políticas transparentes de constante melhoria da qualidade académica e modernização da gestão, o reforço e a interacção com a comunidade, o fortalecimento do processo de interiorização, a mobilização e apresentação de projectos académicos as agências nacionais e

³ A USTM conta com três cursos de doutoramento, a saber: Doutoramento em Ética, Doutoramento em Gestão e Doutoramento em Ciências de Educação. No âmbito destes doutoramentos já foram produzidas sete (07) teses com as seguintes temáticas: ¹) Teodósio António Tovela (2018). Os Códigos de Ética e Acção Educativa nas Organizações: Estudo do Caso da EDM. USTM. ²) Imeldina Matimbe Rego (2019). A Subjectividade na Gestão de Pessoas como Factor Determinante no Agir Ético-Policial: O Caso da PRM, 2013 – 2017. USTM. ³) Alberto Togarepe (2019). Ambiguidade do Ensino nas Relações do Poder do Estudante a Dirigente e Professor – Caso de Estudo do ISAP, 2011-2016. USTM. ⁴) Celson Bahule (2020). A Dignidade da Pessoa Humana como Princípio Ético-Prático nas Relações Profissionais nas Organizações – O Caso da Universidade São Tomás de Moçambique. USTM. ⁵) Esmeralda Raivosa (2020). “Abordagem Ética no Processo de Gestão Estratégica e Desenvolvimento de Recursos Humanos: o Caso do Ministério do Trabalho, Emprego e Segurança Social”. USTM. ⁶) Jean Mukuna Ndaya (2020). Uma Educação Moral para a Redução da Crise de Valores em África. USTM. ⁷) Ana Chemane (2022). O papel da Educação na Construção de uma Sociedade Ética e de Justiça Social: Uma Análise sobre a Fraude académica nas Escolas Secundárias do Distrito da Matola no Ano de 2016. USTM.

⁴ No ano de 2018, através da Escola de Pós-graduação a USTM realizou a Conferência Internacioanl de Filosofia Tomista, uma conferência que contou com a participação de pesquisadores internacionais da rede ICUSTA. No presente ano de 2022, realiza-se a Conferência Internacional Dom Alexandre José Maria dos Santos, que conta igualmente, com o envolvimento de pesquisadores nacionais e estrangeiros.

internacionais de fomento do ensino, da pesquisa e da extensão universitária e o desenvolvimento de acções concretas de cooperação internacional e de inovação tecnológica.

Deve amadurecer-se a consciência de que nenhuma melhoria sustentável pode ser concretizada na USTM sem o diálogo e a participação efectiva de docentes, estudantes e corpo técnico-administrativos.

A investigação científica, excelência académica, extensão e serviços de qualidade devem se nortear a) pela sua articulação e pelo diálogo sobre as suas acções, permitindo um crescimento sustentável da instituição, de seu papel científico e de sua inserção na sociedade moçambicana; b) pela gestão transparente, participativa, eficiente e fundamentada na valorização das pessoas; c) pela sua visão do futuro.

A política de acreditação de todos os cursos de Graduação e de Pós-graduação que está sendo levada a cabo pelas Unidades Orgânicas, constitui um marco para a instituição. Em paralelo a esse processo, deve-se incluir a capacitação de docentes para as novas metodologias, ambientes educativos inovadores, valorização da interdisciplinaridade, de modo que a USTM se mantenha constantemente actualizada em relação aos desafios de formação em todos os seus campos de saberes.

O reconhecimento da USTM no plano nacional, regional e internacional decorrerá, com maior razão, do bom investimento nas pessoas que compõem os seus quadros. Portanto, a instituição deve continuar investindo nos processos de contratação e capacitação, visando um corpo docente e técnico-administrativo cada vez mais qualificado.

4. 2 A pesquisa na USTM à luz da sua Missão

“Providenciar uma investigação científica e extensão de qualidade que assentam na ética e respeito pela dignidade da pessoa humana”

É útil referir-se ao pensamento de Marco Aurélio, que analisou as divergências entre estóicos⁵ e epicuristas⁶, pois, os primeiros afirmavam que o mundo nasceu por acaso, enquanto os outros acreditavam que ele era governado deterministicamente. Destas posições se pode dizer: “não importa se o mundo é governado por necessidade ou por acaso, mas é o homem que não deve passar por acaso”.

O pressuposto acima, leva à ética, que aparece porque existe um sujeito, o Homem, que elege fins e selecciona objectivos. O significado de ethos humano, de facto, implica a maneira pela qual os homens habitam o mundo, residem lá e regulam o estado da natureza de acordo com suas necessidades e objectivos.

Para Platão, a ciência quando não é acompanhada pela ética, raramente é útil e, com maior frequência, prejudica. Um discurso puramente científico, sem referência a qualquer ética, de facto, já teve a oportunidade de mostrar todo o seu potencial negativo para a humanidade e o ambiente terrestre, e hoje é legítimo, perguntar quanto uma ciência antiética possa se beneficiar, Calanna, (2018).

A universidade é um centro de reflexão crítica, de produção científica e de difusão de conhecimento. A pesquisa científica constitui, deste modo, um grande investimento social cujo objectivo fundamental é contribuir para o aumen-

⁵ Da escola filosófica do período helenista fundada por volta de 300 a. C. O estoicismo advoga o primado da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como vida contemplativa acima das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum, Abbagnano, N. (2007).

⁶ Da escola filosófica fundada por Epicuro de Samos no ano 306 a. C. em Atenas. As características desta escola (sensacionismo – atomismo – semi/ateísmo) têm em comum com as demais correntes filosóficas do período alexandrino, a preocupação de subordinar a investigação filosófica à exigência de garantir a tranquilidade do espírito ao homem, idem.

to do conhecimento, cultura, progresso e melhoria das condições de vida de toda a sociedade⁷: o cumprimento das normas e princípios éticos e deontológicos constitui uma garantia da qualidade da própria pesquisa e promove a mais ampla divulgação possível dos seus resultados (Università degli Studi di Milano, 2019).

O papel da universidade na transmissão do saber preconiza uma sociedade alcerçada em princípios ético-sociais, orientados para a verdadeira cidadania. O processo de ensino e aprendizagem traz consigo, ainda que de forma implícita, a ideia de ética, pois, educar é conduzir o aluno a partir de valores. Por isso, compete à universidade:

Levar o estudante a reconhecer a especificidade e a necessidade do comportamento moral em relação a outras formas de conduta humana;

Criar, no estudante atitudes morais que supõe, uma sensibilidade diante das questões éticas;

Desenvolver no estudante a capacidade de argumentação moral e a aplicação das normas de comportamento, adaptadas à situações concretas;

A moralidade deve ser integrada nos programas pedagógicos como elemento que contribui para o desenvolvimento da própria personalidade do estudante, da sua autonomia moral, capacitando e exercitando nele ao uso responsável da sua liberdade na base de um código moral, racionalmente aceite e criticamente justificável diante dos outros (Vidal – Santidrian, 1980).

Ciente da diversidade de códigos morais, a universidade deve formar o estudante à compreensão e tolerância, sem que isso constitua, de forma nenhuma, obstáculo para a unidade social, nem motivo para a abdicação das próprias convicções (idem).

A investigação científica rege-se de princípios éticos; esta consciência deve ser estimulada e desenvolvida em todas as áreas de formação, principalmente nas instituições de ensino superior, enquanto centros de produção e difusão de conhecimento (Tagata, 2008). Para (Settis s/a), a investigação é um elemento essencial e altamente caracterizador - não é um luxo nem uma opção ao lado do ensino, mas antes o fermento da formação, o momento que a qualifica e a torna competitiva.

Qualquer investigação científica é intrinsecamente orientada para o homem, ao seu crescimento integral.

Constitui uma exigência vital, o encontro entre investigação científica, extensão e ética. O juízo ético não pretende contestar a autonomia da ciência, mas salvaguardar a sua natureza autêntica. Ora bem, o simples facto de que uma coisa possa ser realizável cientificamente ou tecnicamente, não significa que isso seja imediatamente lícito. O juízo sobre a factibilidade moral pertence a uma ordem diferente daquele científico e técnico. Há que notar, porém, que os dois juízos não se podem separar, pois, só a responsabilidade moral dá sentido e significado à pesquisa científica, portanto, a investigação científica não pode prescindir da ética, sob pena do seu falimento.

Em última análise, a pesquisa deve ser conduzida no respeito da dignidade, da autonomia, da integridade pessoal e a vida privada de todos os envolvidos⁸. O respeito comporta o reconhecer exigências e interesses de todos os sujeitos, tidos na sua situação concreta.

⁷ No âmbito da extensão universitária, por meio da Faculdade de Agricultura, a USTM tem levado a cabo ações de assistências às associações agrícolas do Vale do Infulene, permitindo assim, a melhoria da qualidade da produção e o aumento da quantidade. Do Campus de Khongolote, onde a Faculdade realiza os seus ensaios práticos, saem produtos diversos, o que permite a promoção cíclica de feiras de venda dos mesmos produtos à comunidade e aos funcionários da USTM a preços acessíveis. Outra dimensão da extensão universitária na USTM é circunstanciada pelo seu Centro de Línguas - uma unidade de serviços que visa difundir o conhecimento das línguas internacionais e a boa comunicação linguística, tanto oral, como escrita. Por via do Centro, a sociedade se beneficia de um canal único e inovador na maneira de comunicar em Moçambique e pelo mundo fora. A maior aposta do Centro de Línguas da USTM assenta em prover serviços com impacto imediato na vida pessoal dos clientes e das organizações que procuram por serviços linguísticos.

5. A pesquisa na USTM segundo o Plano Estratégico 2018-2027

Segundo o estabelecido no seu PE 2018-2027, a USTM está firmemente determinada a tornar-se uma Research University e, para lograr esse fim, se propõe:

A expandir a Escola de Pós-graduação em termos de espaço físico, cursos, staff, equipamentos e laboratórios;

Criar um centro de pesquisa multidisciplinar;

Estimular a pesquisa e publicação com padrões internacionalmente aceites;

Criar um quadro efectivo de investigadores;

Definir padrões quantitativos de cursos e/ou programas de mestrado e doutoramento;

Definir padrões quantitativos do número de defesas na Pós-graduação;

Estabelecer critérios anuais quantitativos e qualitativos de pesquisas a serem feitas;

Criar um repositório do saber.

Este posicionamento da USTM não pode ser alheio às dificuldades que se impõem ao sector da pesquisa e investigação científica em Moçambique. Aliás, segundo Feijó (2020), a produção de conhecimento implica a existência de meios de produção, isto é, laboratórios, bibliotecas ou software de análise de dados, pelo que o conhecimento produzido na USTM é condicionado pelas possibilidades financeiras existentes. A USTM, embora tenha um orçamento destinado à pesquisa, este é aquém de responder às exigências próprias deste sector.

A USTM, enquanto membro da rede ICUSTA⁹, encontra-se numa posição privilegiada e de resposta à exigência de internacionalização das IES.

Num contexto em que, independentemente dos factores locais, a maior parte dos problemas a resolver transcendem as fronteiras locais e regionais, a cooperação é uma exigência ao mesmo tempo política e prática.

As universidades têm um grande potencial para o estreitamento da cooperação académico-científica; constituem repositório vivo do património da humanidade, um património que se renova à medida que professores e pesquisadores fazem uso dele. As universidades são geralmente multidisciplinares, o que permite a cada um ultrapassar os limites do seu meio cultural inicial. Têm, em geral, mais contactos com o mundo internacional do que as outras estruturas educativas (UNESCO, 1998).

Encarando a universidade como um local de cultura e de estudo aberto a todos, procura-se, que seja reconhecida a sua missão e até as suas responsabilidades, na participação em grandes debates relacionados com a concepção e com o processo de transformação da sociedade (*ibidem*).

As instituições de ensino superior estão bem colocadas para uma devida exploração do fenómeno da mundialização, daí que são chamadas a sanarem o déficit de conhecimentos e enriquecerem o diálogo entre povos e entre culturas. A cooperação entre cientistas da mesma área do saber transcende as fronteiras nacionais e constitui um instrumento poderoso para a internacionalização da pesquisa, da tecnologia, das concepções, das atitudes e das actividades (UNESCO, 1998). No processo da cooperação internacional, há a destacar os seguintes aspectos: *a)* troca de estudantes e de professores, *b)* auxílio no provimento de sistemas de comunicação, *c)* partilha dos resultados de pesquisas, *d)*

⁸ O ensino da ética, que compreende a ética fundamental, a bioética e a dignidade da pessoa humana, tem se revelado como marco referencial da USTM. Este tema, é justificado ainda, por um elevado número de pesquisas e publicações sobre questões de ética e dignidade da pessoa humana. O trabalho de acompanhamento dos estudantes, por parte da Irmã Olinda Uamusse, quanto à necessidade duma apresentação decorosa, constitui um sinal inequívoco de que a formação na USTM, é realmente uma formação integral e integrada e de contínua valorização da pessoa humana.

⁹ ICUSTA - Internacional Council of Universities of Saint Thomas of Aquine.

formação de redes interuniversitárias e *f*) a criação de centros regionais de excelência (*ibidem*).

Em algumas instituições de ensino superior, a existência de estatuto da carreira docente¹⁰ e da carreira de investigador¹¹ não é correspondente à necessária valorização da investigação, ao investimento nesta actividade e à constituição de uma equipe de investigadores multidisciplinares altamente qualificados.

¹⁰ USTM (2017). *Regulamento da Carreira Docente Universitária*. Maputo.

¹¹ USTM (2019). *Regulamento da Carreira de Investigador*. Maputo.

Conclusão

Não há ensino em que, durante o processo, não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, curiosidade e criatividade e o ponto ômega deste processo é o compromisso de parceria entre a universidade e a sociedade, isto é, a extensão, enquanto acção intrínseca ao trabalho pedagógico.

A produção intelectual que resulta do ensino e da pesquisa, deve alinhar-se a estudos de problemas relevantes para a comunidade, deve permitir o diagnóstico de problemas e características da sociedade. Uma devida articulação do ensino, pesquisa e extensão é deveras importante para a universidade, na medida em que se pode produzir, transmitir e interagir socialmente com o conhecimento.

À universidade cabem-lhe as funções essenciais de pesquisa, ensino e extensão; de resposta aos múltiplos aspectos da educação permanente; de formação especializada e adaptada às necessidades da vida económica e social; essas funções devem ser exercidas num espírito de independência e responsabilidade acerca das questões ético-sociais e dentro duma lógica de cooperação no plano internacional.

Desafios

Para que a tríada ensino-pesquisa-extensão possa ganhar maior cidadania na USTM, enquanto unum corpus e indissociável, objectivado a conferir maior substância às práxis pedagógicas, este estudo lança alguns desafios que podem ser determinantes para a universidade, havendo, por isso, a necessidade de:

- Capacitar docentes com métodos pedagógicos actualizados de suas formações anteriores;
- Garantir a formação contínua dos docentes como pesquisadores;
- Oferecer condições objectivas para a

instauração de uma tradição de pesquisa. Isso deve consistir num apoio efectivo à formação de Pós-graduação, tanto de seus professores, quanto de seus estudantes;

- Criar mecanismos internos de incentivo, planeamento e coordenação da pesquisa, implantação de programas de iniciação científica; exigência curricular da actividade de elaboração de artigos científicos.

- Tornar exigência curricular a elaboração de trabalhos de fim do curso;

- Desenhar uma política de pesquisa que se consubstancia na elaboração e no desenvolvimento de planos, programas e projectos de pesquisa e disponibilizar meios necessários, como por exemplo, técnicos, físicos e financeiros;

- Disponibilizar condições objectivas de infra-estrutura técnica, física e financeira, de suporte às actividades de pesquisa e investigação científica;

- Criar condições de participação e presença em eventos científicos. Esta participação e presença é muito importante, tanto para o estudante como para o pesquisador, por ser uma oportunidade de encontro com os homens da ciência para debater ideias de forma crítica e construtiva. Sem esse processo, a pesquisa na USTM continuará um campo estanque;

- Incorporar os estudantes em acções de extensão;

- Garantir a produção académica a partir das actividades de extensão seja no formato de teses, dissertações como em livros e artigos.

Bibliografia

- ABBAGNANO, N. (2007). Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes.
- ANJOS, M. (2017). A importância da comunicação da missão, visão e valores para os empregados, in <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/4-A-importancia-da-comunicacao-CC%82ncia-da-comunicacao-CC%A7a-CC%83o-da-missa-CC%83o-visa-CC%83o-e-valores-para-os-empregados.pdf>
- CALANNA, E. (2018). Scienza ed etica a confronto: chi regolerà la nostra morale? Carta dei principi per la ricerca nelle scienze sociali e umane e codice di condotta. In https://www.cnr.it/sites/default/files/public/media/doc_istituzionali/ethics/Carta-dei-principi-per-la-ricerca-nelle-scienze-sociali-e-umane-4-5-2017.pdf. Consultado no dia 03 de Agosto de 2020.
- CASTRO, Luciana maria Cerqueira (2004). A Universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED,27.,Caxambu. Anais Caxambu:ANPEd, 2004. Disponível em: <http://anped.or.br/reunioes/27/inicio.htm>.
- CRISOSTIMO, A. L. - SILVEIRA, R. M. C. F., Org. (2017). A extensão Universitária e a produção de conhecimento. Editora UNICENTRO, Paraná.
- CUNHA, Maria Isabel. (1996). Ensino e Pesquisa: A prática do professor universitário. Cad. Pesq. São Paulo, n.97. Maio, 1996. Acesso em 13 de Julho de 2019.
- ESTEVES, Manuela (2008). Para a excelência pedagógica no Ensino Superior. Sísifo: Revista de Ciências da Educação. ISSN 1649-4990.Nº7, 2008. Acesso em: 13 de julho de 2019.
- FEIJÓ, J. (2020). Dificuldades da realização da pesquisa em Moçambique. observatório do Meio Rural n. 99.
- FELIPPE, W. C. et ali (2013). Extensão nas instituições comunitárias de ensino superior. FORPROEX. Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. (2007). Org.:Edison José Correa. Extensão Universitária: organização e sistematização. Belo Horizonte: Coopmed.
- FREIRE, Paulo. (1980). Extensão ou Comunicação? 5.ed.Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. (2002). Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.25ª edição. São paulo: Paz e Terra.
- JASPER, K. [S.l.]. Ciência e verdade. O que nos faz pensar, v. 1, n. 01, p. 104-117, june 1989. ISSN 0104-6675
- MAZZILI, Sueli. (1996). Notas sobre a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensao. Universidade e Sociedade, Maringá, n.11.
- NAKAGAWA, M. (2014). Missão, visão e valores. In https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/ME_Missao-Visao-Valores.PDF
- PRESTES, J. B. I. (1993). Vocaçao original da universidade. Uma revisão indutiva. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- REALE, G.– ANTISERI, D. (20066). História da Filosofia. De Nietzsche à Escola de Frankfurt. Paulus, São Paulo.
- REIS, V. S.–MOURA, L. T. <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2660>
- RIBEIRO, M. R. F.–PONTES, V. M. A.–SILVA, E. A. (2017). A contribuição da extensão universitária na formação acadêmica: desafios e perspectivas. Revista Conexão UEPG, vol. 13, núm. 1, pp. 52-65.
- ROZANSKI, C. R. M. (2016).O papel das universidades para o desenvolvimento da inovação no Brasil. XVI Coloquio Internacional de Gestión Universitaria. Arequipa – Perú.
- SEVERINO, António Joaquim. (2007). Metodologia do Trabalho Científico. Sao Paulo: Cortez.
- SETTIS, S. L'Università del futuro: il ruolo della ricerca. In <http://matematica.unibocconi.it/articoli/luniversit%C3%A0-del-futuro-il-ruolo-della-ricerca>. Consultado no dia 11 de Agosto de 2020.

SILVA, Ênio Waldir da. O papel da extensão no cumprimento da função social da universidade. In: FRANTZ, walter; SILVA Ênio Waldir da. As funções sociais da universidade: O papel da extensão e a questão das comunitárias. Ijuí, Unijuí. 2002.

TAGATA, C. M. (2008). Ética na pesquisa científica – o papel do professor na construção de um cidadão ético. Ver. Ciên. Jur. E Soc. Dda Unipar. Umuarama. V.11, n.1, pp.115-125.

TERRA, R. R. (2019). Humboldt e a formação do modelo de universidade e pesquisa alemã. Cadernos de Filosofia Alemã | v. 24; n. 1. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v24i1p133-150>.

UNESCO (1998). Educação, um tesouro a descobrir. Cortez Editora, São Paulo.

UNIVERSIDADE SÃO TOMÁS DE MOÇAMBIQUE (2018). Estatutos 2018-2027.

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI MILANO (2019). Codice etico e per l'integrità nella ricerca. In <https://www.unimi.it/sites/default/files/2019-05/Codice%20etico%202019.pdf>. Consultado no dia 11 de Agosto de 2020.

VIDAL, M. – SANTIDRIAN, P.R. (1980). Etica personal. Paulinas, Madrid.

DOM ALEXANDRE JOSÉ MARIA DOS SANTOS E O LEMA:

“SERVIR E NÃO SER SERVIDO”

Juliveva Ernesto Sitoi

Email: Juliveva0100@gmail.com

Resumo:

O presente estudo visa investigar o lema “Servir e não ser servido”, discorre nestas palavras “o saber ser servo e ser humilde”. Referente ao modo de ser, estar e fazer. Compreende-se a condição do outro, ser servo por amor a todos. É o lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, servo incansável, dedicado ao serviço de Deus e da sociedade. Em parte, o ambiente educativo foi providencial, pois, o Cardeal Dom Alexandre percebeu a situação real de muitos homens e empenhou-se em prol de dar e valorizar uma dignidade humana. Servir é a capacidade de sair de si para amar, doar-se, numa abertura diante do diferente, supõe sacrifício, mudança de atitude e real percepção dos valores cultivados interiormente. Esta pesquisa foi realizada por meio de estudo bibliográfico e como principal objetivo, pretende-se compreender “servir e não ser servido” em várias dimensões (humana, cristã, pastoral, educativa, social, etc.)”. Morreira (2009), por sua vez, desperta sobre uma personalidade que restaura no homem as possibilidades que nele existem e entre outros autores, a partir do pensamento bíblicos e apresentam a gênese de servir. Assim, “bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20,28). A pesquisa mostra a relevância do tema diante de um universo que deve cultivar o encanto pelo serviço em vista do bem do outro, seja na promoção pela educação, dando possibilidade de formação integral e integrada da pessoa humana.

Palavras-Chave: *Servo, Servir, Formação, Dignidade Humana.*

Abstract::

The present study is to investigate the motto “to serve and not to served”, meaning “to know how to be a servant and be humble”. This is in relation to the way of behaving, being and acting. Understanding the condition of others and, being a servant out of love for all. It is the motto of Cardinal Dom Alexandre José Maria dos Santos, a tireless servant, dedicated to the service of God and society. In part, the educational environment was providential, as Cardinal Dom Alexandre realized the real situation of many people, he committed himself in favor of giving and valuing human dignity. Serving is the capacity to come out of oneself, to love, to offer oneself, taking an attitude of deep attention to the needy, etc. Thus, “Servire et non serviri” presupposes sacrifice, a change of attitude and a real perception of the values cultivated within. It means to be humble and to be the servant of all. This research was carried out through a bibliographic study with the objective of understanding the meaning of “to serve and not be served” in its various dimensions (human, Christian, pastoral, educational, social, etc.)”. Morreira (2009), in turn, awakens us to a personality that restores in man the possibilities that exist in him. From biblical thought we present the genesis way of serving from the perspective of other authors. Such as, “just as the Son of Man did not come to be served, but to serve, and to give his life as a ransom for many” (Mt 20:28). The research shows the relevance of the theme in the face of a universe that must cultivate the enchantment for service in view of the good for the other, whether in the promotion of education, giving the possibility of integral and integrated formation of the human being.

Key words: *servant; serve; training; human dignity.*

1. Introdução

Neste artigo discorre-se sobre o Lema do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos: servir e não ser servido. A opção pelo lema espelha um merecido atributo à sua grandeza e influência no seio formativo, à experiência de vida no regaço da Igreja Católica em Moçambique e por mais outros aspectos que o conduziram à dívida escolha.

Este artigo, retrata o seu trajecto como servo de Deus e como Padre, Bispo, Cardeal, Educador, Conselheiro e Modelo de arte de servir a todos os homens, abarcando muitas áreas. Portanto, “se queremos servir a Deus, ao próximo e a nós mesmos, é necessário que tenhamos, em relação a Deus, piedade; em relação ao próximo, honestidade; e, em relação a nós mesmos, ciência” (Coménio, 1957, p. 148).

Daí que, ser servo é dedicação pela formação humana, cristã, académica, e mais, o que significa, maior aproximação ao outro, fomentando uma educação como opção fundamental em vista do bem da sociedade.

Cardeal Dom Alexandre promoveu uma Educação para uma vasta população, com o intuito de ajudar a superar toda a situação de submissão, de escravidão e de dependência. Portanto, com a pesquisa, pretende-se conhecer o percurso de servir e não ser servido. O exercício de servir, passa pela regra de sabedoria que se explica em 3 pontos do saber:

- a. Aprender a ser (desenvolver a personalidade humana a fim de actuar nas diferentes circunstâncias);
- b. Saber lidar com várias situações, aquisição de habilidades;
- c. Aprender a compreender e valorizar o próximo.

Desta forma, “*servir e não ser servido*” abarca uma postura, baseada na acção e missão, dando sempre valor a uma “formação a todos os

níveis” (Pérez, 2009, p.54), a fim de garantir o acto educativo e o desenvolvimento humano. Considerando que toda a acção de “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (Freire, 2002, p. 30). Por isso, a educação, a escola, prepara o ser humano para a sua integração na sociedade, evidenciando “os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das acções um recto agir” (Boff, 2008, 11).

O interesse pela pesquisa desta temática está na relevância da integridade do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos que serviu aos pobres e esteve em defesa dos pobres, empenhou-se em responder a preposição simples, à várias situações e revelou com clareza aquelas qualidades peculiares de grandes virtudes humanas (por exemplo: Amor, Sabedoria, Coragem, Simpatia, Simplicidade, Humildade, Paz, Solidariedade, etc.).

Em parte, o sector da educação preocupa-se em promover a boa conduta do homem, por isso, o Cardeal Dom Alexandre, empenhou-se por uma formação integral e integrada da pessoa humana e sempre sublinhou a ética como o saber formativo necessário para cada área de estudo e esta foi a sua prioridade, lutar por uma educação do carácter e do comportamento e garantir uma educação eficaz e ética.

Para além do fundo motivacional referido, o Cardeal Dom Alexandre, durante o tempo pastoral como primeiro sacerdote, primeiro Bispo e primeiro Cardeal moçambicano, tornou-se modelo de “*Servire et non serviri*”, e experimentou o grande desafio de servir e não se deixou levar pelo risco de se expor para ser servido. Por isso, a educação é o lugar privilegiado para transmitir valores aos alunos e para o exercício dos mesmos. O percurso pastoral do Cardeal, foi em simultâneo um itinerário de busca e de resgate de valores humanos, culturais, morais, etc. De outro lado, a sociedade moderna revela uma visão diferente, vive-se uma situação de crise desses valores, a falta da moral, desafiando

e ameaçando toda a geração futura.

Portanto, destaca-se algumas hipóteses para o desenvolvimento deste estudo. A opção pela educação foi um meio para o desenraizamento da pobreza, criou as instituições¹ de ensino em Moçambique, em vista de preparar quadros profissionais, até ao Ensino Superior para facilitar a todos uma formação em valores éticos e cristãos.

A outra hipótese é de que “*servire et non serviri*” é a direcção objectiva que conduziu o Cardeal a uma percepção da necessidade de uma formação académica para todos, elevando os esquecidos e desfavorecidos para lhes favorecer uma integração no sector profissional, para o bem da sociedade e, em particular de Moçambique. Por isso, a busca de implementar o bem, resultou no respeito à dignidade da pessoa humana no seu todo e “*servir e não ser servido*” é forma teórica e prática, isto é, formar e educar para a criação de cidadãos conscientes da sua pátria e em valores humanos.

De outra forma, com as páginas deste artigo, pretende-se contribuir para que os estudantes, profissionais e todas as pessoas compreendam o significado do lema “*servir e não ser servido*”. No intuito de elucidar o lema inovador do Cardeal Dom Alexandre para as novas gerações, o artigo irá proporcionar a todo o leitor, especialmente aos estudantes, um conhecimento minucioso do Cardeal Dom Alexandre, sua integridade.

Deste modo, este artigo propõe de forma particular a desenvolver os seguintes tópicos: Procedimento metodológico; Contextualização do significado do termo “*servo*”; Integridade do Cardeal Dom Alexandre; As metamorfoses do nome do Cardeal; Dom Alexandre – pastor da Igreja; A lógica de “*Servir e não ser Servido*”; O lema Episcopal “*Servir e não ser Servido*”; Atitudes caritativas e pacificadoras; Nova Visão “*Servir e não ser Servido*” e a Educação; O Cardeal Dom Alexandre e as “Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África”; O Cardeal Dom Alexandre como Pedagogo;

Os desafios e o Lema e, por fim, as considerações finais.

1. Procedimento Metodológico

A realização desta pesquisa seguiu o estudo bibliográfico referente à temática; a pesquisa apoiou-se ao estudo interpretativo para compreender a essência do lema “*Servir e não Ser Servido*”.

Por isso, tratando-se de uma pesquisa científica, foi necessário um estudo pautado em autores como Moreira (2009), Morais (1980), Pitta (1998), Buque (2018), Filimone (2017) Abbagnano, (2007), Marime (2002) e outros que versam a etimologia e desenvolvem as palavras fundamentais. Em primeiro momento, pretende-se compreender o termo *servo*, seu significado em grego, hebraico e fazer uma contextualização com abordagem linear sobre o significado de “*servir e não ser servido*”, numa visão educacional e teológica, com o objectivo de compreender a génese do Lema em estudo. Em relação ao segundo momento procura-se apontar a integridade do Cardeal Dom Alexandre com uma descrição lógica e enriquecedora do lema.

Contudo, como percurso desta reflexão constatou-se que “*servir e não ser servido*” é uma orientação que envolve o homem e sua dignidade, servir o outro, pelo que o Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos fez a sua missão de pastor da Igreja, educador, conselheiro, formador, etc., e mais ainda, ele serviu a todos. Desta forma, é necessário contextualizar o termo “*servo*” em vista de uma melhor compreensão que se pretende trazer neste artigo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO SIGNIFICADO DO TERMO “SERVO”

Moreira (2009, 161-162) sustenta que “o *servo* assume uma situação de não poder, humilha-se, entrega-se para dar poder e para dar vida plena”. Jesus é o *Servo* por excelência. *Servo* referente

¹ Escola Primária Dom Alexandre Dos Santos, Escola Secundária Dom Alexandre dos Santos e Universidade São Tomás de Moçambique.

a uma pessoa não goza de uma liberdade, disposição da sua personalidade e da sua totalidade. Por isso, em torno desta pesquisa, serviu de base a seguinte questão:

Que significa ser servo?

Ser servo não é propriamente ser muito gentil, condescendente, amável, serviçal. Ser servo é exactamente proporcionar oportunidade para que outro se realize como Homem; é restaurar no Homem as possibilidades que nele existem; é consciencializar o Homem sobre a sua natureza, é também renovar a existência humana e sua dignidade.

O discurso sobre a etimologia da palavra “servo” traz novidades relacionais em duas línguas, Grego e Hebraico. Em linhas breves, o que se pretende aqui desenvolver seria o sentido de palavra “servo” no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Com intuito de melhorar a compreensão do termo em estudo.

O Antigo Testamento trata a palavra “servo” desde as origens em hebraico *עֶבֶד* (‘ebed) que vem do verbo *עָבַד* (‘abad) que significa trabalhar (Ex. 5,18), cultivar a terra (Gn. 2,5, 2,15). E quando o verbo abad tem a pre- posição “ב” traduz-se “servir-se de” (Lv. 25,46), prestar serviço em um culto (Nm 3,7).

Em Grego, a palavra “servo”note-se que apresenta algumas semelhanças no seu significado “θεραπων” (therapon) é referente à alguém que presta serviço, algumas vezes como um escravo, também alguém que presta serviço voluntário estimulado pelo dever ou amor.

Também “διακονος” (diáconos) para designar um escravo. Uma outra palavra em grego “οικετης” (oiketes) significa escravo, algumas vezes, sendo praticamente equivalente a *δουλος* (doulos). Por isso, o termo, no Antigo Testamento, aparece a palavra servo com um sentido expressivo que significa “escravo”, mas, não enfatizando a ideia servil.

Por seu turno, o Novo Testamento aprofunda, em Grego a palavra “servo” usada como “δουλος (doulos) que vem da palavra *δεω* (deo) que significa “atar um laço, prender, com cadeias, lançar em cadeias”. A mesma expressão *δουλος* (doulos), significa escravo, servo, homem de condição servil, também é considerada a alguém que se rende à vontade de outro, também, que presta serviço voluntário, estimulado pelo dever ou amor ao outro (Magalón, 2008, p. 27).

Em ambas as expressões referidas a cima, em grego tanto em Hebraico, nota-se uma semelhança servo significa “escravo” porém, no Novo Testamento se aprofunda a expressão *δουλος* (doulos), como homem servil que se doa por vontade pessoal em vista do bem do outro. Moraes, (1980, p.135) segue a mesma interpretação, servo alguém “que exerce o mister criado. Que é escravo”.

Pitta (1998, p. 91), remete-se de forma enriquecedora o significado da palavra servo, aponta a forma de defesa dos pobres, assim, servo é aquele que “sente a situação de injustiça e de opressão”.

Nesta contextualização, os autores defendem de forma convergente, o sentido de servo e favorecem argumentos positivos que revelam que o Cardeal Dom Alexandre procurou elevar o pleno significado. Portanto, ser servo não foi para se mostrar um Cardeal bondoso, serviçal, mas o Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos era servo por comportamento, por acto, por silêncio, por palavras, por atitudes que favoreceram restaurar e formar a dignidade humana.

3. Integridade do Cardeal Dom Alexandre

De entre várias dimensões cuja natureza se expressa em atitudes e acções que versam a ética e honra, o Cardeal Dom Alexandre, como frade menor², sacerdote, primeiro Bispo e primeiro Cardeal Moçambicano, sempre viveu em comunidade até à sua Páscoa. A vida do Cardeal foi

marcada, desde os primeiros momentos pela entrega ao serviço, Sioi (2018, p. 100) afirma “passou a infância na vivência com a família, desde o início procurou ajudar a família, dedicando-se a diversas tarefas domésticas, apascentando os cabritos e ovelhas que a família possuía”. A vida dele foi, desde o primeiro momento, uma vida de entrega ao serviço dos homens, em vista do bem do ser humano.

“Em 1934, apareceram na região as primeiras escolas, uma das quais no regulado de Mavila, para onde, por ordem do governo colonial, deveriam os régulos mandar as crianças da sua área para iniciarem os estudos” (Sioi, 2018, p.100). O Cardeal Dom Alexandre seguiu, por privilégio da infância, o ensino, com o intuito de aprender e saber mais.

3.1. As metamorfoses do nome do Cardeal

Qual é a origem do nome do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos?

Provavelmente, a metamorfose nominal naqueles anos tinha como objectivo: dar sentido do novo nascimento no âmbito espiritual e garantir a conquista de ser assimilado ou civilizado.

O Cardeal Alexandre, desde o nascimento, foi atribuído o nome de Mussonyane³. O pai trabalhava na África do Sul e lá, o pai, ouviu o nome “Alexandre” e quando regressou, deu ao filho Mussonyane. No Acto do baptismo, há um desenvolvimento do nome. De Mussonyane Mulaitxe não foi aceite, pois diziam que era um nome pagão, assim ficou **Alexandre e o nome do padrinho**. Nesse contexto foi baptizado com o seguinte nome: **Alexandre Fabião Lopes**.

Este nome teve mais alterações, quando ingressou na Vida Religiosa, quando fez a primeira profissão (naquele tempo se mudava o nome, sinal de que era nova criatura). O Cardeal Dom Alexandre, pen-

sou em adquirir **pais espirituais**: Maria (Nossa Senhora e José (São José) são a Mãe e o Pai do Cardeal Alexandre e o Cardeal tendo sido baptizado no dia 01 de Novembro de 1935, dia de todos os Santos. O Mussonyane recebeu o sacramento do Baptismo, na Missão de São Francisco de Assis de Mucumbine. Em seguida retirou o nome de Fabião Lopes e ficou Alexandre (nome dado pelo pai Biológico). Assim, ficou conhecido por Alexandre José Maria dos Santos (Buque, 2018, p. 8-9).

O Mussonyane entrou na Escola de Todos os Santos de Mavila, fundada pela Missão de Mucumbine, onde trabalhavam os frades Menores, Missionários da província Portuguesa dos Santos Marrocos.

Foi em 1934 que Mussonyane conheceu, pela primeira vez, um padre católico, chamado frei António Maria de Oliveira, da Ordem dos Frades Menores, fundador da Missão de Mucumbine. Na sua escola, aprendeu também catequese.

O Cardeal, como pastor, foi sempre cheio de dedicação, zelo apostólico, nas missões de Homoine de 1954 -1957, como Coadjutor da Missão, dedicou-se na catequese e na promoção vocacional. Também esteve na missão de S. José de Mongoé, de 1958 -1961, com o seu entusiasmo apostólico, mas, também encontrou dificuldades, quando o Superior da Missão não pudesse partilhar o único carro existente na Missão e decidiu comprar um burro para o padre negro para as suas deslocações pastorais.

Em 1962 - 1963, na Missão de Nossa Senhora de Fátima de Jangamo, empenhou-se na promoção vocacional. Em 1964 seguiu para Portugal, pois, o seu estado de saúde tinha-se agravado bastante, mas, com a graça de Deus recuperou. Depois, esteve de novo em Mongue (1965 -1966) como

² “Frades Menores” a Ordem dos Franciscanos ou ordem religiosa fundada por São Francisco de Assis; destacados na vivência de pobreza, simplicidade, fraternidade e os Conselhos Evangelicos.

³ Nome dado pelos pais logo após o nascimento, nome do seu avô que se chamava Mussuni e diminutivo é Mussonyane.

superior e, em 1967-1973 em Quissico também como Superior da fraternidade, fez a sua acção como simples missionário e bem se afirmou. Reconstruiu com grandeza a Escola da sede e o internato feminino que ficou a funcionar como centro de promoção da mulher (Marime, 2002, p. 193).

Destes factos, como se pode perceber mais claramente, começa-se a prestar atenção no zelo pela formação da pessoa humana, relevando a transmissão dos valores morais. Em parte, a pastoral do Cardeal Dom Alexandre às famílias, teve destaque da moral nos seus discursos, identificando a família Moçambicana como referência para a transmissão de valores morais, assim, como se pode perceber por meio de alguns exemplos que são elucidativos do zelo apostólico:

Dentre os valores sociais e cívicos, o Cardeal fazia referência conducente de que os mesmos levam à “boa educação” assim, o respeito pela vida humana, nascida ou por nascer; a dignidade da consciência e da sua livre decisão: a autenticidade, o amor à verdade, à justiça, à liberdade, à paz e a capacidade de perdão e de convivência, de partilha e de fraternidade universal, a criatividade, a confiança e a persistência; a esperança e o sentido da vida, o sentido da igualdade e da solidariedade, o espírito de serviço, de generosidade e dedicação; o respeito pelos outros, o sentido da comunidade social, da união conjugal e do amor entre o homem e a mulher; a honestidade, a competência e o sentido de trabalho, de diálogo e de luta contra todas as formas de racismo, discriminação, divisionismo, humilhação e opressão; o sentido crítico e o discernimento dos sinais dos tempos; a co-responsabilidade na edificação da sociedade, da nação e da história dos povos. Estes são alguns valores que as famílias deverão praticar e transmitir aos filhos, dentro da missão que lhes assiste de formar lares, verdadeiras escolas de valores morais, cívicos e sociais, e autênticos fermentos duma sociedade mais digna, mais humana, mais fraterna e mais solidária (CEM, 1981, 31/32). Esta foi a realidade do incentivo às famílias para a transmissão de valores.

O Cardeal serviu às várias famílias, porque compreendeu que o ambiente de cada família deve ajudar os filhos a crescer com um comportamento que os dignifique como pessoas humanas e o outro aspecto, é que a vivência eficaz dos valores morais sobreleva a conduta de qualquer pessoa dentro ou fora da família. Assim, a família é efectivamente a base e a primeira escola onde todos os valores se podem adquirir, viver e transmitir.

4. A Lógica De “Servir E Não Ser Servido”

Discursar sobre o lema Episcopal do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, fundador das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África e Patrono da Universidade São Tomás de Moçambique, é um desafio profundo de arte humano, educativo que abrange a sociedade.

Portanto, para tornar o discurso mais esclarecedor, em primeiro lugar, é conveniente apresentar a etimologia da palavra servir e sustentar o uso hodierno da mesma.

A palavra “servir” etimologicamente origina-se do Latim “servire”, servitium, escravidão, servidão. O substantivo da palavra é servo e o adjectivo é servil (cf. Abbagnano, 2007, p. 890). Toma-se em consideração a origem da palavra “servir” é do latim, língua que já não se fala. Mas realça-se o sentido de “escravidão e servidão”, assim, em português mantiveram o seu sentido original. Escravidão, também era referente ao trabalho forçado, uma prática social imposta ao ser humano por meio a força. Outro aspecto, verifica-se nos tempos de monarquia, que se considerava servir como condição e satisfação das necessidades do soberano, daí que, uma nova pista conducente para indicar que no hodierno, servir designa ser auxiliar.

Desta forma, a etimologia da palavra servir acompanha todo o estudo e toda a experiência ministerial do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos. “Servir e não ser servido” é o

lema que vale para todos, conscientes de estarmos numa sociedade que inquieta sobre os valores básicos.

De facto, servir é um verbo transitivo “ser, vir”. Por isso, o ser humano sente-se realizado, servindo o próximo, mesmo nas situações que obrigam à devida prática, ele assume a tarefa humildemente. Servir é a arte de devolver ao outro uma justa dignidade, cheio de amor, tornar concreto o brilho do outro. Isto é, exercício eficaz de “estimular e restaurar no homem as possibilidades que nele existem” (Moreira, 2009, p. 157)

Sobre a lógica de servir, merece uma observação minuciosa e espiritual, em vista de compreender “servir e não ser servido”, daí que Jesus afirma: “Bem-aventurado o servo que se mantém sob a vara da disciplina. Servo fiel e prudente (Mt 24,45). Bem-aventurado o servo que tanto ama e respeita a seu irmão” (Fontes Franciscanas, Avisos Espirituais, nº 23, 25). Note-se que as qualidades de vida do Cardeal pela sua grande capacidade de “saber ser servo” do Senhor, ele amparou e identificou-se com o povo, vivendo a pobreza no seio de um povo também pobre.

Portanto, no destaque do “saber ser servo”, Sua Eminência dedicou-se de forma incansável ao serviço da Igreja e do povo. Em terras de missão, atravessou os piores momentos em Mongoé – Maxixe, Jangamo nos anos 1958 - a 1973 e, em simultâneo a situação política, o país em geral viveu dificilmente os momentos de transição, diante de tudo o que o país passou, na guerra dos 16 anos, o Cardeal empenhou-se como um servidor em busca do bem comum. Não obstante, o Cardeal procurou ganhar confiança, demonstrou esperança, dedicação e interesse, sobretudo nos momentos em que tudo parecia que tinha acabado, isto é, quando a maior parte dos missionários regressaram ao país de proveniência, o Cardeal deu um passo e assim, marcou a sua vida pela positividade da sua missão, abriu o coração a Deus, e, fundou uma família das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África.

Como se pode perceber, “saber ser servo” é ex-

pressão que acompanhou toda a vida do Cardeal Dom Alexandre concretamente o seu lema.

4.1. O lema Episcopal: “Servir e não Ser Servido”

É impressionante o lema Episcopal do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos “servir e não ser servido” (Mt 20,28).

Comentando este lema, o Cardeal, disse o seguinte:

“De facto, pensei no meu episcopado como um serviço ao povo. E não um governo, mas um serviço. Também sentia que deveria estar à frente deste povo e precisava colocar-me como quem estava ao serviço deste dele. É para mim, um meio para ser e estar ao serviço de todos. Sentia a necessidade de dedicar-me a este povo, uma vez que o Senhor me confiou. Foi então que escolhi este lema servir e não ser servido (Buque, 2018, p.26).

Servir é verbo de acção que consiste em doação e serviço. Isto é, supõe boa vontade, desejo de responder aos desafios e exigências da pregação e anúncio da Palavra. A grandeza deste lema reside na busca de condições para promover a pessoa humana toda e, no seu todo.

4.2. Atitudes caritativas e pacificadoras

O serviço do Cardeal Dom Alexandre foi marcado pelo golpe de estado em 1974, que derrubou o governo Português. Tal acontecimento marcou a nova evangelização, a pastoral do Padre Alexandre e depois como Arcebispo da Diocese de Lourenço Marques. Do outro lado, o golpe, abriu espaço para uma rápida renovação de Moçambique, abraçando a Independência Nacional. Os nacionalistas moçambicanos agruparam-se na Frente de Libertação de Moçambique.

Diante de muitas situações vividas a nível do país, o Cardeal Dom Alexandre esteve sempre disponível para cooperar em vista do “Bem”. Por isso, o Cardeal esteve na companhia de Dom Januário Machaze Nhangumbe⁴, quando se deslo-

caram à Tanzânia a fim de contactarem a direcção da FRELIMO, no sentido de dialogarem com o estado Moçambicano para se perspectivar o futuro relacionando com a Igreja em particular e em vista do bem comum.

Note-se que num contexto difícil de viver a fé⁵ e de realizar uma pastoral eficaz, mas o Cardeal Dom Alexandre serviu deste ambiente para fortalecer a acção dos seus colegas no episcopado, amparou os fiéis das paróquias abandonadas pelos missionários. Dom Alexandre tomou responsabilidades frente a tamanhas dificuldades, ajudou a sua constância de temperamento, seus conhecimentos de alma africana, sua capacidade de diálogo e sua maneira de ser, humilde e familiar.

Ademais, o dom de simpatia do Cardeal Dom Alexandre, fez dele instrumento eficaz em diplomacia silenciosa para buscar o triunfo da paz. Esteve como iniciador e orientador do processo para a paz nos primeiros passos. Também de forma incansável serviu na Cáritas Diocesana e da Comissão Episcopal para a integração dos Refugiados e Deslocados – (CEMIRD), de que foi fundador e presidente (Sitoi, 2018, p. 116).

5. Nova visão “servir e não ser servido” e a Educação

Para além de ensinar os temas teológicos, a Palavra de Deus, por ser sacerdote, Bispo, Cardeal, fundador das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora, Patrono da Universidade São Tomás, etc, mas, em cada palavra que o Cardeal dizia era mais uma ocasião para aprendizagem.

5.1. O Cardeal Dom Alexandre e as Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África

Cardeal Dom Alexandre partilhou a graça recebida de Deus, seu lema tornou-se uma lição de cada formação permanente das Irmãs. Nos con-

vívios, olhava como cada irmã se comportava e nunca perdia a oportunidade de ensinar, como deve fazer eticamente a missão de servir. Por isso, deixou como legado e dom para todos. As Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África são, em primeiro lugar, “servas umas às outras” disse o fundador. O lema do fundador é também o das Irmãs⁶, é um ensinamento para todos os níveis mesmo para as famílias. Daí que, as Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África são “chamadas a levar a mensagem de esperança, de serenidade e de alegria: a consolação de Deus, a sua ternura para com todos os povos” (Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 2014, n.3). É essencial a maior aproximação ao outro e maior desejo de fazer o bem em resposta aquilo que o outro precisa.

Sustenta o Cardeal Dom Alexandre, nos escritos da sua Carta Arquidiocesana, “uma forma de vida das Irmãs dentro do carisma, depois de contemplar a criatura humana, de amparar, de encorajar, de servir no Hospital, de educar, cada Irmã levará a sua experiência de acção e contemplação ao Senhor sacramentado. Tanto de viagem como em repouso, quer dentro ou fora de casa, no trabalho, a Irmã Franciscana de Nossa Senhora Mãe de África que se esforce na oração para progredir no serviço de Deus e na vivência do lema” (Dos Santos, 1981, p. 32).

Portanto, “Servir e não Ser Servido” é forma indicada pelo Cardeal para que as Irmãs estejam disponíveis para o serviço em qualquer lugar. O serviço deve identificar as Irmãs em todas as formas. Em parte, este lema serve de conquista para todas as criaturas humanas, porque se exorta a ser servo. Daí que, o lema abrange a todos. É evidente que a primeira obra do Cardeal, (Irmã Franciscana de Nossa Senhora Mãe de África) nasce no ano 1981, momento de viragem histórica do povo, momento de nova ideologia, mas o

⁴ Bispo Imérito da Diocese de Pemba.

⁵ Moçambique proclamou solenemente a Independência Nacional, tendo - se constituído em República Popular de Moçambique, um Estado mono - partidário, de cariz (marxista – leninista).

⁶ Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África, uma Congregação fundada pelo Cardeal em 1981 em Moçambique.

Cardeal procurou elevar a dignidade em tão alto grau, empenhou-se em preservar valores humanos.

5.2. O Cardeal Dom Alexandre como pedagogo

O Cardeal ensinou e formou todo aquele que teve a oportunidade de estar com ele. Sobre a sua simplicidade, pobreza como virtude evangélica, “era normal procurar saber quantos hábitos que cada irmã tinha e passava pelos quartos para verificar e ajudava a ser simples no meio do povo”. Para quem pode ter tido a oportunidade de acompanhar as visitas às paróquias que Dom Alexandre fazia, pode recordar-se com facilidade. O Cardeal insistia constantemente sobre a necessidade de vocações locais para serviço à Igreja local. O Cardeal ensinou os pais e filhos nativos a colaborarem no plano divino para servirem a Deus e a Igreja. Ensinou ainda aos jovens, a responder de forma positiva o chamado de Deus e ao serviço da Igreja. Ensinou o valor da inculturação e insistiu aos missionários a aprendizagem necessária da cultura do povo.

Foi destacado por ensinar a cultura de paz, de diálogo e patriotismo. Sustenta Filimone (2017, 28) que “foram centenas de ex-seminaristas que com ele tiveram aulas, mas sobretudo aprenderam o amor à pátria. As aulas eram momentos nobres de exaltação do patriotismo e de valor de educação como instrumento fundamental de libertação do homem”.

Assim, a dignidade do Cardeal serviu de educação e de conquista por ter sido, um pedagogo modelo e servo de todos. Desta forma, os desafios são tantos para servir e não ser servido, pois é necessário resgatar os valores.

5.3. O Cardeal Dom Alexandre e a Educação

Em diversas ocasiões, sejam formativas ou académicas, o Cardeal Dom Alexandre manifestou a grande preocupação de formar a pessoa humana, nas suas diferentes vertentes, a saber: cultural, educativa ou académica, técnica, ética com a visão concreta da moral.

As mudanças sociais, políticas e económicas afectam os sistemas de valores, de Ética na Educação. Os comportamentos revelam as atitudes distorcidas perante os verdadeiros valores éticos. Pérez (2009, p.176) sustenta que “a violência generalizada, durante o longo período de guerra, teve uma profunda repercussão sobre as crianças e jovens. Eles viveram no temor permanente, muitas vezes separados das suas famílias e expostos à fome, à violência física e psicológica, ao recrutamento militar e aos abusos sexuais”. Assim, viu o Cardeal Dom Alexandre, que o nosso país precisa de uma educação para lutar contra vária situação de pobreza e buscar o desenvolvimento nos ramos de economia, política, cultura e outros. No entanto, o Cardeal, serviu ao povo na educação, isto é, com a criação de condições de uma educação para o povo moçambicano.

Portanto, o serviço ao Moçambicano foi evidenciado pelo Cardeal na educação através da fundação da Universidade São Tomás de Moçambique, na busca de uma nova forma de reconstrução dos valores perdidos, dando muito privilégio ao Ensino da Ética para sanar uma geração ferida. Por isso, as diversas áreas formativas e suas faculdades na Universidade São Tomás de Moçambique seguem o domínio da ciência nas seguintes competências “cognitiva, operacional, transversal e ética” (Mazula, 2018, p. 41).

Como se pode perceber, o Cardeal Dom Alexandre, compreendeu que o desenvolvimento do povo tem as suas raízes na formação, no saber ser, estar e fazer, daí que se empenhou na Educação.

A demais, o êxito na fundação da Universidade São Tomás de Moçambique (2004) abriu portas para a eficácia do lema servir e não ser servido no sector da educação, onde o Cardeal Dom Alexandre viu a necessidade de criar uma educação básica e progressiva a nível dos conteúdos de ética. Fez abertura da Escola Primária e intitulou-a Escola Cardeal Dom Alexandre dos Santos (2018), na província de Maputo e em seguida a Escola Secundária Cardeal Dom Alexandre dos Santos (2020).

O desempenho do Cardeal Dom Alexandre na educação contribuiu para a formação de muitos moçambicanos que não conseguiam estudar por diversas razões. No entanto, servir é também educar.

6. Os Desafios e o Lema

A história do ser humano pós-moderno orientou-se para uma descentralização de Deus, centrando a pessoa em si mesmo e intensificando certas atitudes: o imediatismo, egocentrismo, descompromisso, etc.

O materialismo prático e o relativismo, próprio dos nossos dias, esvaziam a fé no transcendente espiritual, o que deixa o mundo mergulhado nas trevas, sem vestígios de Deus (VC 85).

Existe ainda o chamado «materialismo ávido de riqueza», demasiadamente ocupado com a acumulação cega de bens materiais, «sem qualquer atenção pelas exigências e sofrimentos dos mais débeis, nem consideração pelo próprio equilíbrio dos recursos naturais» (VC 89). Este activismo reduziu a pessoa humana a escravo do trabalho remunerado e fechado da dimensão espiritual e transcendente.

Nos dias que correm, a dimensão do sacrifício ficou relegada para um segundo plano, a favor de um desfrutar da vida enquanto é tempo. A realidade do prazer barato e fugaz, tem a sua génese na avidez desenfreada do ter, como condição para a afirmação do poder para desfrutar o prazer.

Não podemos esquecer a exagerada exaltação das diferenças e particularidades de base racial, étnica, linguística, ideológica que tem gerado tensões, divisões e conflitos, conduzindo algumas vezes as guerras, massacre e genocídios, visando o extermínio das partes opostas.

Assim, o processo de serviço, é um grande desafio, mas contribui para reparar todos os desvios humanos da vontade de Deus e tornar o serviço

como um meio de resgate de valores éticos e humanos. Desta forma, “servir e não ser servido” é para toda a pessoa um desafio, porque supõe aprender de forma constante para ser servo incansável, disponível a ser protagonista do bem, amor, paz e afável, onde se busca sempre o bem comum. A melhor forma e excelente de “servir e não ser servido” é proporcionar o amor à pessoa do pobre, à criança órfã e uma a educação que facilita restabelecer uma dignidade humana justa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O horizonte desta pesquisa proporcionou uma visão especial sobre a personagem distinta do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, em memória, o seu lema “Servir e não ser Servido”. Servir é uma tarefa imperiosa e qualitativa para cada ser, porque exige a prontidão, o sacrifício, humildade, etc. Toda a vida do Cardeal dom Alexandre foi caracterizada pelo serviço autêntico à todos.

Em torno dos pensamentos dos vários autores, pode-se perceber que “Servir e não ser Servido”, conduziu à opção intitulada “o servo de Deus”, esta indicação teológica é referente à Jesus Cristo (Lc 22,27; Jo 13,16), mas, o Cardeal Dom Alexandre aprendeu, em cada instante, a servir, sem correr o risco de ser servido.

Dom Alexandre empenhou-se de forma incansável na formação do homem, proporcionando uma dignidade justa. Das suas relações com as pessoas enquanto simples, humilde sacerdote, não podia viver tranquilo diante da situação política, da pobreza e de modo nenhum, como Arcebispo de Maputo, como cidadão moçambicano, Pastor de todos, o Cardeal dom Alexandre percebeu as preocupações do seu povo, daí que-se destacou em três pilares da vida:

a) A nível espiritual – um grande conselheiro, educador na fé, serviu a todos de forma perseverante, procurando dar voz aos pobres, sua pastoral e catequese foi um dos meios para maior aproximação ao povo.

b) A nível do desenvolvimento Humano – A doação de si em vista de valorizar a dignidade humana. Construção do Centro Menino Jesus em Manhiça (acolhe crianças órfãos); A construção de Escolas Primária e Secundária Dom Alexandre dos Santos; A construção da Universidade São Tomás de Moçambique.

c) A nível político – dedicou-se na formação da consciência do homem, sobretudo a reflexão sobre as nacionalizações, amor ao irmão e pátria, na formação do clero local, contribuindo para uma

formação de sacerdotes em todo o país.

Ser servo não é apenas referente à delicadeza, simpático, atencioso mas propriamente dito é fazer algo em vista de favorecer à outrem e ainda que o outro se realize como homem. É essa perspectiva e a essência do lema, servir em benefício do outro, para o seu desenvolvimento e realização.

A atitude de servir encontrou na vida do Cardeal Dom Alexandre, um apreço e merecimento de quem busca o bem, promovendo a realização do outro. Portanto, a busca de uma formação integral e integrada contribui para perspetivar o futuro de uma sociedade. De forma específica, a educação está comprometida com o desenvolvimento total do ser humano. Esta visão objetiva põe em evidência o lema “servir e não ser servido” e garante o resgate de valores éticos que orientam o ser humano a uma formação em todos os níveis (cognitivo, operacional, etc.). Por isso, do grande desejo de desenraizamento de pobreza, o vazio ou crise da moral notável na sociedade moçambicana, merecem a minuciosa atenção, não basta a inovação de valores morais, mas, resgatar um ensino em qualidade, educar a cultivar as virtudes e crescer a consciência de que “bonum faciendum et malum vitandum” (o bem deve ser feito e o mal deve ser evitado).

Desta forma, todas as distintas dimensões pelas quais se desenvolve o “servir e não ser servido” contribuem para o primado da promoção e formação da pessoa humana.

1. Fontes do Magistério

CEM, A Família cristã na Igreja em Moçambique, Secretariado Geral da CEM, Maputo, 1981.
 CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, Alegrai-vos, Carta circular aos consagrados e consagradas, a partir do magistério do Papa Francisco, ed. Paulinas, 2014.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós – Sinodal, “Vita Consacrata”, A Vida Consagrada e a sua Missão na Igreja e no mundo, Ed. Paulinas, São Paulo, 1996.

2. Bibliografia Específica

AA.VV., Fontes Franciscanas, Avisos Espirituais, Escritos, Biografias e Documentos. Ed. Franciscanas, São Paulo, 1982.

BOFF, L., Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra, 15ª ed., Vozes, Petrópolis, 2008.

BUQUE, Padre Alberto, Cardeal Dom Alexandre José Maria Dos Santos, Dos Sonhos a Realidade, Ed. Arquidiocesana, 2018.

DOS SANTOS, Alexandre J.M., Carta Arquidiocesana, Maputo, 20 de Outubro, 1981.

FILIMONE Hélio, Cardeal Dom Alexandre José dos Santos, Homenagem e Gratidão, Maputo – Moçambique, 2017.

FREIRE, Paulo, Pedagogia de Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa, ed. Paz e Terra, 2002.

MAGALLÓN P.Mendoza, LC., Imparare il Grego, Metodo teorico-pratico del Grego del Nuovo Testamento, Ateneo Pontificio Regina Apostolorum, Roma, 2008.

MARIME Benedito, Arquidiocese do Maputo Sessenta Anos de História (1940 a 2000), Maputo – Moçambique, 2002.

MAZULA Brazão, A Complexidade de ser Professor em Moçambique e seus desafios, ed. Plural, Moçambique – Maputo, 2018.

MOREIRA, Maria F., A Igreja Serva no Concílio Vaticano II e Paulo VI e perspectivas teológicas fundamentais, ed. Paulinas, 2009.

SITOI Juliveva E., Uma Identidade Carismática, Ciedima, Maputo- Moçambique, 2018.

PITTA António, O Jubileu Ano da Libertação, ed. Portugal, Portugal, 1998.

PÉREZ, Josefa Cardovila, Cosmovisão Cristã para uma Ética Global, Projecto Evangelizador-educacional em Moçambique, ed. Paulinas, São Paulo, 2009.

<https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2013/03/escravo-servo-original-hebraico-grego.html>.

Disponível. Acesso em 10 de Setembro de 2022, 05:00- 6:30.

ANALISE E PERSPETIVAS DE “SERVIR E NÃO SER SERVIDO”

Um olhar a partir da USTM

Catarina F. M. Wamala

Email: kanhita96@gmail.com

Resumo:

O presente artigo debruça-se sobre o lema “servir e não ser servido” de Dom Alexandre José Maria dos Santos (1918-2021) líder, fundador e patrono da Universidade São Tomás de Moçambique (USTM). Na vida, Dom Alexandre contribuiu de forma pessoal para o desenvolvimento do povo moçambicano, considerando o homem no seu todo. Para o efeito, ele envolveu-se pessoalmente na criação de condições de educação para o povo moçambicano, sobretudo as suas camadas mais desfavorecidas e adaptou, como divisa para sua vida e actividade pastoral o lema: “SERVIR E NÃO SER SERVIDO”, por entender que ele é que estava ao serviço dos outros e não o contrário. Para o efeito, criou três obras, nomeadamente a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África, a Fundação Cardeal Alexandre José Maria Dos Santos e a Universidade São Tomás de Moçambique - USTM. Estas três instituições surgiram com o propósito único de prosseguir fins de beneficência ao serviço da sociedade moçambicana, cultivando um profundo respeito pela dignidade da pessoa no seu todo e empenhando-se na erradicação da pobreza absoluta. Neste artigo, pretende-se analisar o altruísmo de Dom Alexandre, representado pelo lema “Servir e não ser servido”. A pergunta que norteia esta pesquisa e trabalho é: o que é servir e não ser servido? Na busca da resposta à esta pergunta, o artigo constitui-se como a sumula de uma revisão bibliográfica sobre altruísmo nas suas mais variadas formas.

Palavras-Chave: *servir, serviço, serviço-abnegação, altruísmo, altruísta, organização*

Abstract::

This article focuses on the motto “to serve and not be served” by Dom ALEXANDRE José Maria dos Santos (1918-2021), leader, found and patron of University of saint Thomas of Mozambique(USTM). In life, Dom Alexandre contributed in personal way to the development of the Mozambican people, considering the man as whole. On several occasions he expressed the concern that Mozambique cannot be considered totally free and independent until it reaches higher levels of education and training, both in quantity and quality. In order to get personally involved in the creating of educational conditions for the Mozambican people especially its most disadvantaged strata, he adapted as motto for his life and pastoral activity the motto: SERVE AND NOT BE SERVED, understanding that he is the one who he was at service of others and not the other way around (Preamble to the statutes of the Foundation Cardinal Alexandre Jose Maria Dos Santos. To that end, he created three works, namely the congregation of the Franciscan Sisters of our Lady Mother of Africa, the Cardinal Alexandre Jose Maria Dos Santos Foundation, and the Saint Thomas University of Mozambique-USTM. Both the congregation of Sisters, the Foundation and the University emerged with the sole purpose of pursuing charitable purposes at the service of Mozambique society, cultivating a deep respect for the dignity of whole person and committing to the eradication of absolute poverty. In this article, we intend to analyse the altruism of Dom Alexandre represented by the motto “serve and not be served”. The question that guides that guides this research and work is: what is to serve and not be served? In the search for an answer to this question, the article constitutes the summary of bibliographic review of altruism in its most varied forms.

Key words: *Serve, Service, Selfless Service, Altruism, Altruistic, organization*

1. Introdução

O presente artigo analisa o altruísmo de Dom Alexandre José Maria dos Santos (1918-2021)¹, líder, fundador e patrono da Universidade São Tomás de Moçambique (USTM) contribuiu de forma pessoal para o desenvolvimento do povo moçambicano, considerando o homem no seu todo. A formação humana nas suas diferentes vertentes, cultural, académica, técnica, mas sobretudo a moral e cívica, foi um dos pilares de sua vida pastoral e individual. Em diversas ocasiões manifestou a preocupação de que Moçambique não se pode considerar totalmente livre e independente enquanto não alcançar níveis superiores na educação e formação, quer em quantidade quer em qualidade.

Para que se envolvesse pessoalmente na criação de condições de educação para o povo moçambicano, sobretudo as suas camadas mais desfavorecidas, adaptou, como divisa para a sua vida e actividade pastoral o lema: “SERVIR E NÃO SER SERVIDO”, por entender que ele é que estava ao serviço dos outros e não o contrário (Estatutos da Fundação Cardeal Alexandre José Maria Dos Santos). Para o efeito, criou três instituições, nomeadamente a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África, a Fundação Cardeal Alexandre José Maria Dos Santos, e a Universidade São Tomás de Moçambique (USTM). Estas três instituições surgiram com o propósito de prosseguir fins de beneficência ao serviço da sociedade moçambicana, cultivando um profundo respeito pela dignidade da pessoa no seu todo e empenhar-se na erradicação da pobreza absoluta.

Neste artigo, pretende-se aprofundar o significado do lema “Servir e não ser Servido” como factor determinante e condutor da vida e das obras do Dom Alexandre José Maria dos Santos; pretende-se de forma concreta, analisar o altruísmo de Dom Alexandre, representado pelo lema de

“Servir e não ser Servido”. Por isso, a pergunta que norteia esta pesquisa e artigo é: o que é servir e não ser servido? Na busca da resposta à esta pergunta, serviu-se da hipótese de que Dom Alexandre José Maria dos Santos serviu o seu povo (País e Igreja) de forma altruística, praticando desta feita o sentido e espírito de Servir e não ser Servido.

Na busca da resposta à pergunta norteadora — o que é Servir e não ser servido? — é feita uma análise do conceito de altruísmo expresso no lema “Servir e não ser Servido”, através de uma revisão bibliográfica.

Relevância e conceitualização

A relevância e pertinência da pesquisa reside no facto de Dom Alexandre José Maria dos Santos ter, fundado uma instituição de ensino superior, a USTM, e ter partilhado o seu lema — Servir e não ser servido — com esta instituição, a qual se orienta pelo mesmo. Assim, pretende-se saber o tipo e natureza de serviços em curso ou que pode tornar a USTM também instituição de beneficência ao serviço da sociedade moçambicana a exemplo do seu fundador.

O altruísmo é algo nebuloso e subtil que justifica discussões metodológicas e conceptuais, por um lado, e indivíduos reais que são seu representativos, por outro.

O que é altruísmo?

A literatura sobre altruísmo revela uma certa falta de acordo sobre o significado do termo. O altruísmo é frequentemente confundido com realizar filantropia, dar, partilhar, cooperar, ajudar, e diferentes formas de comportamento pro-social. Por exemplo, Monroe (1996) define o altruísmo como comportamento destinado a beneficiar o outro, mesmo quando haja risco de um possível prejuízo para o bem-estar do próprio actor. Por sua vez Guimarães (2019) é de opin-

¹ Dom Alexandre José Maria dos Santos nasceu aos 18 de Março de 1918 e faleceu aos 29 de Setembro de 2021.

ção que “As acções altruístas poderiam ser definidas como quaisquer acções que sejam, em algum grau, custosas para o indivíduo que se comporta e que produzam benefícios ao(s) outro(s).”

Singer (2018) define altruísmo como preocupação pelo bem dos outros, independentemente dos interesses do próprio altruísta. No entanto, ele observa que o altruísta não precisa de fazer do auto sacrifício um elemento necessário da sua acção. Para elucidar esta sua crença, ele narra a seguinte história:

Thomas Hobbes era conhecido pela sua filosofia baseada no egoísmo, na ideia de que as pessoas agem sempre pelo seu próprio interesse. Certo dia em que caminhava por Londres, deu esmola a um mendigo. Um companheiro acusou-o imediatamente de refutar a sua própria teoria. Hobbes respondeu que lhe agradava ver um mendigo contente e, por isso, a sua dádiva era consistente com o egoísmo.

Será este Hobbes um egoísta e/ou altruísta? Singer pensa que Thomas Hobbes é um altruísta egoísta. Pelo que:

De acordo com o Wilson (2015, p.3), “O altruísmo é uma preocupação para o bem-estar dos outros como um fim em si mesmo”. Esta definição sugere a existência de pessoas que pensam no bem-estar dos outros sem se preocuparem com o seu próprio bem-estar. Tal noção de que exista pessoas com preocupação genuína pelo bem-estar dos outros, como um fim em si mesmo, é desafiada por alguns, que acham que não importa o que façamos, por mais gentis ou generosos que pareçamos os actos humanos, um motivo oculto de egoísmo sempre se esconde.

Para Wilson (2015, p.3), “Aqueles que desafiam a existência do altruísmo não negam que existem actos aparentemente altruístas, mas questionam se estes se baseiam em motivos altruístas.” Por exemplo, os egoístas puros, que ajudam os out-

ros como um meio de perseguir os seus próprios fins egoístas, não se qualificam como altruístas porque não se preocupam com o bem-estar dos outros como um fim em si mesmo (ibidem). Por outras palavras, o autêntico altruísmo talvez não exista porque as pessoas são sempre motivadas pelo interesse próprio. Para este autor, é normal que as pessoas procurem o interesse próprio, pessoal e o egoísmo oriente muito a vida quotidiana. Em suma, Wilson (2015) argumenta que qualquer acção humana pode ser motivada por uma variedade de pensamentos e sentimentos e apresenta algumas possíveis motivações: (a) penso que é a coisa certa, (b) tenho prazer no teu prazer, (c) considero-o como o meu bilhete para o céu, (d) quero melhorar a minha reputação, (e) quero colocar-te em dívida para comigo, ou (f) estou a ser pago para o fazer.

De todas estas razões, o que constitui o verdadeiro altruísmo? É a intenção do altruísta ou os resultados que tornam uma acção altruísta? Wilson (2015) pensa que o altruísmo é quando A beneficia B a um custo para si próprio, independentemente de como pensa ou sente em relação a isso.

Singer (2018, p. 18) pensa que a preocupação principal é fazer o maior bem possível; o facto de os altruístas encontrarem realização e felicidade pessoal, ao fazerem isso, não lhes diminui o altruísmo. Aliás, para este autor, ver o sorriso no rosto do beneficiário, é já por si uma recompensa do altruísta. Pelo que ninguém dá sem esperar nada em troca.

Para Monroe (1996), o distintivo do altruísmo é que as pessoas altruístas têm uma maneira diferente de ver os outros. Onde o resto de pessoas vê um estrangeiro, os altruístas vêem um irmão. Para este autor, embora muitos factores díspares possam contribuir para a existência e desenvolvimento de uma perspectiva altruísta, é a própria perspectiva que constitui o coração do altruísmo. Por isso, para compreender o que faz uma pessoa agir por preocupação com os outros, em vez de procurar o interesse próprio individual, precisa-se de saber sua perspectiva. Assim, altruístas são

peças que olham para os outros com perspectiva diferente. A componente crítica do altruísmo é o altruísta encarar-se a si próprio como alguém ligado ao resto dos outros através de um humanismo comum. O humanismo do altruísta eleva-se pelo sentimento de responsabilidade e solidariedade com os outros.

Monroe (idem) argumenta que, embora o egoísmo constitua parte intrínseca da natureza humana e, portanto, um ponto relevante de partida para explicar o comportamento humano, deixa muitas formas importantes de acção humana inexplicáveis. Monroe, 1996, p. 6) apresenta as seguintes manifestações de altruísmo:

(1) O altruísmo deve implicar acção. Não pode ser apenas boas intenções ou pensamentos bem-intencionados.

(2) A acção deve ser dirigida por objectivos, embora isto possa ser consciente ou reflexivo.

(3) O objectivo do acto deve ser o de promover o bem-estar de outrem. Se o bem-estar do outro é tratado como uma consequência não pretendida ou secundária de um comportamento concebido, principalmente para promover o meu próprio bem-estar, o acto não é altruísta.

(4) As intenções contam mais do que as consequências. Se eu tentar fazer algo agradável para si, e isso acabar mal ou com consequências negativas, a longo prazo para si, isso não diminui o altruísmo da minha acção inicial.

(5) O acto deve comportar alguma possibilidade de diminuição do meu próprio bem-estar. Um acto que melhore, tanto o meu próprio bem-estar, como o de outra pessoa não seria altruísta, mas cairia antes na categoria de bem-estar colectivo.

(6) O altruísmo não estabelece condições; o seu objectivo é promover o bem-estar de outra pessoa ou grupo, sem antecipar a recompensa para o altruísta.

Monroe admite actos que exibem algumas das características determinantes do altruísmo como tendo um comportamento quase altruísta. Esta distinção permite-lhe distinguir entre os actos frequentemente confundidos com altruísmo (como a partilha ou a doação) e lhe permite ainda conceituar o comportamento humano como correndo ao longo de um continuum, com extremos de puro egoísmo e puro altruísmo entre os quais o comportamento humano oscila, pois assim acomodam-se actos que se encontram entre os dois polos. Esta abordagem descarta o risco de caracterizar o comportamento humano como sendo ou altruístico ou egoístico, minimizando desta feita a confusão resultante de complexidades terminológicas excessivas porque mantém a vantagem de permitir a discussão de actos quase altruístas ou de versões limitadas de altruísmo.

À esquerda do continuum encontra-se a maioria da humanidade, representada por empreendedores, os quais, embora tenham recursos materiais para dar aos outros, em vez disso procuram maximizar o interesse individual; podem envolver-se em comportamentos tais como doações caritativas ou actividades voluntárias ocasionais, mas tais doações são principalmente para causas ou instituições com as quais o empresário tem uma ligação pessoal, tais como a sua alma mater. À direita do continuum estão filantropos, que doam quantias significativas de dinheiro que herdaram ou ganharam. Segundo Monroe, o simples facto de designarmos como filantropos aquelas pessoas ricas que dão grandes quantidades de dinheiro lembra-nos que a maioria das pessoas ricas não o fazem. Presume-se assim que esta distinção terminológica constitua uma prova de que existem diferenças críticas entre filantropos e outras pessoas ricas. A sua filantropia resulta em poucos danos para o seu próprio bem-estar, porque dão grande parte dos seus bens materiais a outros, mas retêm o suficiente para viver confortavelmente.

O grupo seguinte é composto por heróis, ou seja, indivíduos que arriscam as suas vidas para

salvar outras pessoas. Monroe acha que este grupo difere dos filantropos, na medida em que o acto heroico comporta um risco significativo de morte, razão pela qual a maioria dos prémios de heróis são feitos a título póstumo. É importante notar que indivíduos, tais como bombeiros e polícias cujos trabalhos envolvem por defeito proteger ou salvar outros são excluídos. Os verdadeiros heróis não têm de arriscar as suas vidas pelos outros como parte do seu trabalho. O facto de arriscarem as suas vidas distingue-os dos filantropos, cujas doações podem diminuir o seu bem-estar individual, mas raramente ao ponto de causar sérios danos económicos ou pôr em perigo a sua vida.

Monroe (1996), situa os heróis à direita dos filantropos, mas à esquerda das pessoas que resgataram os judeus, durante a Segunda Guerra Mundial, pelas seguintes razões:

(1) A duração do acto altruísta foi mais curta para os heróis do que para os resgatadores. Muitos resgatadores tiveram judeus nas suas casas, durante muitos meses, ou mesmo anos, em alguns casos. Salvar judeus dos nazis poderia assim implicar um compromisso de tempo mais extenso do que um acto heroico como saltar para um lago para salvar alguém de afogar ou puxar alguém de um veículo em chamas.

(2) A acção altruísta dos heróis evoca geralmente elogios da sociedade imediata, e o herói geralmente sabe disso com antecedência. Mas os salvadores de judeus podiam esperar, não apenas ostracismo social, mas punição por parte das autoridades políticas se os seus actos fossem conhecidos. O acto altruísta não aca- rretou qualquer custo para a segurança física da família ou associados do herói. Em contraste, as pessoas que resgataram os judeus sabiam que se fossem apanhadas, tanto elas como os membros da sua família, incluindo crianças pequenas e pais idosos, seriam mortas.

Embora por vezes as decisões iniciais dos socor-

ristas sejam frequentemente espontâneas, a continuação dos seus esforços de salvamento implica reavaliação consciente e logística detalhada. Por estas razões, Monroe pensa que os resgatadores se aproximam mais do altruísmo puro.

As causas do altruísmo

Os autores oferecem uma vasta gama de explicações do altruísmo, desde predisposições inatas à socialização e recompensas tangíveis. Thomas Hobbes, por exemplo, sugeriu uma explicação para o altruísmo que resulta não da preocupação genuína com a pessoa necessitada, mas sim do chamado forte desconforto pessoal do altruísta ao ver outra pessoa em sofrimento (Monroe, 1996). Os economistas designam este tipo de altruísmo como uma forma de utilidade psíquica, enquanto os psicólogos identificam o mesmo fenómeno geral, mas referem-se a ele como angústia pessoal aversiva criada pela excitação. Para Wilson, “A razão pela qual as pessoas precisam de prestar serviços umas às outras é porque somos uma espécie social e a ajuda mútua é necessária para realizarmos juntos o que não pode ser realizado sozinho” (Wilson, 2015).

De acordo com Monroe (1996), as explicações do altruísmo tendem a agrupar-se em quatro categorias analíticas: sociocultural, económica, biológica e psicológica.

Explicação sociocultural do altruísmo

Será que as características socioculturais explicam o altruísmo? Segundo Monroe, não. Nenhum dos atributos socioculturais aos quais o altruísmo é tão frequentemente atribuído - como a filiação religiosa ou a residência numa pequena cidade explica as causas do altruísmo.

Nem o género prevê o altruísmo: as mulheres podem ser mais carinhosas, mas não são necessariamente mais altruístas do que os homens. Nem o tamanho da família é um factor; os altruístas podem ser apenas crianças solitárias ou podem

vir de famílias grandes e próximas. Nem a ordem de nascimento numa determinada família nem a posição dessa família na comunidade parecem estar relacionadas com o altruísmo (Monroe, 1996, p. 121).

Acredita-se, frequentemente, que a religião influencia o altruísmo. A premissa geral é que as religiões ensinam as pessoas a serem amáveis e a ajudar os outros. Embora isto possa ser verdade com alguns altruístas, não é verdade para todos. As coisas mais horríveis da história têm sido realizadas em nome da religião. Por essa razão, não é automático que pessoas religiosas sejam altruístas (Monroe, 1996). As pessoas religiosas são como qualquer outra pessoa. Podem ser muito boas, mas também podem ser muito brutais. Os indivíduos religiosos são muito humanos e não são tão melhores que os não-religiosos. Um altruísta afirmou, “O meu sentimento quando o faço não tem nada a ver com religião. Se eu não fosse cristão, ainda o faria” (Monroe, 1996). A religião por si só não é uma influência determinante do altruísmo. O que é mais importante é que a própria religião muitas vezes - mas não sempre - defende o valor de vida humana. Fazer o bem em prol de outro ser humano transcende as diferenças religiosas. O que parece contar é acreditar uns nos outros e numa humanidade comum. Não é preciso ser-se religioso para se ser altruísta. Só é preciso ser humanista.

Muitos altruístas parecem ser menos religiosos no sentido tradicional e mais como pessoas que estabeleceram um credo pessoal, uma fé ou uma relação com um poder superior que eles próprios discerniram ou intuíram. Por causa disto, altruístas tendem a desatar as autoridades religiosas e suas normas. Assim, segundo Monroe, não há correlação entre afiliação religiosa e altruísmo, católicos e protestantes, ou entre os religiosos conservadores e os liberais (1996). Pelo que ser altruísta não é sinónimo de ser religioso. O altruísmo é causado mais pela perspectiva de cada um do que pela sua religião.

Os altruístas partilham algo que se assemelha à religião ou crença religiosa, mas que não é. Trata-se de um sentimento espiritual de estar próximo dos outros ou uma crença de que todos nós fazemos parte de uma família humana. Esta crença ou forma de olhar para o mundo e para si próprios em relação aos outros é o traço comum e fundamental entre os altruístas.

Explicação familiar

A família é frequentemente citada como uma influência do altruísmo, sendo a lógica básica que a posição da família da pessoa na comunidade pode influenciar o comportamento pro-social, uma vez que as pessoas criadas em famílias mais proeminentes estão habituadas às questões sociais e têm tanto os meios como as oportunidades para os empreendimentos altruístas. Monroe (1996) dá o exemplo de um altruísta numa família proeminente que foi questionado se sua família influencia seu altruísmo. Ele ficou perplexo com a pergunta, pois não conseguia ver como uma coisa tem alguma coisa a ver com a outra. De facto, a proeminência da família de um altruísta serviu, por vezes, para tornar as actividades altruístas menos, em vez de mais, prováveis. Em casos extremos, a discordância das relações socialmente proeminentes foi para o altruísta um fardo psicológico adicional. Monroe (idem) concluiu que a verdade parece ser que a posição da família só entra na equação, na medida em que ela informa a perspectiva do altruísta sobre si próprio e em relação aos outros; não há diferença significativa entre a posição social das famílias dos altruístas e a dos não altruístas.

Será que a ordem de nascimento e o tamanho da família influencia o altruísmo? Embora a ordem de nascimento seja considerada um factor importante do comportamento pro-social, com as crianças mais velhas a serem geralmente consideradas mais carinhosas, na opinião de Monroe não é uma influência significativa para o altruísmo. Por outras palavras, a ordem de nascimento e o tamanho da família não estão relacionados

com o altruísmo. Os altruístas podem ser os primogénitos, do meio ou os mais novos da família.

Explicações económicas do altruísmo

O altruísmo económico vê o altruísmo como uma estratégia de curto prazo concebida para promover o interesse próprio a longo prazo. Subjacente à explicação económica do altruísmo, está a ideia de que o altruísmo resulta de um cálculo básico de custo/benefício e que o altruísmo é visado pelas recompensas que traz, recompensas que vão desde honras até benefícios materiais e/ou psicológicos mais tangíveis.

A conclusão de Monroe é que os modelos económicos têm algum valor explicativo para actividades quase altruístas (como dar, ajudar ou partilhar) mas muito menos para as formas mais puras de altruísmo. Os verdadeiros altruístas não são pessoas interessadas nas possíveis recompensas tangíveis ou materiais pelo seu altruísmo. Em geral, as honras são indesejadas, a atenção da imprensa e publicidade desagradáveis e o reconhecimento público abominável para os altruístas genuínos, o que sugerem que eles se preocupam apenas com o bem-estar dos outros do que com os seus próprios interesses. Razão pela qual a reacção habitual do altruísta à atenção e elogios do público é quase sempre de aversão (Monroe, 1996).

Quaisquer que sejam as honras que os altruístas recebam mais tarde, estas honras são geralmente atribuídas anos após o acto altruísta. Para muitos, tal reconhecimento é inesperado e certamente indesejado. E, quando recebem as honras, as mesmas nada têm a ver com a intenção do acto original de altruísmo. Para os altruístas, o acto de salvar a vida de alguém é a melhor e única recompensa. Os altruístas ajudam os outros porque querem e porque entendem que não têm como não ajudar e não para que as pessoas elogiem ou recompensem. Esta é a atitude típica dos altruístas em relação à recompensas ou elogios pelo seu comportamento pró social.

Os economistas explicam o altruísmo por meio de

reciprocidade ou permuta implícita: “farei algo de bom para si agora, na esperança de que me trate de forma semelhante mais tarde.” Este tipo de altruísmo é, na realidade, uma estratégia de curto prazo, concebida para alcançar a minha benevolência, a longo prazo.

Os economistas gostam do conceito de altruísmo recíproco. Para eles, o altruísmo assemelha-se mais a um empréstimo do que a uma ajuda; eles esperam algum retorno, para eles ou para o destinatário. Quando os altruístas económicos dão dinheiro, por exemplo, interessam-se pela forma como o dinheiro é utilizado. Os seus sentimentos sobre o reembolso, querendo gratidão pela ajuda, e ajudando apenas aqueles que a merecem, não é incomum entre os altruístas económicos.

A ideia subjacente a todo o altruísmo económico é que todas as pessoas pensam em termos de custos/benefícios. A questão então é se os altruístas estão conscientes, tanto dos custos, como dos benefícios das suas acções antes de agir? Será que se dedicam a este tipo de cálculo racional? Segundo Monroe (1996, p. 156), “os economistas podem envolver-se na análise custo/benefício, quando avaliam se devem ou não ajudar outros ou dar dinheiro à caridade. Os altruístas não o fazem.” Pelo contrário, a maioria dos altruístas conhece os perigos e os custos potenciais das suas acções; no entanto, estes custos são considerados irrelevantes. Os verdadeiros altruístas não se envolvem em altruísmo com a expectativa de qualquer recompensa tardia ou benefício recíproco. Tal expectativa desqualifica a pessoa como altruísta.

As explicações económicas do altruísmo têm alguma pertinência para algumas actividades de caridade ou voluntariado, muitas - mas não todas - das quais tendem primeiro a satisfazer as necessidades dos próprios doadores e das suas famílias, antes de darem a estranhos. Os economistas são incapazes de explicar o altruísmo, porque não conseguem ver como uma acção pode beneficiar os outros sem qualquer ganho para o actor ou como pode beneficiar os outros mais do que beneficiam o actor. Eles excluem ou ignoram a possibilidade

de abnegação. Trata do altruísmo em termos de custo / benefício individuais. É por essa razão que os economistas pensam que o altruísmo não pode ocorrer, quando os custos são demasiado elevados. “Mas o altruísmo existe de facto. As pessoas ajudam os outros, mesmo quando os custos para si próprias são mais elevados do que as recompensas que recebem pela sua acção. Fazem sacrifícios pelos outros” (Monroe, 1996, p. 160).

Explicação biológica do altruísmo

Em geral, os biólogos evolucionistas explicam o altruísmo dentro do paradigma de selecção individual, baseando assim a sua argumentação nas noções de Darwin de selecção individual e sobrevivência do mais forte. Como indivíduos, os altruístas não se dão tão bem, mas os grupos que possuem altruístas podem ter uma vantagem competitiva sobre os grupos que não o fazem. Assim, os grupos desenvolverão algum mecanismo para proteger os seus próprios altruístas de modo que o grupo, como um todo, possa competir mais eficazmente.

Os biólogos acreditam que o ambiente encoraja comportamentos mais adequados para a sobrevivência e desencoraja comportamentos menos adequados; que os indivíduos atendem, primeiro, às necessidades das pessoas do seu grupo familiar, alargando o círculo de atenção apenas depois de essas necessidades terem sido satisfeitas.

Explicação psicológica do altruísmo

O altruísmo como bem psíquico constitui uma das explicações mais fortes para o altruísmo. Ele acontece, quando o comportamento altruísta não ocorre tanto para beneficiar o receptor, mas para produzir certos efeitos psicológicos no altruísta. O argumento é que as actividades altruísticas são praticadas, porque fazem com que os altruístas se sintam melhor consigo próprios; afectam a forma como os altruístas se sentem sobre si próprios. “É um mecanismo para produzir sentimentos por um bem psíquico: são os sentimentos do altruísta que são críticos, não a situação melhorada do receptor, que na realidade foi reduzido a um

meio para o fim egocêntrico do altruísta” (Monroe, 1996). A explicação psicológica do altruísmo defende que o altruísmo é uma forma de se sentir bem consigo próprio, feito para aliviar a culpa por erros passados, e para obter elogios por ser uma boa pessoa, ou por sentir-se psicologicamente bem depois do acto praticado.

Monroe nega que o altruísmo seja praticado para o benefício psíquico trazido ao altruísta. O sentimento psíquico, se existir, parece ocorrer bem depois do facto ter se consumado e assume a forma de simplesmente estar satisfeito por as pessoas terem sido salvas. Não é um factor de motivação na própria acção de salvamento. No caso de filantropos e empresários, no entanto, a tendência é dar principalmente (ou exclusivamente) a pessoas que conhecem, a causas locais ou a grupos com os quais têm alguma ligação e onde podem ver o retorno, e não a pessoas distantes e desconhecidas (Monroe, 1996). É por esta razão que os não-altruístas costumam dar mais quando podem prever o efeito agradável que os seus dons trarão.

Os estudos psicológicos do altruísmo podem ser divididos em duas abordagens principais: a psicológica de desenvolvimento e a psicológica social. A psicologia do desenvolvimento enfatiza as fases de aprendizagem e a própria aprendizagem como preditores de altruísmo. Esta psicologia baseia-se na teoria segundo a qual todo o comportamento humano é realizado na tentativa de satisfazer o eu. Este egocentrismo é modificado à medida que a criança cresce e se identifica com outras pessoas de importância para ela (como os pais), desenvolvendo assim um superego. Este superego suprime então os desejos egoístas básicos da criança, e emerge o altruísmo, quer como resultado da culpa (imposta pelo superego por transgressões morais), quer como resultado da internalização de valores e padrões aprendidos na primeira infância (Monroe, 1996). Assim, a psicologia do desenvolvimento explica o altruísmo como resultado da aprendizagem da criança para valorizar outros seres humanos.

Segundo Monroe (1996), não existe um padrão

consistente de relações parentais entre altruístas, nem expressão consistente da importância de tais laços. Por outras palavras, os outros não podem ser tão determinantes do altruísmo. Para Monroe (idem), estes laços não parecem constituir a causa do altruísmo.

Em contraste, a psicologia social analisa o altruísmo não a partir do egoísmo de um actor individual, mas sim da sua interacção social com o mundo externo. A psicologia social explica mais o altruísmo como um resultado do processo interactivo de tomada de decisões em que as características internas do actor se conjugam com o ambiente externo, num padrão de influência mútua. A psicologia social trata do altruísmo como se fosse uma interacção entre o altruísta e o ambiente e explora factores tais como as características da pessoa ajudada e a familiaridade do altruísta com essa pessoa. A teoria é que os altruístas são mais propensos a ajudar pessoas que conhecem do que a ajudar as desconhecidas.

Para Monroe (idem), o altruísmo pode ser incentivado pela familiaridade com a pessoa necessitada, mas não pode ser causado por ela. Os altruístas podem, de facto, ajudar aqueles que conhecem, mas o seu altruísmo não se limita a esses indivíduos. Para os altruístas, o que é importante é que as pessoas precisem de ajuda, e não que conheçam ou não a pessoa, nem os altruístas parecem ser afectados pelas características da pessoa necessitada. Não é necessário gostar da pessoa a ser ajudada para a ajudar, nem as características da pessoa necessitada são determinantes. Nem a familiaridade nem as características da pessoa que necessita de ajuda explicam o altruísmo. A única característica que parece ser consistente e, directamente relevante para os altruístas, é a necessidade do destinatário.

Em conclusão pode-se dizer que os vários factores enfatizados pela psicologia do desenvolvimento e social podem explicar o doar dos outros, mas não produzem explicações consistentes, nem definitivas para o comportamento dos altruístas. A única característica da pessoa que parece relevante para o altruísmo é, de facto, a sua carência. Quaisquer bons sentimentos que possam derivar do seu al-

truísmo são uma consequência inesperada e não uma causa da mesma.

Altruísmo como perspectiva duma humanidade comum

Moneroe (1996) defende que o altruísmo é explicável como perspectiva. Ele acredita que existem correlações consistentes entre os comportamentos de pessoas e as suas perspectivas; ele acredita que os altruístas têm forma diferente de verem a humanidade. Perspectiva é definida como aspecto, óptica, vertente e ângulo; é “o modo como se analisa determinada situação ou objecto; um ponto de vista sobre uma situação em específico” (Perspectiva, n.d.).

Para Monroe (1996), perspectiva supõe diferentes pontos de vista, diferentes formas de ver a realidade e de dar sentido a essa realidade; envolve a faculdade de ver certos dados num contexto particular. Por exemplo, cada pessoa tem certa visão do mundo, certa visão de si própria, certa visão dos outros e certa visão de si própria em relação aos outros. As perspectivas dos altruístas diferem de forma significativa e consistente das perspectivas dos não altruístas (Monroe, 1996). O altruísta vê a mesma coisa que os outros, mas de modo diferente. O altruísmo não é um produto da percepção que o altruísta tem das pessoas que ajuda. É, antes, um reflexo da percepção de que tem detodos os seres humanos. Os altruístas vêm um mundo em que todas as pessoas são uma só. Esta visão do mundo liga os altruístas a toda a humanidade de uma forma afectiva, que se transforma em altruísmo. Os altruístas são como nós em tudo, excepto na sua perspectiva da humanidade.

A característica notável partilhada por todos os altruístas é que se vêm a si próprios como pessoas fortemente ligadas a outras pessoas, através de uma humanidade comum; eles possuem, não apenas uma simples empatia da humanidade, mas uma percepção de uma humanidade partilhada. Empatia em si mesma não é suficiente para causar altruísmo, uma vez que ela não se traduz necessariamente no bem-estar da outra pessoa. A empatia

tem mais a ver com colocar-se no lugar de outra pessoa, sem implicar necessariamente fazer-se algo em benefício do outro. Altruísmo não é só colocar-se nos pés do outro como também fazer algo que o beneficie.

O que é mais significativo é que os altruístas parecem conceber-se a si próprios como pertencentes de uma humanidade comum. Por isso, acreditam que a vida que ajudam é a sua própria vida e que deviam ter começado a fazer este tipo de trabalho muito mais cedo (Singer, 2018, p.115). Esta percepção de si próprios com toda a humanidade é uma parte integrante da sua perspectiva; não precisam de parar para tomar decisão consciente quando alguém está a afogar-se num lago ou a bater à porta pedindo ajuda. Eles consideram ser seu dever ajudar as pessoas em dificuldades, mesmo que isso os exponha ou as pessoas que lhes são próximas, em perigo.

Nesta senda, Monroe (op cit) escreve:

Aprendi que somos todos parte de um todo, e que, tal como as células do nosso próprio corpo, todos nós somos como células da raça humana. Todas as outras pessoas são basicamente tu. Devemos sempre tratar as pessoas como se fossemos nós. Devemos ter sempre uma mente muito aberta ao lidar com outras pessoas e vermo-nos sempre nessas pessoas, tanto para o bem como para o mal [...].

Este sentido de ser uma parte de um todo, mas um todo que inclui todos, que inclui todos os seres vivos, e um todo em que nós próprios partilhámos o bem e o mal, constitui a visão do mundo, partilhada por todos os altruístas. Esta, é a perspectiva altruísta. É o que altruístas fazem; é o que pessoas normais deveriam fazer: ajudar-se umas às outras. Pois, vive-se no mesmo mundo.

O altruísmo é uma reacção natural a partir do interior. É como uma mãe. Normalmente, não se ensina a uma mãe a amar o seu bebé. Ela ama naturalmente. O seu instinto desenvolve-se nela para

reagir dessa forma. É assim com o altruísmo; é um fenómeno natural, não é se devo ou não o fazer. É a perspectiva natural que constitui o coração do altruísmo. Ela pode ser facilmente activada por muitos factores diferentes, desde a genética e ensinamentos religiosos até aos laços de grupo ou parentesco e outros. No entanto, debates académicos centraram-se em diferentes mecanismos de accionadores do altruísmo, confundindo, muitas vezes, o accionador com o próprio altruísmo; os debates concentram-se em diferentes mecanismos de desencadeamento do altruísmo e falham o atributo principal e subjacente que é a perspectiva do altruísta.

Na óptica de altruístas, não há espaço para o individualismo, porque todos nos humanizamos por meio dos demais; o que cada pessoa faz ou que deixa de fazer, tem consequências na vida dos demais, e o meu bem pessoal passa pelo bem dos outros.

Dom Alexandre e sua perspectiva altruística

O fundador da USTM, Alexandre José Maria Dos Santos, não ajudou os outros porque desejava ser elogiado ou premiado, mas porque-se preocupava com o bem-estar dos outros. Por outras palavras, o comportamento pro-social subjacente ao seu altruísmo não era acto isolado. Ele foi altruísta de carreira, pois habitualmente praticavam o altruísmo. Embora o seu modo de altruísmo pudesse variar ao longo do tempo, a própria tendência altruísta foi evidenciada nele numa idade precoce e permaneceu nele ao longo da sua vida. Ele mesmo afirmou,

Desde cedo manifestou-se em mim um desejo profundo de contribuir de forma pessoal para o desenvolvimento do povo moçambicano, considerando o homem no seu todo. A formação humana, nas suas diferentes vertentes, a cultural, académica, técnica, mas sobretudo a moral e cívica, foi um dos objectivos maiores traçados desde sempre. Em diversas ocasiões, manifestei esta preocupação de que o nosso País não se pode

considerar totalmente livre e independente, enquanto não alcançar níveis superiores na educação e formação para os seus filhos, quer em quantidade quer em qualidade.

A luta contra o atraso no desenvolvimento, a vários níveis, a proliferação de doenças cuja cura só se torna difícil apenas por falta de domínio da ciência e da técnica, a dependência em relação ao exterior; nos ramos económico, político, cultural e outros, são, dos mais importantes factores que determinaram que eu me envolvesse pessoalmente na criação de condições de educação para o povo moçambicano, sobretudo as suas camadas mais desfavorecidas. Ao longo de toda a minha vida de sacerdote, arcebispo e cardeal, fui chamado a entrar em contacto directo com a parte mais difícil do nosso Povo. Não foi por acaso que adoptei como divisa para toda a minha actividade pastoral a frase “SERVIR E NÃO SER SERVIDO”, porque entendo que eu é que estou ao serviço dos meus irmãos e não o contrário.

A minha nomeação para Arcebispo de Maputo abriu-me as portas para um conhecimento mais aprofundado de entidades, instituições e personalidades em todo o Mundo, aliado à facilidade de adaptação aos mais diferentes ambientes no universo da diversidade humana. Granjeei muitas simpatias e vi nisso uma grande oportunidade para colocar o interesse dos que mais sofrem, acima de tudo, o mais (Preâmbulo aos Estatutos da Fundação Cardeal Alexandre José Maria Dos Santos).

Dom Alexandre sempre foi uma pessoa preocupada com o bem-estar dos Moçambicanos, sobretudo os mais desfavorecidos. Isto quer dizer que o seu altruísmo não foi um padrão ocasional, mas de vida.

Durante toda a sua vida, sempre interveio em situações que consideravam injustas. Tudo isto sugere que o seu altruísmo se desenvolveu num padrão consistente de comportamento. Por isso, em Dom Alexandre podemos encontrar uma “personalidade altruísta”, cujo hábito de ajudar os outros se tornou enraizado ao longo dos anos.

O debate sobre a personalidade de Dom Alexandre ainda está no começo. Assim, algumas questões se colocam: Será que o altruísmo de Dom Alexandre visava aliviar a culpa por acções passadas? Por exemplo, pode ser que ele se comportou mal com alguém no passado, e, portanto, desejasse expiar esse acto passado, envolvendo-se em acções compensatórias benevolentes para com outras pessoas? De tudo que sabemos e conhecemos de Dom Alexandre, não consta nada que colabore com esta alegação. Porém, ele se sentiu homem privilegiado que devia ajudar os outros que não tivesse a mesma sorte que ele.

Será que Dom Alexandre se sentiu culpado por ter tanta sorte ou riqueza, quando outros não a tinha? Dom Alexandre não era rico, pois fez votos de pobreza conforme e espiritualidade franciscana. O voto de pobreza na vida consagrada Franciscana,

não consiste na privação de alguma coisa e muito menos se identifica com o desprezo de qualquer bem ou criatura. É uma pobreza evangélica, cujo sentido último é por causa do Reino dos céus. Pobreza por causa do Reino é compreender de antemão que sua raiz e sua força originária está no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. A partir daí, temos a missão de sermos pobres, não diante de nossos próprios conceitos e parâmetros, mas diante da pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. (cffbsede, 2020)

O altruísmo de Dom Alexandre foi resultado de sua perspectiva, segundo a qual todas as pessoas têm valor. Significou que sempre que, ele servisse os outros, não fosse para ter benefício próprio, pois para ele ninguém era melhor do que os out-

ros, uma vez que somos todos um e todos fazemos parte de um todo comum. Para ele não havia maus nem bons indivíduos, apenas pessoas. Tudo isto deu a Dom Alexandre uma tremenda compreensão da fraqueza e fragilidade humanas que se traduziu em serviço aos outros. Dom Alexandre aprendeu que a vida é servir e não ser servido e que quem não vive para servir não serve para viver (Mahatma Gandhi).

7. Conclusão

Dom Alexandre José Maria dos Santos, fundador e patrono da Universidade São Tomás de Moçambique (USTM) dedicou a sua vida ao serviço dos outros, contribuindo, desta forma, ao desenvolvimento do povo moçambicano. Adoptou como divisa para sua vida e actividade pastoral a frase “SERVIR E NÃO SER SERVIDO”, por entender que ele é que estava ao serviço dos outros e não o contrário. Graças a ele que a USTM foi criada para se “Evitar que um grande número de jovens, ainda em idade de continuarem a sua formação, se vejam na contingência de entrar para o mundo do desemprego por falta de níveis académicos apropriados” (Preâmbulo aos Estatutos da Fundação Cardeal Alexandre José Maria Dos Santos). Desta feita, a USTM é chamada a perpetuar, no tempo e espaço, as actividades iniciadas por seu fundador no âmbito educacional e de formação do povo moçambicano.

Para que a USTM cumpra a sua missão de, como seu fundador, servir e não ser servida, precisa de se posicionar na sociedade como instituição servidora.

A educação dos estudantes é a sua principal razão de ser. A missão principal da USTM é preparar os estudantes universitários a pensar livremente e ser suficientemente conhecedores da ciência com uma postura firme na sociedade. Embora seja importante ter trabalhadores qualificados disponíveis para satisfazer as exigências da mão-de-obra e manter a economia a funcionar, é igualmente importante desenvolver e ensinar os estudantes a tornarem-se membros activos da sociedade, capazes de pensar de forma independente, crítica e criativa.

A USTM deve saber educar toda a pessoa a saber ser, estar e fazer; deve oferecer, tanto educação intelectual, como ética, moral e cívica, porque nenhum estudo sério da e pela pessoa humana dissocia o conhecimento intelectual do saber ser e estar. Uma tal abordagem holística da educação definirá a futura USTM. Se, na época Medieval,

universidade significava abraçar todas as ciências (universitas, o todo, o total, o universo, o mundo), a USTM do futuro significará abraçar e educar toda a pessoa e tudo na pessoa; se ontem significava o lugar onde a ciência era ensinada, significará um momento em que a ciência é ensinada. O paradigma operativo na USTM deve mudar da aprendizagem para incluir o aprendiz; da cabeça para incluir o coração; do homem da ciência para incluir a ciência do homem.

Para que a USTM corresponda ao seu lema de Servir e não ser servido!, os seus professores devem possuir outras competências para além dos seus conhecimentos. Devem trazer para a sala de aula, não só o seu cérebro, mas também o seu coração, não só o seu título académico, mas também a sua pessoa, não só o seu saber fazer mas também o seu saber ser; não só o seu conhecimento, mas também o seu estilo de vida. O seu cérebro, o seu título académico, o seu fazer é tão importante como o seu coração, a sua pessoa, o seu ser e o seu estilo de vida. Por essa razão, a única forma de a USTM sobreviver e prosperar no futuro é mediante a oferta de uma educação que toca, tanto a mente como o coração dos estudantes; na USTM, os estudantes devem obter tanto a ciência, como a consciência.

A USTM é chamada, não só a ostentar o lema de Servir e não ser servido, como também tornar em universidade servidora. Isto vai requerer que os dirigentes, trabalhadores e docentes da USTM olhem a educação como serviço oferecido aos seus discentes e à sociedade em geral. Os dirigentes, trabalhadores e docentes da USTM devem saber que existem para servir e não ser servido e que, quem não vive para servir, não serve para viver. Devem saber, que tanto, eles como a USTM existem para servir. Pelo que, nenhuma pessoa deve ser dirigente, trabalhador ou docente na USTM, a menos que tenha aprendido e demonstrado na sua vida quotidiana que é capaz de servir aos outros. A consciência de que ele existe para servir caracterizou a vida do fundador da USTM e deve caracterizar também a vida da USTM.

Bibliografia

- Barry, C., & Øverland, G. (2016). *Responding to Global Poverty: Harm, Responsibility, and Agency*. Cambridge University Press.
- Burkhard, D. (2020). *Escola do Altruísmo: Um impulso para o futuro* (1st ed.). Editora Antroposófica.
- Dietz, A. (2019). “Effective Altruism and Collective Obligations,” *Utilitas* vol. 31, pp. 106-15.
- CFFBSEDE. (2020). O voto de pobreza na vida consagrada Franciscana | CFFB Conferência da Família Franciscana do Brasil. <https://cffb.org.br/o-voto-de-pobreza-na-vida-consagrada-franciscana/>
- Filho, R. V. de A., & Montejano, P. (2020). Liderança servidora e a busca pelo modelo ideal de liderança. *Revista Defesa e Segurança*, 5, 43–67. <http://dx.doi.org/10.34180/24479365.2020v5n3p43>
- Guimarães, R. K. (2019). Uma sistematização da literatura analítico-comportamental sobre o conceito de altruísmo [Universidade Estadual de Londrina]. <http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2019/08/Uma-sistematizacao-da-literatura-analitico-comportamental-sobre-o-conceito-de-altruismo.pdf>
- Hare, C. (2013). *The Limits of Kindness*. Oxford: Oxford University Press.
- Illingworth, Patricia, Pogge, Thomas, and Wenar, Leif (eds.) 2011. *Giving Well: The Ethics of Philanthropy*. New York: Oxford University Press.
- MacAskill, W. (2015). *Doing Good Better: Effective Altruism and a Radical New Way to Make a Difference*. London: Faber & Faber.
- Monroe, K. R. (1996). *The Heart of Altruism: Perceptions of a Common Humanity*. Princeton University Press.
- Nóbile de Almeida, V. (2018). Entenda TUDO sobre Padronização de Processos: O que é, importância, benefícios e como fazer [EUAX]. <https://www.euax.com.br/2018/09/padronizacao-de-processos/>
- Por que as organizações existem? (n.d.). Retrieved 15 September 2022, from <https://administradores.com.br/artigos/por-que-as-organizacoes-existem>
- Pummer, T. (2016). “Whether and Where to Give,” *Philosophy and Public Affairs* vol. 44, pp. 77-95.
- Quem faz voto de pobreza? (2021). <https://vocepergunta.com/library/artigo/read/729336-quem-faz-voto-de-pobreza>
- Sinclair, T. (2018). “Are We Conditionally Obligated to Be Effective Altruists?” *Philosophy and Public Affairs* vol. 46, pp. 36-59.
- Singer, P. (2018). *O Maior Bem que Podemos Fazer—Como o altruísmo eficaz está a mudar as ideias sobre viver eticamente*. Edições 70.
- Singer, P. (2019). *The Life You Can Save: How To Do Your Part To End World Poverty* (10th Anniversary ed. edition). www.thelifeyoucansave.org.
- Wilson, D. S. (2015). *Does Altruism Exist?: Culture, Genes, and the Welfare of Others*. Does Altruism Exist?: Culture, Genes, and the Welfare of Others.
- Woodruff, P.(ed.) (2018). *The Ethics of Giving: Philosophers’ Perspectives on Philanthropy*. New York: Oxford University Press.

DOM ALEXANDRE, ÍCONE DA AFIRMAÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

Jean Mukuna Ndaya, PhD.

Email: jeanmukunacr@yahoo.fr

Resumo:

O presente artigo possui como objecto de estudo os valores humanos, defendidos por Dom Alexandre José Maria Dos Santos, em prol da afirmação da dignidade humana e tem como objectivo consolidar e promover tais valores. A pesquisa parte do pressuposto de que a Dignidade da Pessoa Humana é afirmada pelo recto exercício do livre arbítrio e exige precisas condições de ordem econômica, social, política e cultural. A vontade de criação dessas condições podemos observar nas afirmações de Dom Alexandre, patentes em Ronguane (2008), Filimone (2017), Sitoi (2018), etc. A pesquisa apurou que a libertação das injustiças promove a liberdade e a dignidade humana. E isto exige, antes de tudo, apelar para as capacidades intelectuais e morais da pessoa e para a exigência permanente de conversão interior, o cultivo das virtudes e aperfeiçoamento individual. É neste contexto que Dom Alexandre cria espaços concretos, tais como instituições de ensino, instituições religiosas, Fundação, para a formação humana em prol da emancipação, para além da sua colaboração na libertação do País e na sua pacificação. Nisto encontramos a justificativa de Dom Alexandre como ícone da afirmação da dignidade humana; a sua maneira cautelosa/prudente de abordar os assuntos valeu-lhe muita simpatia e, consequentemente, vitórias nas suas conquistas, como podemos observar nas declarações de Joaquim Alberto Chissano patentes em Filimone (2017, p. 14).

Palavras-Chave: *Dom Alexandre, Educação, Valores humanos, Dignidade.*

Abstract::

This article has as its object of study the human values defended by Dom Alexandre José Maria Dos Santos in favor of the affirmation of human dignity and aims to consolidate and promote such values. The research assumes that the Dignity of the Human Person is affirmed by the right exercise of free will and requires precise conditions of an economic, social, political and cultural order. The desire to create these conditions can be seen in the statements of Dom Alexandre, evident in Ronguane (2008), Filimone (2017), Sitoi (2018), etc. The research found that freedom from injustice promotes freedom and human dignity. And this requires, above all, appealing to the intellectual and moral capacities of the person and to the permanent demand for interior conversion, the cultivation of the virtues and individual improvement. It is in this context that Dom Alexandre creates concrete spaces, such as educational institutions, religious institutions, the Foundation, for human training in favor of emancipation, in addition to his collaboration in the liberation of the country and its pacification. In this we find Dom Alexandre's justification as an icon of the affirmation of human dignity; his cautious/prudent way of approaching matters earned him a lot of sympathy and, consequently, victories in his conquests, as we can see in the statements of Joaquim Alberto Chissano in Filimone (2017, p. 14).

Key words: *Dom Alexandre, Education, Human values, Dignity.*

1. Introdução

Uma sociedade grata por algo nunca fica acomodada enquanto não ressoar uma voz que faz lembrar dos momentos que a levam à gratidão. E, quando essa voz ressoa, não faz lembrar apenas aqueles dias, como também, faz apelar a uma continuidade dessa obra que deixou um legado. Quanto a nós, reina em nossos corações tamanha alegria e gratidão ao Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos a quem prestamos homenagem. Uma homenagem prestada a alguém é o reconhecimento de um valor que emerge do conjunto de manifestações vitais de uma pessoa; é uma consagração histórica. E esta consagração só tem sentido, na medida em que pode tornar-se um catalisador para uma efectiva reatualização do dito valor pelos ou para os homens de hoje. A presente pesquisa possui três grandes objectivos que se desdobram nos três momentos da hermenêutica em volta das manifestações vitais do Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos: extracção de um valor, apropriação desse valor e re-actualização do mesmo.

Para lembrar, cada valor é susceptível de ser abordado por qualquer autor, sob determinada perspectiva. Isso justifica que, da multiplicidade de pontos de vista, segue a multiplicidade de interpretações. Tudo isso para dizer que o nosso sujeito tem consciência de seus próprios limites.

A questão principal, que polariza toda a nossa (apresentação), será a do significado ou do porquê desta homenagem, mediante os seguintes questionamentos:

Porquê uma homenagem ao Cardeal Dom Alexandre?

Ele realmente merece?

Que valor representam, para nós, as manifestações vitais, ou seja, a vida e obra do Cardeal Dom Alexandre?

Esta questão é fundamental, na medida em que a obra de Dom Alexandre e mesmo a sua vida foram objecto de polémicas; ninguém ignora que Dom Alexandre era objecto de controvérsia,

de um lado objecto de críticas negativas, onde, logo após a sua nomeação episcopal, explodem as manifestações entre dois blocos internacionais: o bloco comunista ao qual as políticas africanas tinham aderido e o bloco capitalista ao qual a Igreja Católica se vislumbrava como representante; e, sendo Dom Alexandre o representante da Igreja Católica constituiu-se em centro desta controvérsia, tendo sido visto pelos, africanos, como traidor e defensor de interesses opostos aos dos africanos; ainda mais, ao nível da sua família foi motivo de fortes debates, na medida em que logo após as cerimónias que marcam a passagem para a vida adulta, o seu posicionamento não foi dos comuns no que diz respeito, por exemplo, a escolha do nome que, normalmente, tem sido continuação de um dos nomes dos ancestrais; para ele, ao invés disso, optou por um nome de pessoa da sua admiração sem nenhuma ligação com o sangue familiar. E, outro o facto de rejeitar juntar-se a uma mulher para a procriação uma vez que terminadas as cerimónias de passagem o indivíduo era considerado adulto e devia dar continuidade.

De outro lado, Dom Alexandre era e é objecto de críticas positivas que geram admiração por ser o primeiro Sacerdote negro, primeiro Bispo negro e primeiro Cardeal negro, o que não termina por aí, pois são várias obras por si realizadas.

Por isso, podemos afirmar que homenagear Dom Alexandre com base em proposições que, apenas cabem na nossa cabeça do momento, seria emitir juízos erróneas e traí-lo, pois existem muitas coisas boas sobre ele que não nos cabe lembrar do momento, mas existem e até podem se reflectir em outros quadrantes do mundo ou mesmo em outros pensadores.

CAPÍTULO I: DOM ALEXANDRE, PRECURSOR E OMNIPRESENTE POR UMA CAUSA NOBRE

Se, por um lado encontramos Dom Alexandre omnipresente, por outro lado encontramos Dom Alexandre precursor, que viveu num contexto caracterizado por uma época colonial, neste es-

paço que sofreu grandes mudanças históricas: terra incógnita dos romanos, África, onde toda a humanidade foi negada ao homem negro por causa de certas opiniões desenvolvidas sobre as teorias antropológicas da igualdade dos homens com a única diferença de cor e graus de desenvolvimento.

Ao falarmos da omnipresença de Dom Alexandre nos referimos da sua participação activa nas actividades socioculturais que concorrem para a emancipação da sociedade, sem excepção e a sua capacidade de extrair a positividade dos ensinamentos, tanto da civilização como, da tradição e a coragem de se entregar e agir melhor a favor da sociedade.

A questão do reconhecimento dos valores que afirmamos atribuir à pessoa de Dom Alexandre é uma questão datada e situada. Podemos dizer, a priori, que ela se inscreve e se desenvolve no tempo e no espaço sociocultural e ideológico com os quais é interdependente e em cujo pano de fundo deve ser identificado e compreendido. Mas, felizmente, o estado atual das pesquisas relacionadas a essa questão, permite nos dizer exactamente quem está ou quem estão na origem dessa questão.

Há alguns anos, o professor Silvério Ronguane escreveu o livro “o Servo de Deus” no qual ele faz perceber que Dom Alexandre ultrapassou as exigências da cultura tradicional sendo, neste caso, o primeiro a abraçar a civilização europeia com toda a dedicação, gerando admiração nos seus familiares: “Ele (Mussoni) já não é um verdadeiro Chope. É um branco por dentro. Ele quer mesmo ser salvo, mudar de vida, ser um verdadeiro cristão. Está confuso. A sua mente ofuscada, não sabe escolher directo. Não compreende nada [...], está privado de luz” (Ronguane, 2008, p. 19).

1.1. Das suas origens ao seu desdobramento

As grandes divisões geográficas do mundo remontam dos continentes às porções locais assentadas por cada povo nacional, étnico e clânico¹. Da civilização do antigo Egipto faraónico ao império Zulu, neste espaço que sofreu grandes mudanças históricas, da África, outrora terra incógnita dos Romanos, passando pela África dos Impérios até a África Colonial em que toda a humanidade foi negada ao Homem Negro, encontramos um país cujas transformações, quanto à nomenclatura, levaram à actual designação de Moçambique.

Neste país, Moçambique, encontramos a província de Inhambane, situada no topo da região sul de Moçambique, limitada a norte pelas províncias de Sofala e Manica, a leste e sudeste pelo Oceano Índico e a sul e oeste pela a província de Gaza². Por sua vez, na província de Inhambane, encontramos o distrito de Zavala, situado na parte meridional da província de Inhambane, cuja sede é a vila de Quissico; tem limites geográficos, a norte com os distritos de Panda e Inharrime, a leste e sul com o Oceano Índico e a oeste com o distrito de Manjacaze da província de Gaza³.

É neste distrito onde nasceu O Cardeal Dom Alexandre José Maria dos Santos, no seio de uma família Chope, das terras do Cabo Doho, suserano do Régulo Mavila, a 18 de março de 1918. Seus pais foram Mulaicho Mussoni e Nhassumbiane Ndzangwi, que foram camponeses e identificados com a cultura local e africana no geral, mas com um perfil específico que contraria a prática circundante, na medida em que Mulaicho Mussoni só tinha uma mulher.

A localização geográfica de Moçambique junto à costa oriental da África Austral⁴ favoreceu o contacto de forma directa com os povos europeus e

¹ Esta pode não ser a palavra mais apropriada nas designações correspondentes a uma melhor articulação gramatical e antropológica, mas a sua aplicação neste texto pretende referir-se ao que é relativo a clã, que é um grupo de pessoas unidas por parentesco, que é definido pela existência de um ancestral comum.

² <https://www.inhambane.gov.mz/por/A-Provincia/Geografia>.

³ <https://www.inhambane.gov.mz/por/A-Provincia/Perfil-dos-Distritos/Zavala>

asiáticos por meio da navegação, inserida no âmbito dos “descobrimientos”, o que favoreceu a fixação de equipas missionárias com as quais Dom Alexandre teve contacto no seu percurso.

1.2. Contexto histórico de Dom Alexandre

O contexto histórico a que se cinge a nossa reflexão sobre as manifestações vitais do Cardeal Dom Alexandre é caracterizado por dois âmbitos: âmbito local e continental; e âmbito internacional ou universal. No que diz respeito ao âmbito local e continental, por um lado, há que referir que, ao nível local, a cultura Chope assim como de outros povos de Moçambique, ainda era sobrecarregada de valores tradicionais que eram vividos na máxima intensidade, desde os ritos de iniciação que marcam a passagem de um indivíduo para a vida adulta à prática das actividades locais (pastorícia, agricultura, caça, enfim, tona-se continuador dos seus ancestrais e protector da família).

Por esta razão, Dom Alexandre é um dos defensores da continuidade da cultura pelas gerações na vivência dos valores; isto podemos acompanhar nos seus pronunciamentos registados nas inúmeras entrevistas constantes do livro de Hélio Filimone (2017) onde Dom Alexandre afirma: “a cultura é um valor inerente ao povo, por isso não pode morrer. Vamos transmiti-la às gerações vindouras”. (Filimone, 2017, p. 93).

No entanto, algo diferente aconteceu em Dom Alexandre ao terminar a etapa da iniciação: geralmente no final de toda cerimónia dos ritos de iniciação, os iniciados tomam novo nome ou confirmam o nome anterior, sendo o mais tradicional a perpetuação de um dos nomes da família; neste caso, o mais prudente, segundo a tradição seria Dom Alexandre ficar com o nome “Mussone”, da sua linhagem, o que não foi o caso pois, tendo ele sido pedido pelo tutor para que dissesse o seu novo nome ele disse: Alexandre (Cfr. Ronguane, 2008, p. 13); Alexandre é um nome que não é da

sua linhagem, mas que ele adotou na escola, de pessoa da sua admiração.

Embora este facto de aparente “rompimento com o tradicional” de Dom Alexandre ao não escolher nome de seu ancestral crie inquietação no seio familiar, nós encontramos uma resposta na própria família onde seu pai Mussone não era polígamo, contrariando ao que era habitual. Era uma forma particular de viver cujo compromisso com a vida levava a uma admiração de cada nova coisa em seu redor ou nova forma de organização. Reparemos que “Dom Alexandre tomou o nome de Alexandre Fabião Lopes, nome da escola [...]; o nome Fabião é tomado do seu professor, Fabião José Zambane, pessoa que teve muita influência no futuro cardeal de Maputo” (Ronguane, 2008, p. 14).

Podemos então dizer que a sua ambição pela excelência, ou seja, em tornar-se excelente como pessoas de sua admiração fê-lo percorrer em caminhos sinuosos, guiado pela fé, sem recuar antes que encontrasse resposta a cada inquietação.

Por outro lado, o contexto local de Dom Alexandre é caracterizado por uma época colonial, neste espaço que sofreu grandes mudanças históricas, terra incógnita dos romanos, África, onde toda a humanidade foi negada ao homem negro por causa de certas opiniões, desenvolvidas sobre as teorias antropológicas da igualdade dos homens com a única diferença de cor e grau de desenvolvimento.

O facto da negação da humanidade ao africano por tais diferenças de cor e grau de desenvolvimento fez surgir fortes debates levantados por vários pensadores que incitavam o pensamento colonizador e explorador do povo africano e da sua terra. Podemos encontrar, por exemplo, David Hume (1711-1776) quem escreveu em particular a superioridade da raça branca: [...], nunca houve uma nação civilizada de cor diferente do branco, nem um indivíduo ilustre por suas acções

⁴ <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Geografia-de-Mocambique>.

ou por sua capacidade de reflexão,...não há maquinaria fabricada, nem arte, nem ciência [...].

Estes debates atravessaram vários anos e fizeram surgir a polémica sobre o pensamento na África que se desenvolveu a partir da década de 1920 a partir das teorias racistas popularizadas por Levy-Bruhl, sabendo que é por volta dos anos 20 que Dom Alexandre nasceu, numa altura em que toda a humanidade foi negada ao Homem Negro.

Dom Alexandre, através das suas várias manifestações vitais, criou admiração dos seus professores por demonstrar, desde cedo, que era por um lado portador de uma tradição bem assimilada e, por outro, que era portador dos genes da “modernidade”, genes construtores da civilização que parece que ferviam em seu interior com sua missão e em cada etapa evolutiva de sua vida, várias teorias serão demolidas por autores como A. Allier (O mundo civilizado e nós, 1927) e outros que se baseiam nas teorias antropológicas da igualdade de homens.

1.3. Novos ecos do debate sobre o pensamento africano

Numa época em que o debate dominante tendia a reduzir o africano em termos da sua capacidade de pensamento e o seu ser pessoa, Dom Alexandre surge como uma resposta africana da preocupação europeia sobre “se os africanos pensam ou não pensam” com as indagações reflexivas que o caracterizaram, desde a idade tenra, cujos detalhes podemos conferir em Ronguane (2008). Trata-se de indagações que surgem pela admiração da forma da organização social, grandes porções de produção agrícola, pertencentes a quem não se encontra no terreno a produzir, a concentração de meios de produção sofisticados em um lugar restrito, entre outros factos. São reflexões que contribuíram para o surgimento em si, de pensamentos de compaixão para quem não possui uma emancipação que o permita viver dignamente. Ele é parte de nacionalistas e africanistas compro-

metidos com a libertação dos povos oprimidos.

Ele, Dom Alexandre, pertence a uma geração de africanistas que fizeram surgir movimentos movidos por amor à pátria para libertação dos povos, como podemos observar em Sitoi (2018):

“Muitas acções de envolvimento nacionalistas tiveram lugar no País, nomeadamente a reunião de Sacerdotes e Religiosos nativos agrupados na US-AREMO (União de Sacerdotes e Religiosos de Moçambique). Assim, em nome deste grupo, o Padre Alexandre⁵ e o Padre Januário Machaze Nhangumbe, este do clero da Arquidiocese de Loureço Marques, corajosamente deslocaram-se à Tanzânia a fim de encontrar a Direcção da FRELIMO, no sentido de dialogarem com o embrião do futuro estado Moçambicano, e perspectivarem qual o futuro daí decorrente para a Igreja em particular” (Sitoi, 2018, p. 114).

Por isso não nos resta dúvida em afirmarmos que Dom Alexandre é uma resposta africana da preocupação europeia sobre “se os africanos pensam ou não pensam”. Ele, assim como outros pensadores africanos e africanistas preocuparam-se em restabelecer a dignidade ao homem, como podemos observar em Ngoenha (1993): “desde as correntes e linhas de pensamento que preparam o nascimento de uma consciência africana, que se quer especificamente filosófica, têm isto em comum: todos eles se dedicaram a reabilitar o homem negro e a sua história” (Ngoenha, 1993, p. 111).

E a existência de pensamento africano que se queira filosófico ou filosofia africana consiste, como podemos testemunhar em Ronguane (2015), na pertença dos filósofos ao continente africano, na origem e identificação. Desta forma, tanto os que se encontram na diáspora assim como os internos que abraçam a causa africana possuem essa identidade.

⁵ Dom Alexandre José Maria dos Santos, antes da sua sagração episcopal muito menos cardinalato.

Esta energia de querer reabilitar o homem negro e a sua história levou os pan-africanistas a engajarem-se sem pensarem que a tradição de transmissão dos valores de uma geração para a outra poderia, em algum momento ser quebrada, com o risco de levar a sociedade a um nível mais baixo. De um modo particular, em Moçambique, Dom Alexandre aponta as vicissitudes do passado colonial como parte da fragmentação e desaparecimento dos traços culturais. Apesar disso, Dom Alexandre reconhece a força existente dessa cultura moçambicana, conservada nos mais velhos, como ele refere:

“O povo moçambicano é detentor da sua própria cultura que, apesar de todas as vicissitudes do passado colonial, ainda hoje vive no campo e se protagoniza na cidade, na pessoa dos mais velhos. Refiro-me a valores como a hospitalidade, a solidariedade, o acolhimento, o respeito pela vida e pelos mais velhos, a ajuda aos doentes e aos necessitados. Todos estes, afinal, valores marcadamente evangélicos, são hoje profanados, contestados, quando são ridicularizados pela chamada globalização, que afinal, neste caso particular, mais não é que a aculturação ou desculturação dos povos tidos como periféricos”. (In, Filimone, 2017, p. 86).

É por esta razão que uma das primeiras preocupações de Dom Alexandre para a vivência “perfeita” dos valores, assim como a própria emancipação passa, em primeiro lugar, pela preparação do próprio homem, como ele diz: “vamos cultivar a cabeça para depois cultivar a terra para que amanhã, Moçambique seja um país rico, forte e próspero. É preciso que não façamos coisas superficiais.” (In, Filimone, 2017, p. 93).

CAPÍTULO II: DOM ALEXANDRE, APOLOGISTA DA DIGNIDADE HUMANA

A afirmação da dignidade humana não pode ser efectivada se não houver uma vontade manifesta

no amor à pátria e amor ao próximo. E, porque nem todos possuem a mesma capacidade de raciocínio e criativa, necessitando, desta forma, de uma mão amiga, Dom Alexandre surge como esta mão amiga que se estende ao próximo e a toda nação moçambicana em prol à promoção da dignidade, mediante a formação humana, como ele refere na sua fundamentação aquando da criação da Fundação Cardeal Dom Alexandre:

“Desde cedo se manifestou em mim um desejo profundo de contribuir de forma pessoal para o desenvolvimento do povo moçambicano, considerando o homem no seu todo. A formação humana, nas suas diferentes vertentes, a cultural, académica, técnica, mas sobretudo a moral e cívica, foi um dos objectivos maiores traçados desde sempre. Em diversas ocasiões, manifestei esta preocupação de que o nosso país não se pode considerar totalmente livre e independente, enquanto não alcançar níveis superiores na educação e formação de seus filhos, quer em quantidade quer em qualidade. A luta contra o atraso no desenvolvimento, a vários níveis, a proliferação de doenças cuja cura só se torna difícil apenas por falta de domínio da ciência e da técnica, a dependência em relação ao exterior, nos ramos económico, político, cultural e outros, são, dos mais importantes factores que determinaram que eu me envolvesse pessoalmente na criação de condições de educação para o povo moçambicano, sobretudo as suas camadas mais desfavorecidas”. (Dom Alexandre dos Santos, 2002).

Joaquim Alberto Chissano, antigo Estadista moçambicano, faz uma apreciação do Dom Alexandre sobre o facto de este ser nacionalista nos seguintes termos: “as suas palavras deram-me a perceber de que já naquela altura ele tinha sentimentos de nacionalistas, pelo menos no que diz

respeito a luta pela igualdade, contra o racismo e pelos direitos humanos” (In, Filimone, 2017, p. 13).

Chissano avança ainda com o seu testemunho frisando que, enquanto líder religioso, ele guiou-se pelos princípios religiosos através dos preceitos e exemplos de santos, e neles encontrava inspirações. Em uma das suas homilias feitas na Paróquia de Santa Ana da Munhuana, ele frisou “São Francisco não fez de seus irmãos escadas para ele subir ao céu” (Idem).

Uma apreciação a esta colocação do seu pensamento (do Dom Alexandre) expressa alto sentido de humanismo e respeito pelo outro podendo significar e ao mesmo tempo apelar que ninguém venha a usar o outro como instrumento para alcançar fins próprios. Ele era uma figura que se posicionava contra toda a tentativa de espezinhamento de um povo pelo outro ou de indivíduos para com os seus semelhantes, sendo neste caso pela igualdade.

Na sua interacção com o Cardeal Dom Alexandre, Chissano encontrou a paixão com a promoção da educação dos cidadãos moçambicanos, sobretudo os mais necessitados. Dom Alexandre realizou o seu sonho ao fundar a Universidade São Tomás de Moçambique e ao participar na fundação da Universidade Católica, para além de inúmeras outras iniciativas. Na verdade, não se pode pretender emancipar o ser humano sem que trabalhe a parte do saber pensar.

Também Dom Alexandre interessou-se pelos outros aspectos de desenvolvimento das comunidades menos favorecidas, avança Chissano, para quem esta preocupação mereceu confiança para assumir responsabilidades dos programas do desenvolvimento socioeconómico:

“[...] não foi por acaso que o convidei a ser membro do conselho consultivo da Fundação Joaquim Chissano, uma fundação cujo objectivo é promover a paz e uma cultura de paz em Moçambique, na África e em todo o mundo, e com a paz promover o desenvolvimento económico e social das comunidades mais des-

favorecidas emponderando-as para assumirem a elevação do seu nível de vida”. (Ibid, p. 15).

2.1. Sua visão sobre a reconstrução nacional

Tendo o País vivido dois momentos de desestabilização, sendo a luta de libertação nacional e a guerra dos 16 anos, a visão de Dom Alexandre sobre a reconstrução nacional é de começar pelo campo onde há concentração de recursos mas com pouca possibilidade de circulação da economia monetária; tecnicamente isso evita que as populações se desloquem massivamente para as cidades e também garante que ganhem auto-suficiência; isto ilustra a preocupação de Dom Alexandre pelos desfavorecidos, como ele afirma: “a reconstrução nacional tem que começar pelo campo, para podermos fixar a população, lá de onde vem a riqueza para a cidade” (Idem, p. 67)

Quanto aos mecanismos de uma cessação das guerras, Dom Alexandre era apologista de que as guerras existem porque os meios da guerra são disponíveis; por isso o seu apelo era: “os fabricantes de armas devem deixar de fornecer armamentos à África. Ponham as fábricas de armas a produzir utensílios agrícolas e tecnologia moderna para o bem da humanidade. Vendem-nos armas para a destruição dos nossos povos e para depois sobrecarregarem os nossos países com dívidas insolúveis.” (Ibid.).

Para uma boa gestão do Estado Moçambicano, Dom Alexandre encontra um mecanismo de eleição dos dirigentes onde estes, sejam eles candidatos ao cargo de Presidente da República ou à Assembleia da República não devem ser escolhidos com base na tribo ou região, mas sim no perfil de cada um. O seu receio na eleição por tribo ou região reside na possibilidade da eclosão de conflitos por causa da divisão tribal e do regionalismo como se verifica em vários países. A par disso, Dom Alexandre apela ao povo para o redobrar e a conjugação dos esforços para a resolução dos problemas que afectam o País:

“Os moçambicanos não devem encarar o futuro governo saído das primeiras eleições gerais

e multipartidárias (1994), como uma solução mágica para os grandes problemas que o país atravessa. Os problemas que enfermam o país dependem do esforço conjugado de todos os cidadãos no espírito de reconciliação nacional na fase pós-guerra. Há que ultrapassar o princípio do menor esforço, combater a preguiça e nos envolvermos nas tarefas de reconstrução nacional. A hora agora é de mais acção do que palavras.” (In, Filimone, 2017, p. 71).

Este apelo vale, não apenas para aquele contexto de reconstrução nacional pós-guerra, como também para todos os tempos e lugares. Tanto os governantes como os governados precisam de se esforçarem na criação da riqueza nacional: enquanto uns produzem, os que se responsabilizam pela gestão da coisa pública devem-se esforçar em fazer uma boa gestão e redistribuição da riqueza.

2.1. Sua visão sobre o papel dos religiosos

Dom Alexandre vê na Igreja uma instituição importante que pode contribuir positivamente na construção de um País. Para ele, os religiosos têm um papel importante de educação e formação de consciência dos cidadãos, sobretudo dos jovens sobre o futuro do país e, hoje, parece que todos começam a compreender que sem Deus não se pode construir este país.

Relativamente à onda de criminalidade, Dom Alexandre defende a conjugação de esforços entre as três partes: o Estado, a Igreja e a População para o seu combate, como ele afirma: “Em relação à onda de criminalidade, o Estado, a Igreja e a População podem trabalhar juntos por forma a encontrar-se mecanismos para a sua redução ou mitigação. Esse trabalho deve começar, deve partir da família, através da educação das crianças” (In, Filimone, 2017, p. 75).

Considerações Finais

A nossa reflexão sobre a vida e obra de Dom Alexandre, cujo objectivo é apropriação dos valores por ele defendidos e a posterior revitalização, levou-nos a concluir que para ser edificador de uma sociedade que se queira emancipada, é necessário desprender-se do egoísmo e da ambição e, a libertação do egoísmo permite a realização de vários programas do desenvolvimento. Esse desejo, demonstrado pelo Cardeal Dom Alexandre, de criar condições para a formação humana, nas diferentes vertentes, com maior atenção representa a defesa de valores nobres para as camadas desfavorecidas, sendo a igualdade um deles que garante a vivência em harmonia pelo respeito mútuo. E, como forma de emancipar o povo e a sua nação, a igualdade de oportunidade na formação académica, técnica, cultura, moral e cívica constituem o alicerce para o desenvolvimento, mediante a união de esforços e partilha de conhecimentos que garantem a afirmação do povo.

Desta forma, o reconhecimento e a homenagem dados a Dom Alexandre não se resumem no facto de ele ser apenas o primeiro Sacerdote negro, primeiro Bispo e primeiro Cardeal moçambicano, mas sobretudo por ser o portador da bondade de Deus em todas as suas obras em prol da afirmação da dignidade humana.

Bibliografia

- Filimone, H. (2017). *Cardeal Dom Alexandre José Maria Dos Santos: primeiro Sacerdote negro, primeiro Bispo, primeiro Cardeal moçambicano*. Minerva Print. Maputo.
- Freire, P. (1982). *Pedagogia do Oprimido*. 11ª Edição. Edições Paz e Terra. São Paulo.
- _____ (1965). *Educação como Prática da Liberdade*. 5ª Edição. Edições Paz e Terra. Rio de Janeiro.
- Ngoenha, S. E. & Castiano, J. P. (2011). *Pensamento Engajado: Ensaio sobre Filosofia Africana, Educação e Cultura Política*. Maputo.
- Ngoenha, S. E. (1993). *Das Independências às Liberdades*. Edições Paulistas. Maputo.
- _____ (1994). *O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico*. Edições Salesianas. Porto.
- Ronguane, S. (2008). *O Servo de Deus*. Edibosco. Maputo.
- _____ (2015). *Mandela, Filósofo africano*. Dondza editora. Maputo.
- Sitoi, J. E. (2018). *Uma identidade carismática: Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Mãe de África e Vida do Fundador*. CIEDIMA. Maputo.
- Skinner, B. F. (1971). *Para além da Liberdade e da Dignidade*. Edições 70. Lisboa.
- <https://www.inhambane.gov.mz/por/A-Provincia/Geografia>. Acesso a 27 de Agosto de 2022, pelas 17h:26
- <https://www.inhambane.gov.mz/por/A-Provincia/Perfil-dos-Distritos/Zavala>. Acesso a 27 de Agosto de 2022, pelas 19h:08
- <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Mocambique/Geografia-de-Mocambique>. Acesso a 27 de Agosto de 2022, pelas 17h:40.
- Gonçalves, António Cipriano P. (2011). *Educação, Modernidade e Crise ética em Moçambique*. Dondza Editora. Maputo.

DOM ALEXANDRE, UM ARAUTO DA EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Mestre Hélio Tiago Guiliche

Resumo:

A história da luta das mulheres por igualdade de direitos é relativamente recente. Embora o movimento feminista só ganhe esse nome no fim do século XIX, as primeiras obras de mulheres que reivindicam espaço na educação e na política aparecem no século XVIII. O processo de emancipação da Mulher no país, data do período da Luta de Libertação Nacional, com a incorporação de mulheres e raparigas na linha da frente de batalha e na educação/ formação dos menores, enquanto seus pais estavam na guerra. A mesma luta pela emancipação continuou no período pós-independência com a incorporação de mulheres no governo e em lugares de destaque. Todavia, este processo carecia de mais visibilidade e notoriedade. Era preciso formar e empoderar a mulher moçambicana, tornando-a capaz de abraçar desafios e destaque dentro e fora do país. Dom Alexandre foi, e é um arauto da emancipação da mulher na medida em que muito cedo apontou a mulher, como a base para o desenvolvimento da família e da sociedade. Acreditava ele que formar era sinal de empoderar e dar asas a um país que estava a sair de décadas de quase estagnação. A criação da Universidade São Tomás de Moçambique, significou muito mais do que uma oportunidade para milhares de moçambicanos se formarem a baixo custo e com alta qualidade. Aliás, como ele próprio afirmara na inauguração da Universidade, as mulheres devem ser e estar na liderança da sociedade. E essas suas palavras ecoaram, vezes sem conta, nas suas intervenções dentro e fora da Universidade. O artigo visa explorar e discutir campos de convergência entre o dito e o feito por esta figura icónica da história do país e da Universidade em particular.

Palavras-Chave: *Mulher, emancipação, empoderamento*

Abstract::

The history of women's struggle for equal rights is relatively recent. Although the feminist movement only gained this name at the end of the 19th century, the first works by women who claimed space in education and politics appeared in the 18th century. The process of women's emancipation in the country dates back to the period of the National Liberation Struggle, with the incorporation of women and girls into the battlefield and in the education/training of minors while their parents were at war. The same struggle for emancipation continued in the post-independence period with the incorporation of women in government and in prominent places. However, this process lacked more visibility and notoriety. It was necessary to train and empower Mozambican women, making them capable of embracing challenges and standing out inside and outside the country. Dom Alexandre was a herald of women's emancipation insofar as he very early pointed to women as the basis for the development of the family and society. He believed that training was a sign of empowering and giving wings to a country that was emerging from decades of near stagnation. The creation of University of Saint Thomas of Mozambique meant much more than an opportunity for thousands of Mozambicans to train at low cost and with high quality. In fact, as he himself stated at the inauguration of the University, women must be and be in the leadership of society. The article aims to explore and discuss fields of convergence between what was said and what was done by this iconic figure in the history of the country and the University in particular.

Key words: *Women, emancipation, empowerment*

1. Introdução

Escrever sobre tão nobre e douta figura como Sua Eminência o Cardeal Dom Alexandre é, e será sempre, uma tarefa árdua, pois sua obra não é de fácil registo. Primeiro pela amplitude e depois pela transversalidade que apresenta – desde a componente religiosa que ocupa grande parte, senão toda sua vida de mais de cem anos, e depois, passando pela pedagogia, educação e intervenção social e política. Porém, ao aceitar escrever para a Conferência que homenageia esta grande figura, aceitei igualmente o desafio de me permitir errar. Permiti-me também fazer parte deste grupo ousado que está a compor a matriz para a imortalização deste ícone da moçambicanidade.

Neste breve enredo, de linhas escritas, será complicado trazer o espelho dos 103 anos em que o Cardeal viveu e fez viver, disseminando a fé, espalhando a esperança, semeando amor, educando o seu povo e proliferando ensinamentos. Ensinamentos estes que muito cedo olharam para a questão do género e do seu lugar, papel e função na sociedade.

Dom Alexandre foi muito mais do que uma figura religiosa e eclesiástica destacada, e comprometida na causa do bem-estar social, do crescimento, da coesão no seio da Igreja Católica e do catolicismo em Moçambique, do Ecumenismo vibrante e da difusão da mensagem de Deus. Para ele, a fé tinha o poder de quebrar barreiras e unir povos (sejam eles considerados civilizados ou indígenas) e, para isso, as línguas nativas serviram de veículo e ferramenta estratégica de penetração e evangelização nas comunidades.

Foi um incansável peregrino da paz; astuto e apaixonado amante pela ideia de uma educação para todos e em todos níveis. Sua filosofia e ideia transformadora era clara – *somente investindo mais e expandindo a educação se poderia criar bases sólidas para emancipar e desenvolver a nação e, conseqüentemente, sonhar com um*

Moçambique mais inclusivo e mais próspero. Daí a sua luta assaz contra a pobreza absoluta e o seu compromisso vincado com a formação sistemática do Homem – Homem aqui entendido como a unicidade do corpo e da alma, ou seja na sua complementaridade entre a fé e a razão, entre a religião e a ciência.

Dos vários momentos de partilha, fossem eles na Universidade, na Igreja e nos Seminários, bem como em eventos vários, públicos e privados, algo deliberadamente se repetia, entre a preocupação presente e os sonhos futuros: *o paradoxo entre a riqueza do país e a incapacidade de transformar essa riqueza em algo útil para os moçambicanos.* Segundo ele, Moçambique não é um país pobre; muito pelo contrário, é muito rico e mal explorado. O problema reside na falta de preparo e no défice enorme de conhecimento e precisa de mentes para transformar sua riqueza no bem-estar de todos.

1. Contextualização

Sapientiam autem non vincit malitia¹

Um ano nos separa do momento em que o fundador e patrono nos deixou. E um ano passa que nos tivemos que aprender a viver sem sua presença.

Mas, na sua ausência, muito ficou de sua presença. E este artigo é parte daquilo a que vou chamar de eternização de um legado. Aprendi, e continuarei a aprender desta escola e enciclopédia que é Dom Alexandre.

A emancipação que é aqui abordada, é parte de um processo não iniciado por ele, mas que decerto tem nele um precursor e um inovador, na medida em que não apenas teorizou, mas também envolveu o pragmatismo e com este fez florescer gerações mais capazes e mais comprometidas.

Pesquisar para poder fazer a ponte entre o exis-

¹ Não há mal/ malícia que possa vencer a sabedoria

tente e o que há-de vir, foi uma tarefa ingrata pois há muito poucos registos contextuais sobre o que a literatura oferece e o que quero defender neste artigo.

A nossa pesquisa, de uma maneira geral, é fraca. Entre as principais causas apontam-se a falta de investimentos e estímulos para que se possa fazer a pesquisa. A fraca habilidade metodológica constitui um dos grandes problemas na nossa pesquisa.

“Na verdade, a pesquisa científica não vai bem em Moçambique, não vai bem em toda a África. O nosso continente tem 14 por cento da população mundial. E, no entanto, produzimos menos de um por cento da investigação científica feita no mundo. Os pesquisadores africanos produzem, num ano, o mesmo número de artigos científicos que os que são publicados apenas na Holanda”. (Trecho da Aula de Sapiência proferida por Mia Couto na USTM em 2019).

Quero com isto dizer que, pesquisar e escrever deve ser encarado com mais seriedade e compromisso, pois o presente e o futuro da academia estará sempre atrelado ao que ela produz.

Trazer neste artigo evidências que possam sustentar o título que lhe ofereci, é um exercício de aproximação e analogias entre o que foi, o que é, e o que será, pois a emancipação da mulher que aqui trago deve ser entendida num quadro religioso, social e institucional.

3. Apresentação do método

A pesquisa apresentada é uma arqueologia filosófica da emancipação da mulher, na perspectiva do Cardeal Dom Alexandre dos Santos, partindo do conceito de “mulher”, na antropologia de Tomás de Aquino, desenvolvida na Suma Teológica. A metodologia utilizada e a análise e interpretação filosófica textual e discursiva.

O tema que me proponho apresentar para esta conferência “Dom Alexandre: Um Arauto da Emancipação da Mulher” é resultado de diálo-

gos, entrevistas e conversas havidas nos últimos anos. Não sendo um especialista em assuntos de emancipação da mulher, o artigo recorre à revisão da literatura sobre o processo de emancipação e traz uma aproximação entre a ideia lançada e a realidade vivida.

Assumo, portanto, que não irei oferecer uma abordagem estruturada em moldes técnicos aprofundada que culmine com uma lista de recomendações práticas. A única especialidade que se pode esperar de um filósofo é não ter especialidade nenhuma.

Começo por desconstruir os termos de referência aludindo o facto de os mesmos pedirem um cunho literário de certo modo pesado e exigente. Constatei que há ainda muito pouco material escrito sobre esta figura icónica e que o nosso trabalho, enquanto instituição de pesquisa, é de compor nos próximos anos um manancial literário que seja o aporte de pesquisas mais atuadas.

Abordarei aqui a emancipação em dois prismas:

- Prisma institucional onde me irei socorrer da realidade institucional da USTM para gerar sustento para a minha tese, e

- O prisma pessoal, que é resultado de reflexões e observações discursivas que fui fazendo ao longo de anos de convívio. É uma abordagem que se desenvolve de forma introspectiva e que nasce da nossa inquietação interior, vontade de interpretar etapas, cursos e momentos históricos com recurso sempre à hermenêutica filosófica.

“Dê-me Senhor, agudeza para entender, capacidade para reter, método e faculdade para aprender, subtileza para interpretar, graça e abundância para falar. Dê-me, Senhor, acerto- ao começar, direcção ao progredir e perfeição ao concluir”. (São Tomás de Aquino)

4. Breve rasgo histórico sobre a emancipação

Antes de entrar para a evolução das etapas da emancipação, quero trazer aqui uma posição que sustenta muitas das teorias sobre a diferença sexual entre homem e mulher. Seria então o resultado de uma viragem paradigmática das instituições e do pensar hierárquico das políticas do Ocidente. As velhas tradições de estratificação social, originadas, segundo Birman, na Antiguidade grega, não se sustentavam mais em uma sociedade que desnaturalizou os estamentos sociais.

A viragem aqui advogada, porém, não chegou a alcançar os papéis de género, que então passariam a ser justificados por meio de outro expediente teórico: a diferença entre os sexos. Mulheres seriam naturalmente mais fracas e por tal deveriam ser limitadas ao serviço doméstico. Os homens seriam, dada a constituição biológica e hormonal, mais propensos à actividade e, por isso, mais aptos à vida política.

A história afirma que a luta das mulheres por igualdade de direitos é relativamente recente. Encontramos as primeiras manifestações do movimento feminista por volta de finais do século XIX. Os primeiros registos literários de mulheres que reivindicam espaço na educação e na política aparecem no século XVIII, também conhecido como século das luzes. Na verdade, estas foram inspiradas pelo Iluminismo e pelas ideias da Revolução Francesa – *liberté, égalité et fraternité*² (liberdade, igualdade e fraternidade). Foi um processo lento mas progressista e que foi enfrentando sucessivos momentos de aceitação, numas vezes e de rejeição, noutras vezes. À porta do século XX, as raízes estão mais aprofundadas e temos uma discursiva mais aberta, dependendo do contexto de cada país.

“No Brasil, a história é ainda mais recente e quase totalmente concentrada no século XX, embora não seja totalmente descolada da história de conquistas ao redor do mundo – o boom do mov-

imento sufragista nos Estados Unidos e na Europa, assim como outras das principais vitórias das mulheres nesses lugares, também só acontecem depois de 1900. Ainda assim, há algumas brasileiras pioneiras com discursos feministas na segunda metade do século XIX, mas são casos isolados. É esse o caso da autora do Tratado sobre emancipação política da mulher e direito de votar, que assina o manifesto sob a sigla A.R.T.S.” (<https://blog.bbm.usp.br/2015/tratado-sobre-a-emancipacao-da-mulher-uma-feminista-no-brasil-de-1868-2/>).

Em África, o feminismo incipiente entra pelas mãos do movimento feminista do Cairo no Egipto, e vai se alastrando um pouco timidamente pelo Magreb. Um pouco influenciado pela proximidade linguística da França, a África Branca vai assumindo o seu papel influenciador de ideias feministas e emancipadoras, apesar da brutal repressão enfrentada devido à negação, por parte dos estados maioritariamente dominados pela não laicidade do Poder.

Culturalmente, o confronto de ideias ora matriarcais ora patriarcais, colocou a mulher numa posição tanto ou quanto frágil e inferior em relação ao homem. A mulher era e devia assumir-se vista como subserviente e submissa por natureza e desígnio de Deus. Nesta perspectiva, ela é impedida de ter uma participação aberta nos processos de tomada de decisão, de acesso a recursos, a escola e a meios de maior influência.

As mulheres são educadas para uma vida subordinada, onde seu papel é restrito à vida doméstica. “se esse é o lugar destinado à mulher, então é um benefício criá-las na última ignorância, fazê-las acreditar que a maior fortuna que lhes pode caber, é serem escolhidas por um homem para esse fim, e que qualquer outra carreira que o homem chama feliz e honrosa, é-lhes fechada pela lei, não pelas instituições, mas pela natureza e destino.” (Tratado sobre emancipação da mulher e direito de votar)

² *Liberté, égalité et fraternité - liberdade, igualdade e fraternidade, os ideais da Revolução Francesa*

O primeiro país a permitir a participação de mulheres em eleições é a Nova Zelândia, que o faz em 1893, 25 anos depois da publicação desse manifesto e, no Brasil, isso só acontece em 1932. Embora pareça hoje um problema antigo, o sufrágio feminino é uma pauta que se arrasta por mais tempo do que imaginamos: na Suíça e em Portugal, só se torna lei depois de 1970.

Em muitos países africanos, como é o caso de Moçambique a título de exemplo, há relatos da inclusão de mulheres em fileiras militares, durante a luta de libertação, bem como na enfermagem e na educação. As frentes de batalha e os campos de reeducação tinham notável presença feminina e pode dizer-se que, desde a conquista da independência, os trabalhos de inclusão da narrativa emancipadora já estavam avançados. Corroborando com a minha afirmação, este trecho extraído da Coleção de estudos e orientações da FRELIMO com a directiva – LIBERTAÇÃO DA MULHER É UMA NECESSIDADE DA REVOLUÇÃO, GARANTIA DA SUA CONTINUIDADE, CONDIÇÃO DO SEU TRIUNFO:

O objectivo central da Conferência é o de estudar as questões referentes à emancipação da mulher, encontrar as linhas de acção que a levarão à sua emancipação. Mas uma pergunta surge: Porquê preocupamo-nos com a emancipação da Mulher? Existem pessoas no nosso seio, a organização está consciente disso, que acham que devemos consagrar todos os nossos esforços à luta contra o colonialismo, que a tarefa da emancipação da mulher neste quadro é secundária, pois leva-nos a um desperdício das nossas forças. Acrescentam ainda que a situação em que vivemos, com escassez de escolas, com poucas mulheres instruídas, com as mulheres apegadas à tradição, não nos fornece as bases de partida para uma acção consequente; por isso importa aguardar a independência, a construção duma base económica, social e educacional sólida

para desencadear a batalha. (Machel, 1979:14)

A emancipação no país é, portanto, uma conquista que levou muitos anos e teve vários impulsores. Irei aqui destacar o impulso dado por Dom Alexandre José Maria dos Santos, a quem o artigo baptiza de Arauto da Emancipação. Ela foi evoluindo a *pari passu*³ à medida em que se foi notando a necessidade de educar, empoderar e colocar a mulher em lugar de destaque. Não foi por acaso que na década 80 já havia Mulheres em posições Ministeriáveis.

No caso de Moçambique, a participação e processo de emancipação das mulheres destacou-se em três momentos: Pré-colonial, Luta de Libertação e Pós-independência.

5. Cardeal Dom Alexandre: Uma ideia a-temporal

Sua cosmovisão encerra o ciclo do seu tempo e abre uma nova etapa de um humanismo virado para emancipação e empoderamento do Homem, com particular ênfase na Mulher. Dom Alexandre sempre deixou vincado nas suas homilias e nas suas aparições públicas, que a Mulher é a matriarca da sociedade. Num legado similar ao de Nelson Mandela, Sua Eminência o Cardeal olhou com particular preocupação as desigualdades existentes entre homens e mulheres na sociedade e a falta de oportunidade que a Mulher tem na sociedade. E muito cedo apontou a falta de instrução como uma das principais causas da fraca inserção da Mulher nos círculos de debate e decisão.

Foi sem sombra de dúvidas, um homem que sonhou o melhor para o seu país e que fez dos seus sonhos o sonho de muitos moçambicanos – O acesso à educação de qualidade foi sempre a sua bandeira e estandarte.

³ “*pari passu*”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]*, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/pari%20passu> [consultado em 28_11_2022]. rancesa

6. A Radiografia do País Real – Extractos de Diálogos com Sua Eminência

Para esta secção, trago de forma inusitada, extractos de conversas e intervenções que nortearam a elaboração deste artigo.

Lembro-me com muita emoção e oíço ecoar sempre as palavras de Sua Eminência sempre se fazia presente à universidade para dialogar com os estudantes da primeira geração (2005-2009). Foram quatro anos que recebemos de forma sistemática a sua ideia, a génese da família tomista, o seu sonho de uma Universidade com ensino de qualidade a baixo custo, o sonho de ser líder no país na educação integral e integrada da pessoa humana e Ética como uma ferramenta de edificação do homem, bem como as suas ricas intervenções em momentos marcantes da Universidade (Datas festivas, Aulas de Sapiência, Graduações, Simpósios e outros momentos do calendário académico tomista).

No dia da inauguração da Universidade, 7 de Março de 2005, Sua Eminência o Cardeal Dom Alexandre disse uma frase que impactou e repercutiu muito na imprensa: “Hoje abre-se uma nova página na vida do país; é o concretizar de um sonho que persigo há anos – criar uma Universidade Privada que vai providenciar uma educação de qualidade aos moçambicanos e às moçambicanas de todo o país a um custo baixo (...) E neste processo alegro-me por ver que as mulheres disseram sim estão aqui representadas. Num futuro breve, mulheres de todo o país e mesmo sem rendimentos altos poderão se formar e ajudar o país a desenvolver”. Na altura, para muitos, isto soou como discurso de ocasião e de marketing, mas o tempo foi se encarregando de corroborar as palavras do patrono.

Repetidamente, durante as suas visitas e sessões de aconselhamento com estudantes, Dom Alexandre dizia que o grande problema do país era o nível de pensamento produzido – um pensamento incapaz de gerar transformação na vida dos

moçambicanos.

“Viajei muito e conheci muitos países do mundo. Tive contacto com várias realidades e nas minhas reflexões identifiquei alguns dos problemas do país – a falta de uma educação de qualidade e com alicerces humanísticos e éticos. Moçambique é um país rico, mas não tem mentes capazes de transformar a sua riqueza. Eu quero que, da minha universidade, saiam pessoas com um diferencial na sociedade”

Durante a cerimónia de lançamento do projecto Dondza, no ano de 2007, aqui na Universidade, Sua Eminência encorajou os proponentes do projecto e exortou aos estudantes a investirem muito na ciência sem, contudo, se esquecerem da fé. Segundo ele, e a rica tradição tomista, o homem ainda que muito instruído, se não tiver religião dentro de si e ética para o orientar, pode ser um perigo para a sociedade.

E continuou dizendo: *“Temos vastas terras, ricas e férteis, capazes de produzir e fornecer alimentos a muitos países vizinhos. Não sei porque vamos comprar comida na África do Sul. A nossa agricultura deve produzir alimentos para todos moçambicanos se alimentarem e ultrapassarem essa barreira alimentar. Se não nos alimentarmos, bem não teremos força para pensar e transformar o país”*.

Em 2010, vivemos um momento ímpar na vida da Universidade – um marco sem igual, onde o patrono testemunhou a graduação da primeira geração de graduados da USTM – geração esta que ele apadrinhou de geração de ouro da USTM. Durante a sua intervenção, Sua Eminência disse: *“É preciso sonhar este país e fazer com que esta geração de graduados assuma a responsabilidade de desenvolver o país de forma altruísta. Cada um de vós deve se comprometer em abraçar este sonho e fazer dele uma causa e um compromisso”* (Primeira Graduação de estudantes da USTM - 2010)

7. Um Arauto da Emancipação da Mulher

O processo de emancipação no país não é tão an-

tigo e já no período que antecede a independência nacional, bem como no período pós-independência, nota-se uma preocupação concreta com a temática da emancipação. Na altura, Moçambique era um estado unitário e o partido era sinónimo de Governo – e o então Presidente da FRELIMO⁴, o Marechal Samora Machel já dizia “A emancipação da Mulher não é um acto de caridade, não resulta duma posição humanitária ou de compaixão. A libertação da Mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia da sua continuidade, uma condição do seu triunfo.”

Portanto, assistiu-se a um tímido processo de empoderamento da Mulher. Um processo mais político e com directivas claras. Estavam assim lançadas as bases partidárias para a Mulher tomar o lugar que a colocaria em posição de destaque.

Empoderar a mulher foi sempre debate em ciclos fechados e foi olhado com certa desconfiança por parte de alguns devido a preconceitos, construções sociais e culturais. Posição ligeiramente diferente veio da Igreja, então liderada pelo Arcebispo de Maputo – o Cardeal Dom Alexandre.

De forma atenta, como que um fiel tomador de notas, escutei de forma sistemática a preocupação de Sua Eminência em ensaiar o exercício provocativo de colocar a Mulher no centro de tomada de decisão por via da educação e da participação activa. Acreditava ele, que era um processo longo e lento, mas que daria frutos de forma infalível, caso houvesse continuidade.

Numa das graduações da USTM (a primeira da Delegação de Xai Xai em 2012), dirigida pelo então Governador da província de Gaza – Senhor Raimundo Diomba, Sua Eminência tomou em intervenção, o microfone e com muita calma disse: *“No passado eram os homens em cima das mulheres. (pausa). Agora vejo uma mudança de direcção e, as mulheres estão a começar a ficar*

em cima (risos). E serão vocês mulheres que irão dirigir a universidade e o futuro deste país, porque foram munidas de conhecimento científico e ferramentas éticas”. Numa clara alusão ao facto de a população de estudantes do sexo feminino estar a aumentar e que a representatividade feminina era algo notável. Para muitos uma simples piada, mas o repto estava lançado, como quem por outras palavras dissesse – Mulheres é chegada a hora de fazerem mudança – ocupem o vosso lugar.

Não foi um discurso de ocasião apenas, foi um discurso que foi repetido inúmeras vezes nas suas intervenções subseqüentes.

A nível da instituição da qual Sua Eminência é fundador e patrono, os números da população de estudantes talvez sejam sintomáticos da densidade demográfica do país, mas algo não escapa à vista dos mais atentos – a valorização, integração e promoção da mulher nas políticas da USTM: Seja na promoção de bolsas, na priorização na selecção e nomeação e indicação para funções. Felizmente Sua Eminência viveu e viu seu sonho e sua luta se tornar realidade, tanto a nível da Congregação que fundou e dirigiu, como a nível da Universidade que é patrono. E se for feita uma pesquisa e um inquérito a nível dos graduados, poderemos num futuro breve aferir o número de graduadas formadas pela USTM e em posição de destaque em várias organizações da nossa sociedade.

A realidade, a nível institucional é, sem dúvidas, parte do legado deixado por Sua Eminência – e estou certo de que este legado vai se expandir pela nossa sociedade e quiçá um dia possamos dizer de forma inequívoca que a semente que foi lançada, virou planta e depois árvore que deu frutos para o nosso belo Moçambique.

⁴ FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

8. A Filosofia como Ferramenta Ética de Transformação e Mudança de Paradigma Social rumo a uma maior emancipação

“A Boa educação é como uma moeda de ouro: tem valor em toda a parte. *James P. Lenfestey*”

Um dos principais cartões de visita da USTM, instituição da qual sua Eminência é patrono e fundador é a luta pela excelência acadêmica – herança da rica tradição de Santo Tomás de Aquino (filósofo e teólogo medieval). Um dos pilares desta excelência acadêmica é a pesquisa acadêmica alicerçada, em vectores humanistas e éticos. A Filosofia, a Ética e Deontologia, e as diferentes abordagens humanísticas existentes nos cursos são um distintivo que deve ser capitalizado não só pelo corpo docente como pelo corpo técnico-administrativo e só assim poderão gerar a apropriação dos estudantes e da sociedade a qual eles são porta-vozes.

A ideia central é desenvolver o espírito crítico-reflexivo e ético em todos os campos do saber e inculcar um pensamento de maior responsabilidade social e alteridade. Há um ganho e um distintivo que Sua Eminência deixa como legado – O ensino da ética fundamental em todos os cursos. Graduados iniciados e socializados nesses domínios, desenvolvem ferramentas únicas e têm uma dimensão própria do saber SER, FAZER, e ESTAR na e para a sociedade. – Este é um distintivo que deve ser valorizado e mantido.

O Ensino de Filosofia e encarado com muita desconfiança, primeiro pela incerteza e depois pela fraca percepção sobre a sua validade e utilidade a nível da sociedade, foi uma aposta arriscada, mas quanto a mim muito acertada. Foi alvo de cepticismo e críticas, mas criou uma massa pensante, crítica e interventiva que olha para o país, a sociedade e para a mulher, em particular, de forma valorativa e não depreciativa. Particularmente olho para a Filosofia como um curso combatido por quem não o conhece e elogiado por quem o experimentou, e vejo nele uma das

portas para o convite à emancipação do homem, em geral e da mulher, em particular.

9. Desafios da manutenção do legado de Sua Eminência e Recomendações

“Quem não vive para servir, não serve para viver” Mahatma Gandhi

O principal desafio que aponto é a imortalização do legado de Dom Alexandre. É preciso fazer sua vida e obra transporem o tempo e as gerações. É preciso fazer com que tudo o que aprendemos dele e com ele, seja usado para transformar a nossa sociedade. É preciso gerar apropriação e replicar seus ideais. Os seus ideais devem ser apropriados por todos e por cada um de nós. Seu humanismo, Filosofia, religiosidade, e ontologia devem ser objecto de estudo e de produção literária. Iniciativas como esta conferência são bastante úteis para a manutenção da filosofia do Dom Alexandre em nossos pensamentos e em nossas acções quotidianas.

Sendo uma Universidade de Pesquisa, a USTM deve capitalizar ainda mais o seu background e fazer dos seus cursos de Pós-Graduação e da sua Extensão Universitária uma referência no país, através da criação de oportunidades para a integração do género em todas as suas dinâmicas e incorporação de temáticas actuais que impedem a inserção da mulher na sociedade e na vida política do país.

E a principal recomendação é que Dom Alexandre deve viver, em cada um nós, de forma muito profícuca, através da oração, da conciliação da fé (teológica) e da razão (filosófica). Só assim, poderemos celebrar o tomismo como comunhão e como ecumenismo e como uma reunião de homens e mulheres, ciosos e comprometidos com o progresso da ciência, da humanidade e do país.

Bibliografia

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica (SummaTheologiae)*. Trad. por A. Correa. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980. A 1ª parte (S.Th. I) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/1817>; a 1ª da 2ª parte (S.Th. I-II) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/10>; a 2ª da 2ª parte (S.Th. II-II) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/3290>; já a 3ª parte (S.Th. III) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/27>. Acesso em 26/10/2015. _____.

Suma Teológica. Tradução de Aldo Vannucchi, OP et alii. Tomo I-IX São Paulo: Loyola, 2002. _____ . *Suma Contra os Gentios*. Tradução de Odilão Moura. 1º Vol. Porto Alegre: EST, 1990; 2º Vol. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

AQUINO, Tomás de. *Suma teológica. Primeira Parte. Vol. I*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 693p. _____ *Suma Teológica. Primeira Parte. Vol. II*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 894 p.

_____ *A unidade do intelecto, contra os averroístas*. São Paulo: Paulus, 2016. 77 p.

BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Trad. Ed. Contraponto, Puc-Rio, 2006.

MACHEL, Samora. *A Libertação da Mulher é uma Necessidade da Revolução, Garantia da sua continuidade, Condição para o seu triunfo*, Coleção de Estudos e Orientações, departamento de trabalho ideológico da FRELIMO, 1979



O sucesso do estudante é o nosso sucesso!

Siga-nos



+25884320365 2

ustm@ustm.ac .mz

www.ustm.ac .mz

Av. Ahmed Sekou Touré, n° 610